



UNICAMP

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

REBECCA ANDRADE DA SILVA COSTA

**IMPLICAÇÕES PROSÓDICAS DA ORALIDADE NO USO DA
VÍRGULA: UMA INTERFACE ENTRE FONOLOGIA E
SINTAXE**

CAMPINAS

2019

REBECCA ANDRADE DA SILVA COSTA

**IMPLICAÇÕES PROSÓDICAS DA ORALIDADE NO USO DA
VÍRGULA: UMA INTERFACE ENTRE FONOLOGIA E SINTAXE**

**Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre em
Linguística.**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Bernadete Marques Abaurre

**Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida
pela aluna Rebecca Andrade da Silva Costa e orientada pela Prof^ª
Dr^ª Maria Bernadete Marques Abaurre.**

CAMPINAS

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Dionary Crispim de Araújo - CRB 8/7171

C823i Costa, Rebecca Andrade da Silva, 1994-
Implicações prosódicas da oralidade no uso da vírgula : uma interface entre fonologia e sintaxe / Rebecca Andrade da Silva Costa. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Maria Bernadete Marques Abaurre.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua portuguesa - Pontuação. 2. Análise prosódica (Linguística). 3. Fonologia. 4. Língua portuguesa - Sintaxe. I. Abaurre, Maria Bernadete Marques. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Prosodic implications of orality in use of comma : an interface between phonology and syntax

Palavras-chave em inglês:

Portuguese language - Punctuation

Prosodic analysis (Linguistics)

Phonology

Portuguese language - Syntax

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Maria Bernadete Marques Abaurre [Orientador]

Maria Filomena Spatti Sândalo

Cynthia Tomoe Yano

Data de defesa: 28-06-2019

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-4687-813X>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/0467353687195127>



BANCA EXAMINADORA:

Maria Bernadete Marques Abaurre

Maria Filomena Spatti Sândalo

Cynthia Tomoe Yano

**IEL/UNICAMP
2019**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

Dedico este trabalho à D. Graça e seu Paixão, meus avós, os quais, em sua simplicidade, humildade e infinita sabedoria, ensinaram-me que a pesquisa e o ensino devem ser acessíveis para todos e que nós, professores e acadêmicos, não podemos esquecer para quem nosso trabalho é.

AGRADECIMENTOS

Ao final desta caminhada, os agradecimentos àqueles que foram meu esteio durante esses tempos se fazem indispensáveis.

Primeiramente, agradeço ao Marcelo, meu esposo, melhor amigo e companheiro de vida. Obrigada por enxugar as eventuais lágrimas, compartilhar risadas comigo e por apoiar a minha caminhada profissional. Cada vírgula desse trabalho tem uma parte sua e eu sou grata por tudo.

Agradeço aos meus pais, Ricardo e Kelly, pois, sem a força e o sacrifício deles, eu não teria chegado a lugar algum. Ainda tenho uma grande jornada a percorrer, mas sei que terei o amparo e o amor deles seja qual for o desafio, como foi a cada dia do tempo de mestrado.

Ainda agradecendo a minha família, não poderia deixar de agradecer aos meus avós, que são duas das pessoas mais incríveis desse mundo. Com a simplicidade e humildade deles aprendi muito. Todo passo que eu der é para e por vocês, que lutaram muito para que seus filhos e netos tivessem oportunidades diferentes na vida e sempre valorizaram a nossa educação e eu prometo que lutarei para que muitos outros tenham a mesma possibilidade que eu tive.

Agradeço a Samantha, minha prima e melhor amiga, por todo o apoio nos dias ruins, mesmo à distância, e à Deborah e Rinaldo, tios que eu adoro, por todo o cuidado e pela paciência nos diversos momentos em que eu devia estar, mas não pude. Sempre será muito importante para mim a lembrança da compreensão de vocês quanto ao meu trabalho.

Faço um agradecimento especial ao Carlos Renato, que passou de orientador a um de meus melhores amigos. Obrigada por todo o apoio nessa trajetória, por me incentivar a iniciar o mestrado e a não desistir disso tudo. Além disso, agradeço à Anni, amiga maravilhosa que, por diversas vezes, compartilhou suas dores e alegrias do momento que vivia, o qual era muito semelhante. Teu apoio foi inestimável e eu sempre agradecerei por isso.

Aos amigos em Manaus, agradeço muito por todo o carinho e apoio que recebi longe e perto de vocês. Faço um agradecimento especial a minha amiga Juliana, por ajudar a aliviar minha carga em alguns momentos, e à Laryssa, uma pessoa linda que nunca deixou de acreditar em mim. Obrigada por tudo, queridas.

Durante minha estadia em Campinas, fui muito bem acolhida por pessoas incríveis, que me deram suporte a cada desafio, além de proporcionar momentos alegres quando a saudade de casa apertava. Queria dedicar um texto inteiro a cada um de vocês, mas o espaço não me permite. De qualquer forma, agradeço à Sâmela, Felipe, Martinha, Lucas, Gisele, Izabella, Hellen, Diego, Camille, Paulo e a todos os outros amigos que ou estão em Campinas ou espalhados pelo mundo por estarmos juntos nessa.

No que diz respeito à dissertação, tive a contribuição inestimável de professores e professoras incríveis que ajudaram muito na construção desse texto. Faço um agradecimento especial às professoras Filomena, Charlotte e Chyntia pela atenção dedicada ao trabalho e suas contribuições para ele. Também sou grata à professora Bernadete Abaurre pela orientação nesses anos de pesquisa e por sempre me direcionar a buscar o melhor para o trabalho.

Agradeço à Unicamp, essa universidade incrível que acolhe gente de todo o Brasil, pela oportunidade de desenvolver essa pesquisa dentro do Instituto de Estudos da Linguagem. Dentro desse espectro, também agradeço ao CNPq pelo financiamento dessa pesquisa durante o tempo do mestrado.

Por fim, meu agradecimento primordial é a Deus, que me deu a oportunidade de viver tudo isso e contar com cada uma dessas pessoas – aqui citadas ou não – durante cada momento do antes, durante e depois desse período. Eu te agradeço pela Tua infinita bondade, Pai, e te peço que o fim desse projeto seja o início de outras realizações. Que assim seja.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a influência da oralidade no ato de pontuar graficamente os textos escritos através da análise do uso e da presença de sinais de pontuação como marcadores prosódicos, e não sintáticos. Para tanto, os trabalhos de Abaurre (1991) e Chacon (1998) são essenciais para possibilitar tal fundamentação. A partir disso, buscaremos fazer uma análise da forma como a pontuação é vista por diversos teóricos da linguagem, tendo por base Corrêa (1994; 1997), principalmente, além da visão de autores como Piacentini (2009), Bechara (1999) e Cegalla (2005) sobre a pontuação de acordo com as gramáticas normativas. Por fim, os trabalhos de Nespor e Vogel (1993; 2007), Pontes (1981; 1987), Fernandes (2007) e Truckenbrodt, Sandalo e Abaurre (2009) nos permitirão fazer a análise do *corpus* selecionado para essa pesquisa por meio da teoria da Fonologia Prosódica e das generalizações sobre o tópico no português brasileiro. Pretendemos sustentar a premissa de que, no estudo da interface entre fonologia e sintaxe, a pontuação é realizada, muitas vezes, por meio de regras prosódicas, portanto rítmicas, e não unicamente sintáticas. De forma geral, o objetivo de nosso trabalho é analisar como o ritmo da língua reflete na produção da frase escrita a partir do uso da pontuação em períodos retirados de textos escolares. Também é de nosso interesse estabelecer uma relação de interface entre sintaxe e prosódia, procurando levantar evidências de que a estrutura de uma e de outra, relacionadas, mas divergentes entre si, manifestam-se na escrita do falante, quando os marcadores gráficos não parecem obedecer às regras da primeira. Acerca dos resultados da pesquisa, foi possível observarmos, por meio de uma análise do *corpus* selecionado, que os períodos nos quais encontramos marcadores gráficos sendo utilizados de forma que não coincidem com as regras de pontuação estabelecidas pelos manuais e gramáticas de língua portuguesa brasileira coincidem, muitas vezes, com limites de constituintes prosódicos, normalmente ao final de uma frase fonológica (ϕ), sendo que a utilização dessa vírgula parece forçar a criação de um I. Além disso, percebemos que, a respeito do uso de vírgula entre sujeito e predicado, há uma evidência de que a recorrência nesse desvio – um dos mais abundantes em nosso *corpus* - indica a tendência à topicalização no português brasileiro. A presença de um acento tonal logo após o constituinte no qual está inserido o sujeito mostra a presença do foco sobre ele, nos levando a refletir sobre tal tendência. Portanto, notamos que a marcação gráfica utilizada pelo produtor não coincide com as regras sintáticas de pontuação propostas pela norma padrão, mas, em contrapartida, pode ser justificada pelos fenômenos prosódicos ou, ao menos, coincide com estes.

PALAVRAS-CHAVE: Pontuação. Fonologia Prosódica. Hierarquia prosódica. Domínio prosódico. Topicalização. Foco.

ABSTRACT

This work intends to analyse the use of comma as in prosodic markers in Brazilian Portuguese speakers' high school compositions. Firstly, we aim to understand how the phonologists, including Corrêa (1994; 1997) and Piacentini (2009) and grammarians, specially Cegalla (2005), Bechara (1999), comprehend the comma in the Brazilian Portuguese writing. Secondly, we develop an analyze of the select phrases from those compositions in the light of the Prosodic Phonology works of Nespor and Vogel (1993, 2007), Pontes (1981; 1987), Fernandes (2007), Abaurre (1991), Chacon (1998) and Truckenbrodt, Sandalo and Abaurre (2009). This investigation intends to show the phonology and syntax interface may explain the punctuation of a Brazilian Portuguese speaker can be influenced by prosodic and rhythmic rules. Our general idea is to analyze the rhythm of the language influence on the punctuation of the Brazilian Portuguese students. It is also our interest to establish an interface between syntax and prosody, seeking to evidence their structures are manifested in the writting, when people do not use the comma according to the syntax rules. The results of this research show us the possibility of observe periods in which those students don't obey the rules established by the Brazilian Portuguese grammars, because actually their punctuation coincide, in most of cases, with a boundary of prosodic constituents at the end of a phonologic sentence (ϕ) and can create an intonation phrase I. Furthermore, we notice that the comma between subject and predicate – one of the most abundant in our *corpus* – may be an evidence of the topicalization in the Brazilian Portuguese syntactic structure. For that reason, the presence of a pitch accent immediately after the subject constituent may shows us the presence of the focus on it and make us considerate that propensity as a manifestation of Brazilian Portuguese prosodic phenomena.

ABSTRACT: Punctuation; Prosodic Phonology; Prosodic Hierarchy; Prosodic domain; Topicalization; Focus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PAPEL DO RITMO NA ESCRITA.....	14
1.1 O ritmo da escrita e sua relação com a sintaxe.....	15
1.2 A Fonologia Prosódica: uma proposta para a análise do ritmo na escrita.....	18
1.2.1 Frase fonológica (φ).....	21
1.2.2 Frase entoacional.....	22
1.2.3 Enunciado.....	24
1.3 A fonologia e a sintaxe: uma interação entre os constituintes da gramática da língua..	26
1.3.1 Alguns pontos sobre a topicalização no português.....	28
1.4 Palavras finais sobre o capítulo.....	31
A PONTUAÇÃO COMO MARCADOR GRÁFICO DO RITMO NA PRODUÇÃO ESCRITA.....	32
2.1 Principais premissas acerca da pontuação dentro dos estudos linguísticos.....	32
2.2 A pontuação na abordagem das gramáticas e manuais do português brasileiro.....	35
2.3 A pontuação como um indicador do ritmo na escrita.....	42
2.3.1 A pontuação como marcador prosódico.....	45
2.3.2 A não utilização da pontuação e a percepção prosódica.....	49
2.3.3 Algumas reflexões sobre a vírgula como o marcador de ritmo na escrita.....	50
2.4 Palavras finais sobre o capítulo.....	55
A VÍRGULA COMO INSTRUMENTO DA MARCAÇÃO DO RITMO DA FALA NOS ENUNCIADOS ESCRITOS: UMA INTERFACE ENTRE SINTAXE E PROSÓDIA.....	57
3.1 O <i>corpus</i>	58
3.2 Análise do <i>corpus</i> : a vírgula como o marcador de ritmo da escrita.....	61
3.2.1 A vírgula como marcador dos limites das unidades da hierarquia prosódica.....	62
3.2.1.1 A vírgula nos limites da frase entoacional (I).....	65
3.2.1.2 A vírgula entre sujeito e predicado: uma evidência da topicalização na escrita? .	68
3.2.1.2.1 Algumas informações sobre o teste aplicado.....	69
3.2.1.2 Análise das gravações.....	69
3.3. Palavras finais sobre o capítulo.....	80
SOBRE A NECESSIDADE DE UMA NOVA ABORDAGEM ACERCA DA AQUISIÇÃO DA ESCRITA NO ÂMBITO ESCOLAR: UMA REFLEXÃO A PROPÓSITO DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXOS.....	89

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, nosso objetivo principal é analisar a influência dos eventos tonais que ocorrem nos domínios da hierarquia prosódica na produção escrita, especificamente através da análise do uso de sinais de pontuação como marcadores prosódicos em redações escolares. Para isso, utilizar-nos-emos de uma vertente da teoria fonológica não-linear, a saber, a Fonologia Prosódica, a qual estuda o conjunto de unidades prosódicas acima da sílaba (CAGLIARI, 2002, p. 122). Por meio dos postulados de Nespor e Vogel (1993; 2007), principalmente, e, ainda, Abaurre (1996; 2003), Chacon (1998) e Corrêa (1994; 1997), pretendemos sustentar a hipótese de que a pontuação é realizada, em algumas ocorrências consideradas errôneas, a partir de critérios prosódicos, portanto rítmicos, e não unicamente sintáticos.

A ideia desta pesquisa surgiu a partir de um trabalho de Iniciação Científica que visava à análise da pontuação utilizada por produtores de comentários *on-line* na *homepage* e no perfil de *Facebook* do Portal A Crítica, cujo jornal impresso circula na cidade de Manaus-AM. Porém, a análise era realizada com base em estudos sobre a norma culta da língua *versus* ambiente virtual, bem como em estudos sobre gênero, tendo como referência as análises propostas por Marcuschi (2008) e Bakhtin (2003). Nessa perspectiva, a pesquisa levava em consideração o argumento de que a pontuação utilizada por esses produtores seria influenciada por fatores como o não domínio da norma padrão da língua (incluindo nisso as regras de pontuação). O que se observou, no entanto, é que o uso considerado incorreto dessa pontuação ocorre com uma certa sistematicidade, o que parece estar vinculado a fatores muito mais complexos do que simplesmente desvio da norma culta. O fato de períodos como o que segue apresentarem o uso da vírgula em sequências que constituem limites de pausas no conjunto do enunciado levaram-nos a refletir sobre a possibilidade de interpretar esse fenômeno de outra maneira.

1) Chegam, || se beneficia e depois, || vendem tirando proveito¹.

Observa-se que, apesar de esse uso consistir em erro no que concerne às regras de pontuação, nota-se uma marcação rítmica na qual, prosodicamente, pode haver uma pausa.

¹ Trecho de comentário encontrado no perfil de *Facebook* do Portal A Crítica. Fonte: <https://www.facebook.com/ACriticaCom/photos/a.200562873307534.50650.175887955775026/984333438263803/?type=1>

Daí surgiu a possibilidade de considerar que o uso da pontuação, em casos similares a esse, poderia estar relacionado à critérios prosódicos. Isto porque essa coincidência gráfico-fônica não passa despercebida ao que propõe a Fonologia Prosódica em termos de regras rítmico-acentuais no interior dos domínios da hierarquia prosódica. É por esse motivo que consideramos válido o tratamento desse problema por esse viés.

No decorrer da análise dos dados, observamos que a vírgula entre sujeito e predicado traziam, além da questão da relação entre fronteiras e a percepção de constituintes e contornos que podiam estar influenciando no uso da pontuação, um indício que se mostrou pertinente de olharmos com mais atenção, qual seja, o fato de que as construções com vírgula entre sujeito e predicado podiam estar evidenciando estruturas topicalizadas. Partindo desses fatores, sugerimos uma análise a partir de trechos do nosso *corpus* que foram submetidos à gravações e analisados no *Praat*, nos quais pudemos nos debruçar sobre essa questão a fim de verificar a possibilidade de que a vírgula nesse caso pode estar relacionada a contornos relacionados à topicalização e de que forma a fonologia e a sintaxe interagem nesse aspecto.

O *corpus* que utilizaremos para esta pesquisa será composto por períodos prosodicamente relevantes retirados de redações realizadas por alunos dos 1ºs e 2ºs anos do ensino médio, todos de uma mesma escola de ensino básico da rede privada de Manaus/AM. Nosso interesse se detém especificamente em seus rascunhos, nos quais acreditamos haver maior espontaneidade no ato de escrita. O motivo de escolha desse *corpus* repousa na possibilidade de encontrarmos períodos como os que se apresentam seguir:

- 2) João, estava deitado no meu colo, ele gostava de quando eu acariciava seus cabelos pretos e lisos.²
- 3) A Igreja Católica é a que mais possui seguidores ao redor do mundo, e mesmo assim é uma das mais criticadas.³

Em ambos os períodos – os quais foram extraídos dos textos escritos produzidos pelos alunos e que compõem nosso *corpus* – é possível observar que a pontuação utilizada não está de acordo com a norma-padrão, pois não se separa por vírgula o sujeito e seu predicado, que é o caso em 2), e não se utiliza a vírgula para separar orações coordenadas de mesmo sujeito unidas pela conjunção “e”, como ocorre em 3) (PIACENTINI, 2009). Porém, a marcação

² Texto 01_063

³ Texto 02_057

realizada nos mostra uma evidência de que o produtor deste texto, como falante, tem percepção dos contornos rítmicos de sua língua, utilizando-se de uma marcação que coincide com uma pausa ou um contorno entoacional. Parece-nos que nesses casos a pontuação é utilizada como marcador prosódico a partir das evidências rítmicas que a língua fornece. Encontramos nos enunciados analisados a posição da vírgula em locais que, em certos casos, podem coincidir com pausas ou contornos entoacionais, os quais também coincidem com os limites do constituinte prosódico da frase fonológica (I), que marca os contornos rítmicos da língua, o que evidencia o caráter prosódico da pontuação utilizada de forma não convencional às regras gramaticais de uso da pontuação. Os desvios de vírgulas sendo utilizadas entre sujeito e predicado também apontam para um indício de que essas construções são topicalizadas, fato que parece ser recorrente na língua portuguesa.

No primeiro capítulo deste trabalho, nós exporemos os apontamentos que teóricos da área da Linguística fizeram sobre o ritmo linguístico, a forma como o mesmo é concebido e de que maneira podemos analisá-lo, tendo em vista sua relação com o texto escrito. Reuniremos os posicionamentos de Allen (1968), Massini-Cagliari (1992), Abaurre (1996;2003) e Chacon (1998) para guiar nossa argumentação no que diz respeito ao ritmo linguístico, desde a sua concepção em um aspecto mais amplo ao ponto específico do ritmo na escrita. A partir disso, a reunião desses postulados teóricos nos levará à relação que propomos estabelecer entre o ritmo presente na linguagem escrita e a teoria da Fonologia Prosódica, que contribui para o estudo do ritmo das línguas. Com isso, refletiremos sobre a relação entre a prosódia e a sintaxe e sobre como tal relação pode nos levar a pensar em certos casos de desvios no uso de vírgulas como indícios da percepção rítmica do falante atuando em sua produção escrita.

No segundo capítulo faremos uma discussão acerca do problema central da pesquisa, que é, afinal, a pontuação – e, especificamente, a vírgula, como marcador da percepção rítmica em casos de desvios às regras de pontuações postuladas pelas gramáticas e manuais da língua portuguesa. Para isso, faremos um breve percurso pela criação dos sinais de pontuação e, em sequência, traremos as abordagens de alguns dos gramáticos e linguistas sobre esse recurso da língua escrita até o ponto de explorarmos alguns dos trabalhos na área de linguagens que tratam da relação dos sinais de pontuação com o ritmo no texto escrito, como Chacon (1998), Corrêa (1994; 1997) e Abaurre (1996; 2003).

Por fim, no terceiro capítulo, procederemos à análise do *corpus* que selecionamos para a pesquisa. A partir dos estudos sobre a Fonologia Prosódica de Nepor e Vogel (1986) e da

análise acerca do uso da vírgula em textos escritos de Soncin (2012) discutiremos como a vírgula não convencional, nos enunciados presentes em nosso *corpus*, pode estar relacionada à marcação dos contornos entoacionais percebidos pelo falante no texto escrito. Para isso, procederemos à análise dos enunciados escritos de forma a mostrar a interpretação acerca da organização prosódica que pode ser depreendida dos trechos. Porém, para fundamentar-nos e nos levar a refletir se essa relação entre o oral e escrito pode justificar outros fenômenos da língua, como a topicalização, faremos uso de alguns espectrogramas obtidos com o uso do programa *Praat*, no qual utilizaremos gravações dos enunciados coletados por nós, produzidos por falantes da língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PAPEL DO RITMO NA ESCRITA

A proposta deste capítulo é apresentar as ideias de diversos autores sobre a concepção de ritmo linguístico e sua relação com a sintaxe e sobre como ele pode ou não estar relacionado à escrita. Reuniremos alguns dos postulados de autores como Kato (1986), Abaurre (1996; 2003), Chacon (1998) e Massini-Cagliari (1992) a fim de relacionar o ritmo da escrita com a oralidade, isto é, discutir como os falantes transpõem suas impressões acerca do ritmo na fala para o texto escrito e de que forma tal percepção influencia sua produção nessa modalidade.

Nos estudos linguísticos, é recorrente a diferenciação feita pelos estudiosos entre características da linguagem escrita e a linguagem falada. É atribuída particular atenção aos estudos da linguagem oral, principalmente em oposição à norma padrão pregada pela gramática normativa, como pontua Kato (1986). É possível que tal enfoque encontre justificativa no fato de que a língua oral é o espaço das variações, ou, como observa Marcuschi (2008), o lugar do caos, enquanto que a linguagem escrita é vista como uma prática mais elitizada e, por consequência, seria o local da realização das normas. Tal fator pode influenciar um maior interesse dos estudos linguísticos a respeito de uma área em que há mais casos que podem ser considerados problemáticos (oralidade) em detrimento de outra que parece já ser satisfatoriamente sistematizada (escrita). No entanto, nas últimas décadas, a Linguística tem se mostrado também interessada nos estudos da escrita. De acordo com Kato (1986), “há hoje um interesse renovado pelo estudo da linguagem escrita, já com base no que se pensa saber sobre a linguagem oral. As concepções sobre esta, contudo, nem sempre são objetivas, pois (...) a linguística ocidental é fortemente preconceituosa em favor da escrita” (p. 11).

Com base em alguns autores, como Chomsky e Halle (1968) e Coulmas (1983), Kato (1986) fundamenta sua posição de que, por conta da realização mais sistematizada, com menor espaço para erros, a linguagem escrita seja um objeto de estudo menos desafiador para os linguistas. Porém, a autora argumenta que tais estudos só se tornam efetivamente satisfatórios no momento em que, com avanços em estudos da Psicolinguística, Análise do Discurso e Sociolinguística, os pesquisadores passam utilizar dados contextualizados, que mostram a real interação entre a fala espontânea e o sistema escrito. Tais reflexões nos levam a propor uma abordagem do sistema escrito sob o prisma do ritmo, aplicando-o à escrita. Os teóricos do ritmo da fala possuem inúmeros e relevantes trabalhos que se somam à discussão

de tal aspecto da linguagem. Nesse capítulo, levantaremos a questão de como o ritmo pode estar relacionado à sintaxe e caminharemos até fazer uma relação com a teoria da Fonologia Prosódica e algumas generalizações sobre a topicalização no Português Brasileiro.

1.1 O ritmo da escrita e sua relação com a sintaxe

A relação entre o ritmo da língua e a sintaxe não é uma questão desconhecida na área dos estudos linguísticos. Mesmo o problema referente à escolha do falante quanto ao uso da pontuação ligado a fatores de ordem prosódica e não sintática também não é um tema alheio à Linguística. Schwindt (2014, p. 161) afirma que “na escrita, algumas pessoas tendem a colocar uma vírgula entre o sujeito-tópico e o predicado da frase”. Ou seja, a questão do uso da vírgula sendo utilizada de maneira que não coincide com as estruturas sintáticas, de forma geral, já foi percebida e levantada por outros estudiosos nessa área, porém, na maioria das vezes, tratada por um viés sintático, mas não necessariamente prosódico, como o que aqui se propõe.

O surgimento das teorias não-lineares (como já citado por nós em outra seção deste trabalho) permitiu diversos avanços na área dos estudos linguísticos. A partir da proposta de Chomsky e Halle em *The Sound Pattern of English* (1968) para uma fonologia gerativa, as teorias não-lineares ganharam força nas discussões acadêmicas e, dentre as propostas dos autores supramencionados, surge o “pressuposto de que a sintaxe dos constituintes fonológicos deve ser representada hierarquicamente” (ABAURRE, 2003, p. 90). O avanço da teoria, segundo Abaurre (2003), também possibilitou o “desenvolvimento do que seriam os contornos de uma gramática do ritmo fonológico, com a definição dos esquemas reguladores que (...) impõem firmeza e limites à cadeia fônica” (p. 90), ou seja, pela primeira vez considerou-se uma gramática para o ritmo, o qual foi associado à sintaxe das línguas.

O ritmo, portanto, está intrinsecamente relacionado à sintaxe. Abaurre (1989) estabelece a relação entre o ritmo e a sintaxe das línguas, salientando como ambos os níveis da gramática estão intrincados no processo de aquisição da escrita das crianças.

Ritmo e sintaxe são intimamente associados. No processo particular de aquisição da escrita, a criança irá aprender progressivamente que o “ritmo da escrita” é predominantemente determinado pela coordenação e subordinação de estruturas

sintáticas elaboradas que prescindem de restrições temporais e contam fortemente com referências visual/espaciais (ABAURRE, 1989, p. 24)⁴.

Essa relação é percebida pelo escrevente e influencia a produção escrita. Ao escrever períodos e orações, o sujeito percebe que certos constituintes possuem, entre si, pausas e acentos, como fica evidente na fala. Nos textos de crianças, por exemplo, que são mais sensíveis a tais percepções, é possível encontrarmos a segmentação de seus textos escritos de forma a criar um espaço ou, até mesmo, passar de uma linha para a outra durante a escrita de um mesmo enunciado para ilustrar as possíveis pausas que existem entre as sentenças coordenadas e subordinadas, como se observa no exemplo a seguir:

1) A casa é bonita e boa
 A casa é bonita e bela
 dapala a jete mola dicasa
 e dapala a jete tabaia
 e jeca vare a casa poqe ele
 é pequeno pala tabaia ⁵

No entanto, é possível encontrar também vestígios da sensibilidade a essa percepção em textos de jovens e adultos, principalmente no que diz respeito ao uso da vírgula. Por mais que o avanço no conhecimento da linguagem escrita e suas normas traga maior monitoramento à produção escrita, em textos com maior espontaneidade existe a possibilidade de se encontrar a vírgula, especialmente, sendo utilizada em desconformidade com os usos postulados pela norma padrão.

O falante possui, segundo Chacon (1998), uma certa percepção natural de “alguns pontos de mudança nos contornos entoacionais de palavras ou de sentenças que parecem ter sido mais salientes (...), a percepção da correspondência entre fatos de natureza fônica, como os grupos tonais, e fatos de natureza semântica” (p. 73). Esse posicionamento do autor está relacionado à caracterização da dimensão linguística do ritmo, especialmente no que diz respeito aos fatores fonológicos desse fenômeno. Esses fatores podem servir como evidências acerca da percepção rítmica do sujeito influenciando o ato de escrita, percepção que o leva a

⁴ “Rythm and syntax are closely associated. In the process of writing aquisition , the child will progressively learn that the particular 'rythm of writing' is predominantly determined by coordination and subordination of elaborate syntatic structures wich dispense with temporal constraints and rely strongly on spatial/visual references”. (ABAURRE, 1989, p.24).

⁵ Exemplo retirado de Abaurre (1992).

ressaltar os pontos tonais, as pausas, as ênfases e quaisquer outras formas de marcação do ritmo da língua falada no texto escrito. Essa marcação, responsável por atribuir o ritmo ao texto escrito, seria representada por sinais gráficos, segundo Chacon (1998), os quais ressaltariam certas propriedades fônicas, como a sílaba, marcadas, quando necessário, pelos acentos gráficos, a fim de mostrar seu acento fonológico. Entre esses sinais gráficos, podemos também incluir os sinais de pontuação, que servem para evidenciar os aspectos rítmicos que o texto escrito pode vir a apresentar, como ênfases ou pausas. A vírgula, nesse sentido, serve ao propósito de passar à escrita a percepção rítmica do escrevente.

Por ter seu uso relacionado à sintaxe das línguas, a vírgula, certas vezes, se torna um aspecto confuso para o escrevente no momento da prática escrita. Nos enunciados escritos, o ritmo é estruturado de maneira muito específica. De acordo com Abaurre (1989), como foi supracitado, essa estruturação do ritmo na sentença escrita será realizada, no processo de aquisição da escrita, no momento em que a criança aprender que o ritmo presente na escrita é muito particular e é determinado principalmente pela coordenação e subordinação de estruturas sintáticas elaboradas que estão alheias a restrições temporais e levam em consideração sobretudo referências espaciais e visuais. Isso evidencia a estrita relação entre ritmo e sintaxe e possibilita a inclusão do papel da pontuação na respectiva representação do ritmo particular da escrita. A criança em processo de aquisição da escrita, não possuindo conhecimento específico acerca das estruturas sintáticas e sua correta representação escrita, acaba por ter uma escrita inicial na qual não se observam as características que a ela conferem o “caráter de verdadeira escrita” (CHACON, 1998, p. 74). É por ocorrer nesse momento em que a sintaxe da escrita ainda está em processo de aquisição que a produção gráfica das crianças frequentemente não apresenta o caráter de verdadeira escrita. Isso ocorre, segundo Abaurre (1996), pelo fato de que “os primeiros textos escritos das crianças não são verdadeiras amostras da linguagem escrita, apesar de elas já incorporarem, em graus variados, alguns elementos lexicais e/ou sintáticos típicos da linguagem escrita. Em diversos casos, a estrutura geral desses textos está muito próxima da linguagem oral” (p. 60)⁶.

O ritmo seria, portanto, um fator responsável por dar o movimento às estruturas sintáticas elaboradas no texto escrito. Corrêa (1994) pontua que esse movimento será

⁶ “Children’s initial written texts are not real specimens of written language, although they already incorporate, to a varying degree, some lexical and/or syntactic elements typical of written language. In many cases, the general structure of these texts closely resembles that of the spoken language.” (ABAURRE, 1996, p. 60).

explicitado, principalmente, por meio dos sinais de pontuação⁷, os quais confeririam ao texto escrito a fluência necessária para que se observasse o ritmo presente na escrita. Chacon (1998), levando em consideração as premissas de Corrêa (1994), aponta que, “em síntese, o ritmo da escrita estabeleceria articulações entre partes de um texto, criando para ele um movimento particular – o que possibilita destacar a intuição de Corrêa sobre a dimensão temporal do ritmo que chamamos (...) de tempo/movimento, caracterizada pela alternância entre unidades rítmicas” (ibid., p. 81). Os sinais gráficos seriam um dos responsáveis por essa articulação entre os segmentos do texto escrito, ressaltando, dessa forma, o ritmo no texto escrito. No entanto, o que se observa é que, em certos textos escritos, o escritor pode realizar a pontuação sem obedecer às regras sintáticas, o que não consiste necessariamente em desvio das regras gramaticais, mas sim, em um fenômeno que pode ser considerado ainda mais complexo, no caso, sendo esse uso guiado por fatores de natureza prosódica. É possível que o falante reconheça de tal modo os contornos rítmicos de sua língua que os representa graficamente, por meio dos sinais de pontuação, em seus textos mais espontâneos. Desse modo, o uso de sinais de pontuação, como a vírgula, em determinados casos, parece responder a tal percepção fonológica, não apenas sintática, manifestando-se claramente dentro de domínios que ultrapassam os limites da sintaxe. Tais limites, a nosso ver, serão satisfatoriamente representados e explicados justamente pela teoria fonológica que faz a interface entre fonologia e sintaxe, qual seja, a Fonologia Prosódica.

1.2 A Fonologia Prosódica: uma proposta para a análise do ritmo na escrita

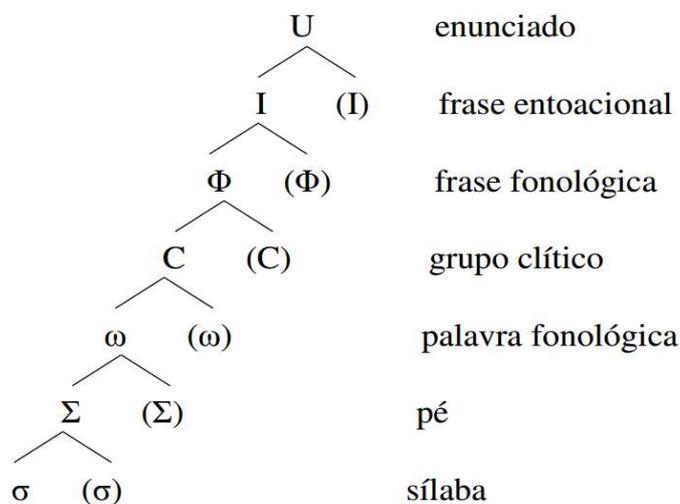
Entre as vertentes que surgiram com os modelos não-lineares, está a Fonologia Prosódica, que é “uma teoria sobre a forma como o fluxo da fala é organizado em um conjunto finito de unidades fonológicas” (NESPOR e VOGEL, 1986, p. 299)⁸. A teoria da Fonologia Prosódica surgiu com a necessidade de analisar questões que envolviam o acento fonológico acima da palavra lexical. Para isso, sua atenção recai nos fenômenos de ordem frasal, ambientados nos constituintes acima da palavra fonológica. O primeiro trabalho sobre Fonologia Prosódica foi realizado por Selkirk (1984), como fruto de seu doutoramento em

⁷ A questão dos sinais de pontuação e o ritmo da escrita será mais bem desenvolvida no capítulo segundo deste trabalho.

⁸ “... is a theory of the way in which the flow of speech is organized into a finite set of phonological units” (NESPOR & VOGEL, 1986, p. 299.)

1972. O trabalho desta autora e os estudos de Nespor e Vogel, (1986) são as principais referências no que diz respeito às questões pertinentes aos estudos da fonologia prosódica.

Essa teoria prevê a organização prosódica do enunciado por meio de uma cadeia hierarquicamente estabelecida de constituintes, na qual cada constituinte estará sob o domínio do constituinte imediatamente superior, havendo, entre eles, uma relação de dominância, de forma que o constituinte mais abaixo seja dominado pelo superior. A cadeia em questão é formada por unidades fonológicas, a saber, os sete domínios prosódicos, que são organizados da seguinte forma⁹:



A Hierarquia Prosódica é representada pelo modelo arbóreo acima. Segundo Hayes (1989), “a hierarquia prosódica de um enunciado é determinada por sua estrutura sintática, mas não é idêntica a ela” (p. 201)¹⁰. Isso se deve ao fato de existir uma relação entre sintaxe e fonologia, na qual as regras de uma nem sempre coincidem com as regras da outra, ou seja, alguns fenômenos sintáticos são explicados por fenômenos fonológicos, porém, os fenômenos fonológicos se apresentam em determinados contextos que só podem ser explicados se considerarmos uma cadeia sintática, como é o caso da frase. Essa hierarquia, portanto, tem por função definir os domínios nos quais se aplicam as regras da fonologia frasal.

Os constituintes da hierarquia prosódica são regulamentados por princípios básicos, descritos por Bisol (2014, p. 260) da seguinte forma:

i) cada unidade da hierarquia prosódica é composta por uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa;

⁹ Fonte: Bisol, 2014, p. 260.

¹⁰ “The Prosodic Hierarchy of an utterance is determined by its syntactic structure but not identical to it” (HAYES, 1989, p. 201).

ii) cada unidade está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;

iii) os constituintes são estruturas n-árias;

iv) a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s) e a todos os demais o valor fraco (w).

Por meio desses princípios, podemos compreender a dinâmica dos constituintes. Percebe-se que eles são unidades próprias, mas que, de certa forma, estabelecem uma relação entre si, visto que, em casos de reestruturações ocorridas em um domínio, por exemplo, o fenômeno que acontece nesse nível pode afetar alguma unidade superior na hierarquia.

Dentro dos domínios prosódicos, é possível observar a ocorrência de diversos processos fonético-fonológicos, bem como as influências do ritmo da língua na cadeia da fala, como é o caso do domínio da frase entoacional (I), no qual encontraremos a manifestação dos contornos entoacionais, segundo Nespor e Vogel (1986). Os fenômenos de sândi, por exemplo, são os processos mais recorrentes dentro dos domínios prosódicos. Esses fenômenos manifestam-se em determinados domínios e, quando ocorrem, levam à reestruturação dos constituintes. Para exemplificar, podemos estabelecer, de acordo com Bisol (2014, p. 267), que “umas das regras de sândi externo que tem por domínio a frase fonológica é a degeminação, embora também se aplique em outros domínios”. A degeminação é o processo fonológico que ocorre quando uma sequência de duas vogais idênticas é reduzida a apenas uma, como podemos observar no exemplo a seguir:

[frutas] φ [que eu] φ [nunca havia visto] φ
 [‘nunkavia vistu]

Esses fenômenos só podem acontecer a partir de uma reestruturação nos domínios prosódicos mais baixos da hierarquia prosódica (grupo clítico e frase fonológica – cf. a seguir). A relação com a unidade sintática é desfeita devido à perda de uma sílaba, formando um único segmento que fica sob o domínio do acento principal. Sem os limites, as palavras perdem sua identidade e formam uma única frase fonológica sem limites internos: [[nunca]C [havia]C [visto]C] que, reestruturado, formou [nunkavia vistu].

A fonologia prosódica lida especificamente com as categorias prosódicas fonologicamente relevantes que envolvem domínios mais extensos do que a palavra fonológica, que seriam os domínios acima da palavra fonológica. Aqui, a fim de abordar os

conceitos principais que serão pertinentes para o trabalho, os constituintes detalhados serão a frase fonológica (φ), a frase entoacional (I) e o enunciado (U). Esses domínios serão mais bem detalhados justamente por serem o lugar onde ocorrem os fenômenos de ordem frasal.

1.2.1 Frase fonológica (φ)

A frase fonológica (φ), segundo Bisol (2013), “é a unidade fonológica constituída de um X, cabeça lexical, N, V ou A que congrega todos os elementos de seu lado recursivo, palavras fonológicas ou grupos clíticos” (p. 66). Ou seja, esse domínio congrega todos os níveis inferiores a ele na hierarquia prosódica. A frase fonológica não possui relação de isomorfia com a frase sintática - porém, podem ser coincidentes - e será guiada, principalmente, pela proeminência relativa, portanto, o que é relevante para a aplicação de uma regra fonológica nesse domínio é a posição da palavra e não sua natureza.

No que diz respeito à proeminência relativa que guia a formação da frase fonológica, de acordo com Nespor e Vogel (1986), temos que “em línguas cujas árvores sintáticas são ramificadas à direita, o nó mais à direita de φ é considerado *s*; em línguas cujas árvores sintáticas são ramificadas à esquerda, o nó mais à esquerda de φ é considerado *s*. Todos os nós irmão de *s* serão considerados *w*”¹¹ (p. 168). É importante acrescentar que *s* (*strong*) e *w* (*weak*) são rótulos relacionados aos acentos dentro do domínio de φ . No enunciado [o dia] φ [sombrio] φ [entristecia] φ [o solitário viajante] φ ¹², temos a distribuição das frases fonológicas em um enunciado. Nesse caso mostrado, entendendo que é um enunciado não marcado, seguem-se as generalizações da língua ao analisar o enunciado com um todo. Porém, é possível que nesse período haja reestruturação se um acento específico for marcado ou se houver a inserção de um outro φ não ramificado (BISOL, 2014, p. 267). O enunciado acima, por exemplo, pode ser descrito como [o dia sombrio] φ [entristecia] φ [o solitário viajante] φ no caso de reestruturação.

¹¹ “(...) in languages whose syntactic trees are right branching, the rightmost node of () is labeled *s*; in languages whose syntactic trees are left branching, the leftmost node of () is labeled *s*. All sister nodes of *s* are labeled *w*”.

¹² Vale acrescentar aqui que, segundo Bisol (2014, p. 267), baseando-se em Nespor e Vogel (1986), nas línguas românicas, os adjetivos tendem a vir à direita do nome que qualificam no caso não marcado e, nessas condições, os adjetivos devem ser considerados como uma cabeça lexical e o nome, outra (portanto, cada um seria uma frase fonológica). Porém, é possível que eles ocorram à esquerda do nome; nesse caso, nome e adjetivo formariam uma frase fonológica só.

Dentro da frase fonológica, uma das regras de sândi que encontra melhor espaço de realização nesse nível é a degeminação (já citada por nós previamente). Quando os processos fonológicos acontecem entre duas frases fonológicas, elas se tornam apenas um φ . Porém,

o sândi no interior da frase fonológica está diretamente relacionado à reestruturação de unidades prosódicas imediatamente mais baixas (...) qualquer relação com a unidade sintática correspondente que porventura tenha é desfeita, pois perde-se uma sílaba na sequência de duas e a restante fica sob o domínio do acento principal (...) ao perderem-se os limites (sílabas), os vocábulos perdem sua integridade e o resultado é uma frase fonológica sem limites internos (BISOL, 2014, p. 268, parênteses nosso).

Portanto, quando são resultados de processos que ocorrem entre palavras fonológicas ou grupos clíticos, as mudanças que ocorrem nesses níveis não afetam os limites da frase fonológica, apenas os limites dentro do próprio nível, que se torna um domínio sem limites em seu interior.

1.2.2 Frase entoacional

No domínio superior, temos a frase entoacional (I), que pode ser definida como “um conjunto de φ 's ou apenas um φ que porte um contorno de entoação identificável” (BISOL, 2014, p. 268). Nesse domínio, identificam-se os contornos entoacionais cujos limites constituem o local onde, normalmente, são inseridas pausas. Segundo Nespor e Vogel (1986, p. 186), a frase entoacional “agrupa um ou mais φ 's com base em informações sintáticas, mas (...) a natureza dessas informações é muito mais generalizada do que a que é necessária para a definição do domínio de φ ”¹³. Além dessas informações sintáticas que são necessárias para a formação do domínio de I, há também fatores semânticos desempenhando papéis nessa constituição, bem como fatores de *performance*, como a taxa de elocução, estilo e diversos outros fatores que possam modificar os contornos entoacionais que constituem o enunciado como um todo. Portanto, quando se trata de definir a frase entoacional, é preciso considerar a variabilidade desse domínio.

A formação da frase entoacional é baseada no fato de que esse nível “é o domínio dos contornos entoacionais e que o fim das frases entoacionais coincide com a posição onde as pausas são inseridas na sentença”¹⁴ (NESPOR E VOGEL, 1986, p. 188). Segundo as autoras,

¹³ “(...) groups together one or more φ 's on the basis of syntactic information, but as will be seen below, the nature of this information is more general than that needed for the definition of the φ domain”.

¹⁴ “(...) is the domain of na intonation contour and that the ends of intonational phrases coincide with the positions in wich pauses may be introduced in a sentence”. (NESPOR E VOGEL, 1986, p. 188).

é possível observar que há algumas estruturas que, quando colocadas numa sentença, obrigatoriamente constituem um domínio de frase entoacional, são elas, as expressões parentéticas, orações explicativas, expressões interrogativas, vocativos, expletivas e elementos movidos. Quando tais estruturas existem numa sentença, elas formam uma frase entoacional. Porém, quando temos sentenças sem a presença dessas estruturas, a noção sintática relevante para a formação do nível de I seria a estrutura da sentença, especificamente da ordem básica de estruturação das frases – em português, a estrutura canônica seria SVO. Nos exemplos a seguir, que apresentam frases do inglês, é possível observar esses casos. Em uma sentença com a estrutura considerada padrão para a língua (o inglês, no caso dos exemplos), os limites dessa sentença constituem um I, como ocorre em (b); uma sentença cuja estrutura não seja canônica, não forma um único I, pelo contrário, pode possuir limites internos que se constituem em um ou mais I's, como em (a).

a) [Isabelle is] _I [as you know] _I [an artist] _I.

b) [_I Billy thought his father was a merchant and his mother was a secret agent] _I¹⁵

De acordo com Nespor e Vogel (1986), os casos em que uma sentença de estrutura padrão não constitui um único I seriam as sentenças cujas estruturas padrões são quebradas pela inserção de uma das estruturas que obrigatoriamente constituem um I quando presentes na frase, já citadas anteriormente, e que podem ser observadas nos exemplos¹⁶ a seguir:

c) My brother [who absolutely loves animals]_I just bought himself an exotic tropical bird.

d) Isabelle [as you know]_I is an artist.

Com base nessas questões, as autoras julgam ser possível determinar a seguinte definição para a formação do domínio de I:

1) Domínio de I

Um domínio de I consiste em: a) todos os ϕ 's em uma cadeia que não está estruturalmente anexada à árvore da sentença no nível da estrutura da sentença ou b) qualquer sequência remanescente de ϕ 's adjacentes em uma sentença raiz.

2) Construção de I

¹⁵ Exemplo de Nespor e Vogel, 1986, p. 189.

¹⁶ *Idem.*

Una em uma ramificação n-ária I todos os ϕ 's incluídos em uma cadeia delimitada pela definição do domínio de I.¹⁷

O constituinte da frase entoacional normalmente coincide com um constituinte sintático. Porém, essas estruturas não são, necessariamente, isomórficas. É possível que o limite da frase entoacional nem sempre seja o mesmo de um constituinte sintático da sentença. Muitas vezes, as estruturas que são inseridas no interior de sentenças e que formam um I obrigatoriamente podem formar cadeias que não sejam isomórficas com os constituintes sintáticos, o que ocorre a partir da reestruturação do domínio de I, como é possível observar nos enunciados a seguir:

e) [_IHe will never]_I [_Ias I said]_I [_Iaccept your proposal]_I

f) [_ICharles wouldn't]_I [_II imagine]_I [_Ihave done such a thing]_I.¹⁸

Nessas sentenças, as expressões parentéticas inseridas formam, como devem, um I dentro da sentença padrão e as partes adjacentes da cadeia formam também outros constituintes. Porém, nesses enunciados em que ocorreu a reestruturação de I, percebem-se formações que criaram I's que não coincidem com as estruturas sintáticas da sentença, mostrando que o domínio de I pode, nesse sentido, variar de acordo com as escolhas que o falante faz no que diz respeito à inserção de expressões que podem afetar a estrutura da sentença em sua sintaxe e, até mesmo, em seu ritmo, pois tais alterações na estrutura da sentença padrão modificam os contornos entoacionais identificáveis no enunciado, podendo criar um padrão rítmico diferente.

1.2.3 Enunciado

Por fim, temos o enunciado (U), que é o constituinte mais alto da hierarquia prosódica. Esse domínio agrega todos os constituintes abaixo dele, desde a sílaba até o domínio imediatamente inferior a ele, a frase entoacional (I). Seu domínio se estende até o nó mais elevado de uma árvore sintática (X^n). Portanto, o enunciado é “delimitado pelo começo e fim do constituinte sintático X^n , formado de todos os I's, que correspondem a X^n ” (BISOL, 2013,

¹⁷ “I. I domain. An I domain may consist of a) all the ϕ s in a string that is not structurally attached to the sentence tree at the level of s-structure or b) any remaining sequence of adjacent ϕ 's in a root sentence. II. I construction. Join into na n-ary branching I all ϕ s included in a string delimited by the definition os the domain of I” (NESPOR E VOGEL, 1986, p. 190).

¹⁸ Exemplos de Nespor e Vogel (1986, p. 190).

p. 68). Além disso, a pausa, aqui, se constitui como o elemento que delimita os limites de U. É importante ressaltar, no entanto, que um enunciado (U) inteiro pode vir a ser diferente de uma estrutura sintática X^n inteira. Dessa forma, fica evidente, nesse domínio, a importância de se ter uma teoria que aborde os fenômenos fonológicos especificamente, em questões que se mostram discrepantes da estrutura dos constituintes sintáticos. Como pontuam Nespore e Vogel (1986), “no nível mais alto da análise fonológica, nós encontraremos uma interação entre vários componentes da gramática, uma interação que tem implicações não apenas para a organização da fonologia, mas também para a organização da gramática em geral”¹⁹ (p. 221), visto que essas relações se dão entre vários dos constituintes da gramática, especialmente entre a fonologia e a sintaxe.

A respeito da não isomorfia entre o enunciado e a sentença sintática, Nespore e Vogel (1986) usam a regra do *Flapping* no inglês americano para mostrar que nem sempre o enunciado vai coincidir com apenas uma estrutura sintática X^n . Basicamente, a regra de *flapping* ocorre nos segmentos /t/ ou /d/, transformando-os em /r/ quando ocorrem entre um segmento [-consonantal] e uma vogal. Porém, quando esse encontro ocorre entre duas sentenças diferentes, a regra também se aplica, como é o caso do exemplo²⁰ a seguir:

a) Have a seat. I'll be right back -> ... sea[r] I'll ...

Esse caso mostra que regras como o *flapping* não são sensíveis aos limites sintáticos e às informações de seus constituintes. Além disso, deixam evidente que o enunciado pode não ser isomórfico à estrutura sintática de uma sentença e, portanto, não é um domínio supérfluo, que pode ser simplesmente substituído pelo X^n que engloba os constituintes sintáticos. Pelo contrário, é necessário que o enunciado seja um domínio por si só quando ficam evidentes os fenômenos fonológicos ocorrendo dentro de seus limites.

¹⁹ “(...) at the highest level of phonological analysis, we find an interaction among several components of the grammar, an interaction which has implications not only for the organization of phonology, but also for the organization of the grammar in general” (NESPOR E VOGEL, 1986, p. 221).

²⁰ Exemplo de Nespore e Vogel, 1986, p. 236.

1.3 A fonologia e a sintaxe: uma interação entre os constituintes da gramática da língua

Temos visto, até então, que a fonologia prosódica traz a possibilidade de se analisar a fala como uma cadeia formada por constituintes prosódicos que conferem o ritmo àquilo que é produzido pelo falante em forma de som. Nesses domínios é possível observarmos os mais diversos tipos de regras fonológicas sendo aplicadas. A fonologia e a sintaxe de uma língua estão sempre intrinsicamente relacionadas, levando em consideração que frequentemente os domínios de uma coincidem com o da outra, entre tantos fatores, principalmente por conta dessa relação. No entanto, apesar de frequente, tal isomorfia entre os constituintes sintáticos e os constituintes fonológicos nem sempre ocorre no interior das sentenças produzidas pelos falantes.

Nespor e Vogel (1986), ao discorrerem sobre as similaridades e diferenças entre os constituintes sintáticos e prosódicos e os processos linguísticos que podem ocorrer em decorrência da não isomorfia destes constituintes, apontam três pontos a partir dos quais é possível refletir sobre tais questões:

a referência direta aos constituintes sintáticos não faz as previsões corretas sobre os domínios das regras fonológicas; (...) enquanto que a constituição sintática é determinada unicamente em termos de fatores estruturais, será mostrado que um fator não estrutural, o comprimento de determinada cadeia, é relevante para a fonologia, na medida em que constituintes de mesma natureza sintática, mas com comprimentos diferentes, exibem comportamentos diferentes no que diz respeito à aplicação de regras fonológicas; (...) ao contrário da medição implícita feita por uma abordagem da fonologia baseada em constituintes sintáticos, segundo a qual o domínio mais extenso possível de aplicação de uma regra fonológica é a sentença, será demonstrado que existem regras fonológicas que são aplicadas em domínios maiores (NESPOR E VOGEL, 1986, p. 38).²¹

Isso evidencia o fato de que as regras fonológicas, algumas vezes, ocorrem para além da sentença. A possível semelhança que um constituinte fonológico venha a ter com um constituinte sintático em relação ao seu tamanho ou constituição não determina que os processos fonológicos ocorram apenas nas fronteiras isomórficas desses domínios. É possível

²¹ “direct reference to syntactic constituents does not make the correct predictions about the domains of phonological rules (...) whereas syntactic constituency is determined uniquely in terms of structural factors, it will be shown that a nonstructural factor, the length of a given string, is relevant to the phonology in that constituents of the same syntactic nature but different lengths exhibit different behaviors as far as the application of phonological rules is concerned (...) in contrast with the implicit prediction made by a syntactic constituent approach to phonology that the largest possible domain of application of a phonological rule is the sentence, it will be demonstrated that there exist phonological rules that apply in larger domains” (NESPOR E VOGEL, 1986, p. 38).

que as regras aplicadas ultrapassem esses limites de constituintes, os quais se tornam diferentes, nesses casos, dos constituintes sintáticos.

Entre os fenômenos fonológicos descritos por Nespor e Vogel (1986), que buscam por meio da descrição desses acontecimentos ilustrar a motivação dos constituintes prosódicos dentro do enunciado e sua não isomorfia com os constituintes sintáticos, podemos citar a extensão dos constituintes, – o peso –, como um fator relevante para a aplicação de regras quando os constituintes sintáticos são envolvidos no processo de aplicação de regras fonológicas. Segundo as autoras,

no que diz respeito à sintaxe, um constituinte de certo tipo, composto de uma palavra, é estruturalmente equivalente a outro constituinte de mesmo tipo composto por cinco, dez ou qualquer número de palavras. Se os constituintes sintáticos são considerados os domínios de aplicação das regras fonológicas que ocorrem acima do nível da palavra, isso significa que, nas condições segmentais apropriadas, determinada regra fonológica deve ocorrer uniformemente em todos os constituintes sintáticos de certo tipo.²²

Portanto, segundo essa afirmação, se levarmos em consideração apenas a sintaxe, todos os constituintes com mais de duas palavras – número necessário de palavras em um domínio para que ocorram as regras acima do nível da palavra –, em cujo domínio operam as regras fonológicas, deveriam exibir o mesmo comportamento fonológico que qualquer outro constituinte de qualquer comprimento e, por conseguinte, as regras fonológicas serão aplicadas em todos os constituintes de mesmo tipo.

Porém, as autoras trazem exemplos de regras fonológicas que não se aplicam da mesma forma em todos os constituintes, pelo contrário, são sensíveis ao comprimento diferente que certos constituintes possam vir a exibir. Uma dessas regras é a *gorgia toscana*²³ (fricativização) que ocorre no italiano falado principalmente na região de Florença. Essa regra trata da aspiração das oclusivas desvozeadas [p], [t] e [k] que, quando ocorrem entre dois segmentos [-consonantal], são realizadas como [p̚], [t̚] e [k̚], respectivamente:

a) Gli uccelli [ç]onstruiscono i nidi ([k]onstruiscono).

²² “ (...) as far as the syntax is concerned, a constituent of a certain type composed of one word is structurally equivalent to another constituent of the same type composed of five, ten or any number of words. If syntactic constituents are taken as the domains of application of phonological rules operating above the word level, this means, under the appropriate segmental conditions, a given phonological rule should operate uniformly within all syntactic constituents of a certain type” (NESPOR E VOGEL, 1986, p. 41).

²³ Retirados de Nespor e Vogel, 1986. O termo *gorgia toscana* (que, em tradução livre, seria "garganta toscana") diz respeito a um processo fonológico no qual consoantes antes não contínuas sofrem um processo de fricativização e se tornam contínuas.

b) Osservano il rarissimo [c]olibrí peruviano [c]on le penne azzure [e]on un cannocchiale particolarmente adatto alla situazione.

Nos exemplos acima, observa-se que quando o enunciado é relativamente curto (a), a regra fonológica se aplica normalmente, como se demonstra pela realização do [k] como [h]. Porém, quando o enunciado possui extensão maior (b), a regra não se aplica em todos os constituintes (a aspiração ocorreria apenas nos segmentos sublinhados enquanto o segmento tachado permanece na forma original). Nesse caso, a regra é bloqueada pois o ambiente que motiva sua ocorrência atravessa limites do constituinte que são intransponíveis, como o encontro de um NP e um VP que são muito extensos.

Esses fenômenos, como os outros citados por Nespor e Vogel (1986), deixam evidente que os domínios nos quais se aplicam as regras fonológicas além da palavra não são necessariamente coextensivos com os domínios sintáticos, pois alguns fenômenos fonológicos são sensíveis ao comprimento do enunciado formado pelos constituintes, diferentemente da sintaxe, que não é afetada por fatores não estruturais. As regras fonológicas podem ser barradas pela existência de um possível limite intransponível entre constituintes de tamanhos diferentes ou pelo tamanho do constituinte de forma geral, que podem fazer com que a aplicação da regra ocorra em certas posições, mas não em outras. A existência desses fenômenos corrobora o pressuposto de que a natureza dos domínios que são relevantes para a fonologia e a natureza dos constituintes sintáticos é diferente.

1.3.1 Alguns pontos sobre a topicalização no português

A topicalização é um termo que, pelo que se percebe nos estudos levantados para esta pesquisa, está, normalmente, relacionado aos estudos pragmáticos. Segundo Pontes (1987), quando se começa a olhar com atenção para a fala, observa-se que as construções com tópico são frequentes e numerosas e torna-se necessário refletir sobre a classificação do português como uma língua com proeminência no sujeito. A autora diz:

Creio ter demonstrado que no português coloquial o tópico tem uma grande importância. Em minha observação diária da língua coloquial, tenho observado que a incidência das construções de tópico é enorme, a tal ponto que deixei de coletar exemplos, tal a sua abundância. Tenho a impressão de que, no mínimo, ela é tão frequente quanto a construção sem tópico (PONTES, 1987, p. 39).

Com isso, percebemos como o fenômeno é constante na língua portuguesa e os trabalhos realizados sobre a língua oral subsequentes aos de Pontes (1981;1987), como os de

Gonçalves (1998) e Silva (2012), podem corroborar as constatações da autora. Os enunciados a seguir ilustram algumas construções²⁴ em tópico-comentário:

- 1) O seu namorado, eu vi ele ontem.
- 2) Dessa cerveja eu não bebo.
- 3) A Tijuca já tem bastante prédio.

Em 1), a topicalização seria do tipo deslocamento à esquerda, quando o sujeito é retomado no início do comentário, o que é visto, nas gramáticas, como um vício de linguagem, o pleonasma. Nesse caso, percebe-se a existência do que Pontes (1987, p. 13) chama de "duplo-sujeito". Segundo a autora, essa é considerada uma das mais comuns construções em tópico-comentário na fala. No enunciado em 2) a construção em tópico é do tipo topicalização, na qual há uma inversão da ordem frasal canônica da língua portuguesa, SVO. Os objetos são deslocados para o início do período, sendo colocados antes do sujeito. Já em 3) a construção é do tipo tópico-sujeito. Nessa construção, observamos que a estrutura SVO se confunde com a estrutura tópico-comentário, pois o tópico ocupa a posição do sujeito e o comentário ocupa a posição do predicado. Para que se distingam as estruturas, Pontes (1987) aponta que devem ser observadas as seguintes características:

- a) Definição – o tópico será sempre definido, enquanto o sujeito nem sempre o é.
- b) Relações seletivas – o tópico pode não ter relações seletivas com o verbo, já o sujeito sempre tem, pois concorda com ele.
- c) O verbo determina o sujeito, mas não o tópico – a seleção do tópico não depende do verbo para ser feita, mas a seleção do sujeito está relacionada ao verbo.
- d) Papel funcional – o tópico é o centro da atenção, enquanto que o sujeito, às vezes, nem mesmo desempenha papel semântico no discurso, como ocorre nas orações sem sujeito.
- e) Concordância verbal – o sujeito deve concordar com o verbo sempre, porém, o tópico não tem essa obrigatoriedade.
- f) Posição inicial na sentença – O tópico sempre vem na posição inicial, pois ele anuncia o tema do discurso; o sujeito pode vir em posições diferentes da inicial.
- g) Processos gramaticais – o tópico não é responsável por nenhum processo sintático, como passivização ou reflexivização. O sujeito sim.

²⁴ Retirados de Silva (2012).

Portanto, percebemos que a construção em tópico-sujeito pode coincidir com a estrutura de sujeito-predicado que é considerada a ordem frasal mais comum em português. E é por essa coincidência entre as estruturas que Pontes (1981) argumenta que a topicalização não deveria ser um fenômeno que se observa apenas pelo prisma da pragmática, pois

as construções de TC (tópico-comentário) aparecem sempre juntas com as de SP (sujeito e predicado). Sua configuração é a seguinte: primeiro o tópico, depois o comentário, que por sua vez é expresso por uma sentença com sujeito e predicado. Não é possível, portanto, separar as duas construções, nem no tempo nem no espaço (p. 56, parênteses nossos).

A partir disso, se torna relevante para nós refletirmos se a tendência a construções topicalizadas e, especificamente, as de tipo tópico-sujeito – que, nos estudos da autora, foram observadas em enunciados orais – não está, de alguma forma, agindo sobre a produção escrita que selecionamos como objeto de estudo em nossa pesquisa. Observemos os enunciados a seguir:

4) “Eu, não me importo com a aparência física de homem, me importo com sentimento que vem do coração”.²⁵

5) “(...) os cabelos castanhos, estavam caindo pelos ombros com cachos nas pontas, seus olhos verdes fitavam intensamente a porta do elevador”.²⁶

Pensando nas observações apontadas por Pontes (1987) sobre como se dá a identificação de tópicos e sujeitos nas orações, percebemos que é possível, em certo nível, agruparmos esses enunciados como construções tópico-comentário do tipo tópico-sujeito. Algo que nos faz acreditar que os desvios do uso de pontuação entre sujeito e predicado nessas orações possam ser indícios de que a topicalização que ocorre na fala também influencia no ritmo da escrita é o fato de que essa vírgula parece ressaltar algo como uma pausa/hesitação que, na fala, é comumente realizada após o sujeito e antes do predicado. Esse realce, portanto, focaliza o sujeito da oração, o que nos permite associar à estrutura tópico-comentário. Segundo Gonçalves (1998), focalização é

o ato de focalizar, ou seja, de acentuar, de ressaltar, de pôr em relevo/realce/evidência um determinado item do texto, seja (a) com o uso de estratégias propriamente textuais, como a topicalização e a clivagem de sentenças, seja (b) por meio de expedientes prosódicos, como a entonação, seja (c) com atuação concomitante dos dois (p. 32, grifos do autor).

²⁵ Texto 01_012

²⁶ Texto 01_064

Tais questões mostram que a topicalização pode ocorrer a partir das percepções prosódicas e, com isso, dar aos enunciados uma estrutura diferente da construção em SVO, no caso, uma estrutura tópico-comentário. E essa construção, que, na fala, parece ocorrer de maneira natural e abundante, pode influenciar os textos escritos produzidos em situações de menor monitoramento, como é o caso dos rascunhos de redações que compõem nossa pesquisa.

1.4 Palavras finais sobre o capítulo

O intuito deste capítulo foi sistematizar as referências teóricas que utilizamos para fundamentar a análise em nosso trabalho. Primeiramente, buscamos trazer à baila os apontamentos sobre o ritmo e sua relação com a sintaxe das línguas. Por meio dos trabalhos de Abaurre (1989; 2003) e Chacon (1998), principalmente, vimos que a estrutura sintática está intrinsecamente relacionada à produção do ritmo dentro dos enunciados escritos, principalmente porque a sintaxe também está relacionada aos sinais de pontuação, que são indicadores do ritmo da escrita. A partir dos estudos de Nespor e Vogel (1986) tratamos também da teoria que aborda especificamente essa interface entre a prosódia e a sintaxe das línguas, a Fonologia Prosódica, na qual será fundamentada nossa interpretação dos dados. Além disso, fizemos algumas considerações sobre a topicalização no português brasileiro, a fim de fundamentar-nos para nossa breve reflexão sobre essa tendência da língua. Com as considerações trazidas para essa discussão, buscamos enraizar nossa pesquisa dentro do que já vem sendo feito sobre o ritmo da escrita e a teoria prosódica e abrir espaço para o capítulo seguinte, no qual trataremos da pontuação como marcador do ritmo na escrita.

A PONTUAÇÃO COMO MARCADOR GRÁFICO DO RITMO NA PRODUÇÃO ESCRITA

Neste capítulo discutiremos uma das questões levantadas por esta pesquisa, qual seja, o uso da pontuação na marcação rítmica dos textos escritos. Faremos, inicialmente, uma breve introdução acerca das principais considerações feitas por diversos estudiosos sobre a pontuação. Além disso, mostraremos o tratamento dado à pontuação por gramáticos como Cegalla (2008), Bechara (1999), Rocha Lima (1998), Sarmento (2005) e Azeredo (2011), além de autores de manuais como Piacentini (2009) e Camargo (2005), cujos materiais em forma de manuais da língua portuguesa padrão servem de arcabouço para o ensino da norma padrão nas escolas, locais onde a produção escrita de adolescentes se expande. Por fim, levantaremos os estudos que buscam associar o uso dos sinais de pontuação no texto escrito com a marcação rítmica, que tocam especificamente na problemática por nós levantada, como é o caso dos autores Chacon (1998) e Corrêa (1994; 1997).

2.1 Principais premissas acerca da pontuação dentro dos estudos linguísticos

Segundo Junkes (2002), os primeiros indícios do uso de sinais gráficos para marcar textos escritos data de meados do século IX, no qual podia se observar o uso de um sistema de pontuação para marcar a pausa respiratória nos manuscritos produzidos na época. Porém, o primeiro responsável por tentar sistematizar os sinais de pontuação foi o tipógrafo Aldo Manucci, no século XV. Surgiu então a necessidade de regularizar esse uso. O português João de Barros, em 1540, faz uma das primeiras menções à pontuação como instrumento desambiguador de sentenças. Por muito tempo, desde o século IX até o século XVI, o uso dos símbolos gráficos era feito de maneira arbitrária, até mesmo, aleatória. Somente com a insistência do teórico Pedro Fourier, no século XVIII, de que o uso da pontuação era necessário, começou-se a real sistematização e regularização desse processo. Sua obra, *Traité du récitaf*, é o principal ponto de partida para os diversos manuais que surgiram depois, no século XIX, visando regulamentar os sinais de pontuação e seus usos no texto escrito.

A sistematização da pontuação é fruto de uma árdua jornada dentro dos estudos linguísticos mais remotos, sendo que o sistema que hoje nós conhecemos e utilizamos como base para nossa aplicação foi, de certa forma, fundado em postulados relativamente recentes. Mas é importante ressaltar que o início do que podemos chamar de evolução da pontuação

deu-se com base na prosódia da língua falada (MACHADO FILHO, 2004, p. 23). Essa origem da pontuação como um produto da reprodução da prosódia da fala no texto ainda ecoa na tradição gramatical do português. De acordo com o que Olímpio (1991) discute,

a maioria dos nossos autores associam os sinais de pontuação da escrita a traços pausais e entoacionais da língua oral (...) chegam a afirmar categoricamente que os sinais de pontuação, presentes no texto escrito, servem para 'representar' as pausas e entonações presentes na fala (...) dão primazia aos recursos da língua oral e, paralelamente, pressupõem uma relação direta e obrigatória entre sinais gráficos e sinais sonoros (p. 11).

Tomando essa associação como absoluta, esses autores deixam espaço para que os sinais de pontuação sejam colocados no mesmo patamar que os sinais da fala, como a pausa e a entoação, fazendo com que ambos sejam considerados apenas como uma representação da mesma coisa, que seria a prosódia da fala. Dessa forma, “os sinais gráficos e, portanto, visíveis, do texto escrito, corresponderiam, como **significantes**, a **significados** sonoros do discurso oral” (OLÍMPIO, 1991, p. 11, grifos da autora). Essa associação mostra-se equivocada quando observamos que os estudos cada vez mais aprofundados da pontuação e seu uso como instrumento do texto escrito têm mostrado que, apesar da forte relação entre os sinais gráficos de pontuação e a prosódia, a função desses símbolos não se resume a isso.

Como foi abordado no capítulo anterior deste trabalho, a língua falada e a língua escrita são duas coisas diferentes. Apesar de existir algo que as relaciona – afinal, são ambas a representação de um mesmo sistema linguístico –, não é possível tratá-las como manifestações idênticas. Cada um desses sistemas possui um funcionamento próprio, dentro do qual serão definidas as significações dos elementos que pertencem a esses sistemas. Portanto, o sinal de pontuação ou o sinal da fala terá seu significado atribuído a partir do contexto em que será utilizado dentro do sistema no qual foi inserido. Estabelecer uma relação direta e definitiva entre os sinais existentes na fala e os sinais de pontuação gráficos, sem refletir sobre as semelhanças e diferenças que venham a existir entre eles, pode acarretar em uma relação nem sempre será isomórfica entre as representações desses códigos, sendo que a isomorfia seria o esperado se admitíssemos a total similaridade entre eles.

Mencionaremos, aqui, uma das questões mais discutidas nos trabalhos linguísticos acerca da pontuação e sua relação com a sintaxe e a prosódia. Trata-se do uso da vírgula entre o sujeito e o predicado. Como sugere Olímpio (1991), tomemos, para o início dessa discussão, a vírgula como uma representação da pausa, assim como sugerem também os gramáticos que sistematizam a pontuação hoje. Se tomarmos tal informação como verdadeira, o problema

surge quando confrontamos uma das principais regras de uso de vírgula²⁷, que diz que é vetado o uso da vírgula entre o sujeito e seu predicado, independentemente do comprimento do enunciado ou se vier de alguma forma diferente da ordem canônica SVO.

1) “Essa má influência policial, tem se espalhado para os mais diversos estados e a principal alegação dos policiais corruptos são os baixos salários.”²⁸

No entanto, pode existir uma pausa que é realizada entre um sujeito e seu predicado, o que é facultado pela prosódia da língua. Afinal, o limite desses dois constituintes – o NP e o VP – marca um dos locais onde pode existir a inserção de uma fronteira de frase entoacional, como propõem Nespor e Vogel (1986); porém, essa pausa, quando ocorre, não é assinalada com a vírgula, como, aliás, prescreve a regra. Isso evidencia que a vírgula não é, necessariamente, um correspondente gráfico das pausas da fala. Assim, o que pode ser observado quando relacionamos a vírgula com a pausa da oralidade é que “nem sempre a marcação pausal de um enunciado oral pode ser associada à presença de vírgula” (OLÍMPIO, 1991, p. 13). É possível que alguns enunciados possuam pausas em pontos específicos, mas a vírgula, nesses pontos, é considerada opcional pelas normas de pontuação das gramáticas. Entre esses casos, podemos citar a pausa entre os adjuntos adverbiais, estejam eles posicionados no início ou final do enunciado.

2) “(...) mas volto a pensar que todos da minha vida são ruins, e grito Δbem altoΔ para o céu.”²⁹

O que se observa nesses exemplos, como afirma Olímpio (1991), é que, a partir do momento em que se utilizassem apenas os traços prosódicos da fala para fundamentar o ensino do português escrito (no que diz respeito à pontuação), o escrevente poderia vir a cometer diversos erros em relação às regras de pontuação e o professor responsável pela correção dessas produções, se também se guiasse por esses parâmetros, poderia considerar vírgulas opcionais como obrigatórias e assinalar erros que, formalmente, não existem. A constante tentativa de gramáticos em associar o uso da pontuação à prosódia leva a esses

²⁷ Essas regras citadas por nós serão mais bem discutidas nos tópicos que seguem esse capítulo.

²⁸ Texto 02_071

²⁹ Texto 01_060

equivocos. Percebe-se que não é possível afirmar que a pausa sempre condiciona o uso de uma vírgula, mas também fica evidente que não podemos dizer categoricamente que a vírgula é responsável pela pausa. Isso ocorre principalmente porque há regras que sistematizam o uso dessa vírgula, como observaremos nesse capítulo. E essas regras, amplamente divulgadas nos manuais e gramáticas da língua portuguesa, possuem uma natureza sintática. No entanto, a percepção prosódica do falante pode também influenciar na pontuação que ele utiliza em seus textos escritos, justamente pela abertura dada quando se faz a abordagem inicial sobre o tópico da pontuação relacionando-a estritamente ao ritmo da fala. Em momentos de produção escrita mais espontânea, é possível que a percepção intuitiva do ritmo se sobressaia às regras de pontuação.

Percebe-se, portanto, que a definição de pontuação é, por vezes, um tanto ou quanto contraditória quando se coloca, a princípio, que os sinais de pontuação marcam o ritmo da fala, mas, ao sistematizá-los, criam-se regras puramente sintáticas para seu uso. O fato é que, como aponta Olímpio (1991), a relação da pontuação no texto escrito com o ritmo da fala ocorre de maneira indireta, pois tem fatores externos como influenciadores, como a estrutura sintático-semântica e o discurso de forma geral, fazendo com que os sinais de pontuação estejam associados também a um outro fator além do ritmo da fala. A relação entre os sinais de pontuação e os sinais advindos do ritmo presente na oralidade não pode ser descartada, afinal, é verdade que existe uma relação entre ambos. Porém, é importante ressaltar que essa relação vai além disso, que além do ritmo da fala, quando se trata do uso da pontuação, a sintaxe, a semântica e outros fatores que envolvem a comunicação discursiva devem ser considerados como relevantes para o emprego dos sinais gráficos de pontuação.

2.2 A pontuação na abordagem das gramáticas e manuais do português brasileiro

A pontuação, como já foi estabelecido aqui, parte, sim, da relação entre a fala e a escrita, mas, também, serve para explicitar relações sintático-semânticas entre os constituintes que formam um enunciado. Talvez o problema a ser considerado como ponto de partida para as questões relacionadas à pontuação e ritmo seja a abordagem feita pelas gramáticas e manuais normativos da língua portuguesa a respeito da pontuação, a qual é repassada aos estudantes em processo de aquisição e aperfeiçoamento das regras da língua escrita pelo professor que age como mediador da implementação desse sistema. Há, também, gramáticos que tratam da pontuação apenas como um mecanismo próprio da forma escrita (MACHADO

FILHO, 2004, p. 26). Dessa forma, retiram da pontuação qualquer relação com os sinais da fala, porém, já notamos que tal abordagem é contraproducente, pois, como afirma Kato (1986), a relação entre a fala e a escrita não é totalmente isomórfica; pode ser incompleta, mas existe, então, não pode ser ignorada.

Muitos autores de gramáticas, ao iniciarem a abordagem sobre a pontuação – que, muitas vezes, é superficial – primeiramente a conceituam como os sinais gráficos que ressaltam as marcas da fala no texto escrito; porém, quando estabelecem as regras do uso dessa pontuação, as fundamentam em fatores sintáticos principalmente. De acordo com Olímpio (1991), “nossos gramáticos, seguindo o procedimento de análise desenvolvido na sintaxe tradicional, apresentam regras de pontuação centradas nas noções de período, de oração e de termos (e não na noção de relações sintáticas)” (p. 17). A partir dessa colocação da autora, pode-se concluir que a pontuação, da forma como é vista por alguns autores, serve como instrumento de enumeração das unidades sintáticas de um enunciado, mas deixa marginalizada a relação que existe entre essas estruturas e a pontuação.

Entre os gramáticos mais conceituados na contemporaneidade, podemos citar Bechara (1999), autor da *Moderna Gramática Brasileira*. Sua gramática é um exemplo de tratado sobre a língua que traz a ideia da pontuação como um acessório da escrita. Mesmo assim, em certo ponto, Bechara (1999, p. 604) não deixa de associar os sinais gráficos de pontuação ao ritmo da fala. Segundo o teórico, no tópico destinado à explicação da pontuação dentro do sistema escrito, a pontuação pode ser considerada um reforço da escrita e conceitua os sinais gráficos – com suporte nos postulados de Nina Catach (1978) – como sinais sintáticos. A função desses sinais seria a organização das relações entre as partes do enunciado, bem como enfatizar a proporcionalidade do discurso, das pausas decorrentes da oralidade e das pausas próprias da escrita, além de participarem das funções sintáticas, semânticas e entoacionais do enunciado.

O autor afirma que a forma de entender a pontuação pode ser definida, por um lado, de uma maneira mais larga e, por outro, de maneira mais restrita. Na primeira visão, mais abrangente, estariam incluídos, além dos sinais de pontuação, marcas de realce como espaços e caracteres, margens e todos os demais itens que estão relacionados a um produto escrito final. No caso da visão mais restrita estariam inseridos apenas os sinais gráficos, mas divididos em dois grupos, os sinais separadores (vírgula, ponto e vírgula, ponto final, ponto de exclamação e reticências) e os sinais de comunicação (dois pontos, aspas simples e duplas, travessão simples e duplo, parênteses, colchetes e chaves. Bechara ainda subdivide os sinais

de pontuação entre sinais de pausas conclusas e sinais de pausas inconclusas. Naqueles estariam o ponto, ponto e vírgula, ponto final, ponto de exclamação e reticências em função conclusa, encerrando orações, enquanto que nestes estariam a vírgula, dois pontos, parênteses, travessão, colchetes em função inconclusa, articulando as orações entre elas (p. 605).

Para esse gramático, os sinais de pontuação explicitados em sua gramática possuem função sintática e comunicativa, são interiores ao texto, aparecem de maneira linear e partem da iniciativa do autor do texto em ressaltar alguma expressividade, os contornos melódicos, rítmicos e entoacionais bem como as palavras e construções por ele utilizadas. E a pontuação, em sua perspectiva, é um fator primordial que garante o bom entendimento do texto pelo interlocutor justamente por trazer os aspectos melódicos e rítmicos ao enunciado. É notável a importância que o autor confere à pontuação no que diz respeito à clareza comunicativa. Para tanto, ele coloca o erro no uso da pontuação como algo catastrófico por ter o poder de interferir na transmissão da mensagem de forma efetiva. Segundo o autor,

proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação (...) procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica (...) uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos (BECHARA, 1999, p. 606).

No que diz respeito à vírgula, que é o sinal de pontuação escolhido por nós para a análise deste trabalho, Bechara (1999) a divide por usos que são, basicamente, fundamentados em questões sintáticas. Ela seria utilizada, basicamente, como um separador, ou seja, ela seria o elemento gráfico utilizado para separar orações, termos, apostos, pleonasmos, repetições, adjuntos, partículas, expressões, conjunções e nomes, além de indicar supressões, interrupções e desfazer possíveis ambiguidades e más interpretações (p. 610). Isso confirma a divisão feita pelo autor e citada por nós no início deste tópico, que considera a vírgula parte de um grupo de sinais de pontuação separadores. Fica evidente que a vírgula, para o autor, não seria, prioritariamente, o sinal que marca a pausa da oralidade no enunciado escrito; pelo contrário, teria uma função muito mais relacionada à sintaxe do que à prosódia, apesar de estar relacionado a ela, visto que tal relação não pode ser desconsiderada quando se trata de pontuação.

Outro gramático escolhido por nós para a análise da abordagem acerca da pontuação foi Cegalla (2008). Diferentemente da gramática de Bechara (1999), a de Cegalla aborda a pontuação de maneira mais sintética, sem o detalhamento com que aquele expõe a função dos sinais de pontuação. Na *Novíssima gramática da Língua portuguesa*, o autor considera que

“tríplice é a finalidade dos sinais de pontuação: a) assinalar as pausas e as inflexões da voz (a entonação) na leitura; b) separar palavras, expressões e orações que devem ser destacadas; c) esclarecer o sentido da frase, afastando qualquer ambiguidade” (CEGALLA, 2008, p. 428). Assim como a grande maioria dos gramáticos, Cegalla relaciona a função da pontuação com a marcação rítmica da fala, mas, quando se trata das regras por ele estabelecidas quanto ao uso dos sinais de pontuação, o autor vale-se principalmente dos conceitos sintáticos para fundamentá-las. No caso da vírgula, todos os tópicos que o autor cria para sistematizar o uso desse sinal iniciam-se com a ideia de separação, associando, dessa forma, a vírgula à função de elemento separador, como Bechara também o faz. Cegalla também indica os casos em que não devem ser utilizadas as vírgulas, quais sejam, entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e o complemento e antes de orações adverbiais consecutivas que utilizem a forma tão...que ou tanto...quanto. Novamente, percebe-se que são regras baseadas principalmente em fundamentos sintáticos.

Da mesma forma concisa de Cegalla, Sarmiento (2005), na *Gramática em textos*, aborda a pontuação. A autora dá, de forma geral, um tratamento contextualizado a todos os pontos de sua gramática, mostrando exemplos dos fenômenos abordados em cada tópico sendo utilizados em alguma situação de escrita. E, assim, ela inicia suas ponderações acerca da pontuação também. A partir de um exemplo escrito ela levanta algumas perguntas para o leitor sobre o que o texto mostrado traz, especialmente sobre o sentido do texto e que interpretações diferentes puderam ser feitas a partir da pontuação ali empregada. Após essas reflexões, Sarmiento começa a sistematizar as regras de uso da pontuação com a seguinte conceituação para a pontuação: “indica na escrita as várias possibilidades de entonação da fala, além de ajudar a expressão de pensamentos, sentidos e emoções, tornando mais clara e mais precisa a compreensão do texto” (SARMENTO, 2005, p. 455). Sobre a vírgula, a autora subdivide o uso desse sinal entre o período simples e o período composto. Basicamente, como os outros autores citados, Sarmiento entende a vírgula como um separador de orações, termos e expressões. Quanto às situações em que não cabe usar a vírgula, a autora afirma que esse sinal, no período simples, não é utilizado entre sujeito e predicado, entre verbo e complemento, entre o nome e seu adjunto adnominal ou complemento nominal ou entre termos ligados por *ou*, *nem* ou *e*. Já no período composto, a vírgula não é empregada entre a oração principal e a oração subordinada substantiva, para separar a oração subordinada adjetiva restritiva que venha intercalada na oração principal ou entre duas orações coordenadas ligadas por conjunção aditiva e com mesmo sujeito. Como os autores anteriores,

ela primeiramente associa a pontuação à ritmicidade, mas não aprofunda essa questão, trazendo as regras do uso e não uso pautadas em questões sintáticas, até mesmo na divisão do uso da vírgula entre os períodos simples e compostos.

Azeredo (2011), na *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, traz uma abordagem diferente da pontuação das outras gramáticas aqui citadas no sentido de relacionar melhor os sinais tanto com a sintaxe da língua quanto com o ritmo. O autor conceitua a pontuação de forma muito objetiva e segmentada. A princípio, o autor afirma que a pontuação está relacionada à entoação da fala, que esses sinais gráficos seriam um “recurso da fala que serve para exprimir, por exemplo, a diferença entre uma declaração, uma pergunta, uma ordem, uma exclamação (...) a entoação é, portanto, um signo: uma expressão portadora de algum sentido” (AZEREDO, 2011, p. 519). O autor discorre sobre os sinais de pontuação que marcam principalmente pausas ou hesitações no discurso e, a partir daí, ele divide as pausas relacionadas à entoação entre “as que marcam fronteiras sintáticas (...) e as que indicam atos diversos de hesitação ou procedimentos intencionais de retardamento do fluxo da informação” (*loc. cit.*). Seu tratamento se mostra interessante justamente por haver uma tentativa de dividir esses sinais que marcam pausas entre os que possuem maior relação com a função sintática e marcam as fronteiras nas quais ficam evidentes essas funções e os que são mais relacionados à fluência, como a hesitação por ele citada. A vírgula, segundo o autor, está, principalmente, inserida no grupo da pontuação associado a marcadores de fronteiras sintáticas, mas pode, também, estar relacionada a fatores rítmicos, especialmente ênfases. Por conta disso, o autor sistematiza seu uso principalmente como elemento que separa termos, orações e expressões, mas dá atenção a casos em que a vírgula é empregada como forma de realce – casos em que, às vezes, é colocada como facultativa. Azeredo delimita o tópico que tematiza o uso da vírgula como uma abordagem dos usos de caso geral, então, diferentemente dos outros autores citados aqui, o autor não cita detalhadamente os casos em que a vírgula não é empregada.

O próximo e último gramático que citaremos será Rocha Lima (1998). Optamos por abordar esse autor ao final desta discussão por termos visto, em sua *Gramática normativa da Língua Portuguesa*, que seu tratamento sobre a pontuação é a abordagem que mais difere dos outros quatro que selecionamos para este trabalho. Em Rocha Lima (1998), a seção que trata da pontuação é nomeada pelo autor como Pausas Rítmicas. Para o autor, “as pausas rítmicas – assinaladas na pronúncia por entoações características e na escrita por sinais especiais – são de três espécies” (ROCHA LIMA, 1998, p. 458). Isso é relevante pois mostra o caráter

rítmico ao qual o autor associa a pontuação. Seu argumento se inicia dividindo os sinais da pontuação – aqui, as pausas rítmicas – em três grupos. São eles:

1) Pausa que não quebra a continuidade do discurso, indicativa de frase que ainda não foi concluída. Marcam-na: a vírgula (,); o travessão (–); os parênteses (()); o ponto e vírgula (;); os dois pontos (:). 2) Pausa que indica o término de um discurso ou parte dele. Assinalam-na: o ponto simples; o ponto parágrafo; o ponto final. 3) Pausa que serve para frisar uma intenção ou estado emotivo. Mostram-na: o ponto de interrogação (?); o ponto de exclamação (!) as reticências (...)” (*loc. cit.*).

Esse tratamento, diferente dos adotados pelos outros gramáticos que citamos aqui, reflete-se no restante da sistematização que o autor faz sobre a pontuação. Ele não costuma tomar a vírgula como um elemento separador apenas; pelo contrário, em suas regras, mesmo que ele utilize o termo separar em algumas das regras que ele estabelece, é possível perceber a associação também com o ritmo, mostrando que o uso da vírgula, mesmo nos pontos em que separa certas partes do enunciado, pode marcar, de certa forma, os contornos entoacionais da língua – os quais estão associados com a sintaxe também. Outro ponto importante é que Rocha Lima ressalta que a sistematização feita por ele não tem o objetivo de ser decorada, mas de auxiliar o trabalho do professor com essa sistematização dos principais casos. Porém, apesar dessa afirmação do autor ser muito pertinente no que diz respeito ao ensino da pontuação, também pode abrir precedentes para os casos de erros no uso da vírgula na escrita que este trabalho discute. Ao reproduzir a ideia de que a pontuação é a marca do ritmo da fala na escrita sem relacionar com os fatores sintáticos com os quais essa pontuação está entrelaçada, podemos dar a entender ao escrevente que pontuação se utiliza apenas a partir dos fatores rítmicos, ocasionando desvios na norma padrão que podem ser interpretados por um viés prosódico.

Além das gramáticas, citaremos, a fim de complementar esse levantamento sobre a abordagem da pontuação que é levada à sala de aula, dois manuais que tratam especificamente a respeito da vírgula. Como esse é o sinal de pontuação que será objeto de nosso trabalho, acreditamos ser relevante trazer as referências que tratem especificamente dele. O primeiro a ser abordado aqui será o manual *Uso da vírgula*, de Camargo (2005). Como a autora o identifica, trata-se de um guia que visa auxiliar no entendimento da vírgula pois esse é, no entendimento de Camargo, o sinal com maior número de usos. A problemática acerca desse sinal é levantada quando é dito que “é comum ouvirmos dizer que a vírgula indica a pausa que se faz na leitura para respirar” (CAMARGO, 2005, p. 1). Segundo a autora, por mais que essa seja uma noção intuitiva, não resolve o problema que permeia o uso da vírgula, mas é frequentemente observado o quanto essa noção ainda é considerada como base do uso desse

sinal. E, além disso, para se ter um bom entendimento da função da pontuação como um elemento auxiliar para a melhor leitura do texto escrito, é preciso que o falante tenha, além da noção rítmica intuitiva, a noção sintática também intuitiva. Nesse manual, a vírgula, foco principal de Camargo (2005), “assinala a inversão da ordem direta da frase, a intercalação de elementos que interrompem a leitura do enunciado, a omissão de certos elementos subentendidos e, em alguns casos, a ênfase.” (*loc. cit.*). Suas regras, basicamente escritas em termos sintáticos, são muito sucintas, mas buscam, vez ou outra, trazer a relação do ritmo com os constituintes sintáticos que integram um enunciado. A autora apresenta ainda vários critérios para desfazer ambiguidades ou dúvidas acerca do uso da vírgula ser correto ou não.

Outro manual que julgamos ser relevante é o livro *Só vírgula*, de Piacentini (2009). A autora propõe uma abordagem muito objetiva dessa pontuação, trazendo as regras de uso da vírgula divididas em vinte lições. A autora faz os seguintes comentários gerais sobre o ato de usar vírgulas no texto escrito:

a vírgula é gramatical (lógico-sintática). Não é usada simplesmente para marcar uma pausa. A pontuação gramatical nem sempre corresponde à pontuação expressiva; na leitura, pode haver pausa onde não há vírgula. Mas onde há vírgula, muda-se o tom de voz, a inflexão; a vírgula pode ser pessoal. Quando serve para dar realce, é pessoal. O que eu destaco, outra pessoa pode preferir não destacar; não há uniformidade entre os escritores quanto ao emprego da vírgula. De acordo com seu estilo, uns a usam mais e outros menos; não há regras absolutas. Mas algumas de uso geral são possíveis; a vírgula apenas assinala uma separação de sentido que já existe mentalmente. Não se usa a vírgula, portanto, entre termos que mantêm ligação íntima e lógica; O principal objetivo da vírgula é esclarecer. Ela deve esclarecer o sentido da frase, não deixando margem a dúvidas e ambiguidades (p. 11).

Com essas considerações, a autora busca reunir a maioria das dúvidas que surgem acerca do correto uso da vírgula que podem surgir por conta da falta de consenso sobre o seu uso. Piacentini (2009) vê seu manual como um apoio para aquilo que as gramáticas costumam sistematizar sobre a pontuação, tanto que em diversos momentos seu próprio suporte são os postulados das gramáticas. Segundo a autora, a vírgula é o sinal de pontuação mais complexo e controverso porque “se reveste de alta subjetividade” (p.11). O uso desse sinal é, por muitas vezes, guiado pela própria vontade do autor do texto, cada pessoa a utiliza como convém, fato que faz com que seja importante o conhecimento das suas regras, ao menos dos casos gerais, visto que não existem regras absolutas sobre cada uso possível da vírgula.

De forma geral, pode-se observar que, nesse tópico, nosso levantamento sobre o que é dito sobre os sinais de pontuações foi baseado no que dizem autores normativistas. Porém, a razão para a escolha desses autores nesse levantamento é necessária quando levamos em consideração que as gramáticas e manuais de pontuação dessa natureza são, em sua maioria, as referências que os professores utilizam como ponto de partida para o preparo das aulas nas

quais serão repassados aos alunos os conceitos acerca da prática escrita, incluindo nisso a pontuação.

É possível que a inconsistência nas regras – o fato de que a pontuação é, primeiramente, associada ao ritmo da fala, mas sua sistematização é feita em bases sintáticas, sem que haja uma relação clara e fundamentada entre esses dois fatores – leve o indivíduo a cometer desvios no uso dos sinais de pontuação, porém, nossa proposta é mostrar que esse desvio não ocorre apenas pelo não conhecimento das regras de pontuação. Acreditamos ser possível interpretar esse erro como uma junção entre os fatores já citados à noção intuitiva dos contornos rítmicos da língua, bem como das fronteiras sintáticas entre os constituintes do enunciado, fazendo com que o escrevente utilize uma vírgula que não é prevista em locais não previstos pelas regras da escrita pois, a partir de sua percepção rítmica, acredita que nesses locais é possível que existam fronteiras sintáticas ou rítmicas, as quais, normalmente, não são pontuadas graficamente. Essa interpretação só será possível a partir do momento em que estabelecemos os aspectos do ritmo que envolvem o ato de pontuar.

2.3 A pontuação como um indicador do ritmo na escrita

Este trabalho tem interesse na pontuação e nos aspectos rítmicos aos quais está associada, principalmente pela busca da compreensão do contínuo oralidade e escrita por meio da interface entre a prosódia e a sintaxe das línguas. Queremos refletir sobre como a fala influencia a produção escrita, mesmo nos textos produzidos por escreventes em idade escolar de ensino médio, os quais já devem possuir uma base sintática amadurecida a partir dos ensinamentos repassados nas aulas sobre a norma padrão da língua. Os sinais de pontuação nos permitem tal abordagem porque “marcam na escrita o limite de possibilidade de segmentação. Ocupam uma zona de instabilidade entre a possibilidade de divisão dos espaços de sentido (no nível sintático, entoacional ou rítmico) e a impossibilidade de lhes atribuir limites precisos” (CORRÊA, 1994, p. 53). Esses sinais gráficos encontram-se no limite que nos possibilita observar a relação entre o ritmo da oralidade e o ritmo da escrita e se o falante leva sua percepção rítmica em consideração para o uso da pontuação – para nosso trabalho, a vírgula, especificamente. Como partes inerentes do processo de escrita, os sinais de pontuação indicam o ritmo da escrita, pois ressaltam as porções de textos coordenadas no período escrito e mostram o movimento do texto por meio da alternância.

Como vimos a partir da abordagem dos diversos gramáticos aqui citados, a pontuação tem o objetivo de conferir um ritmo ao texto escrito, de fato, mas seu uso, além de estar intimamente relacionado à prosódia dos enunciados – muitas vezes até mesmo por percepções prosódicas individuais do escrevente - também está fundamentado na estrutura sintática, o que pode ser confirmado com o que diz Abaurre (1996), para quem o “ritmo da escrita, determinado por requisitos formais específicos da prosa (e seus gêneros), verso e estilo, define a forma como uma parte em particular do texto respira depois que o gesto rítmico da mão que levou a sua produção se congela na forma de signos gráficos sobre uma página em branco” (p.48)³⁰. Os sinais gráficos que permitem tal respiração são, justamente, os sinais de pontuação. Ainda segundo Abaurre (*op.cit.*), o ritmo da escrita está relacionado a requisitos que são inerentes à prosa, sendo que um desses requisitos seria a coesão textual. A pontuação trabalha em função da coesão textual a fim de funcionar como um articulador para o texto, trazendo a nós a percepção de que a pontuação é um dos fatores que constituem o movimento do texto escrito, portanto, seu ritmo. Dessa forma, percebe-se que é contraproducente isolar a pontuação do seu caráter rítmico e fundamentar seu uso apenas nos aspectos sintáticos. A interface entre esses dois fatores deve ser buscada e confrontada para que tenhamos uma interpretação mais ampla da questão, como observaremos nesta seção. Os trabalhos de Chacon (1998), Corrêa (1994; 1997) e Abaurre (1996, 2003) fundamentarão nosso entendimento acerca da pontuação e seu papel na produção do ritmo do texto escrito.

Os sinais de pontuação, então, se tornam relevantes para esta pesquisa especialmente por seu caráter gráfico, por serem marcas próprias da linguagem escrita. Sua existência se dá apenas na produção escrita, a pontuação não é pronunciada quando tomada isoladamente pois não é a representação gráfica de um fonema da língua, como são as letras, por exemplo. Como pontua Chacon (1998), os sinais gráficos que indicam a pontuação são característicos da escrita não somente porque “sua matéria é unicamente gráfico-visual; também (...) porque, dentre as múltiplas práticas de linguagem, somente naquelas que contam com a participação da escrita é que essas marcas vão figurar” (p. 89). Apenas na prática escrita vemos o efetivo uso desses sinais, que conferem o movimento rítmico do texto de acordo com os contornos entoacionais que existem entre os constituintes sintáticos, pois o ritmo da fala obedece a seus próprios critérios, os quais nem sempre coincidirão com a escrita, visto que há diversos outros

³⁰ “The rhythm of writing, determined by specific formal requirements of prose (and its genres), verse, and style, defines the way a particular piece of writing breathes after the rhythmic gesture of the hand that led to its production becomes frozen under the form of graphic markings on a blank page” (ABAURRE, 1996, p. 48).

fatores que influenciam essa produção. No entanto, é possível também que nos deparemos com textos escritos que possuam marcas entoacionais que são reflexos da oralidade, cujas representações gráficas são as pontuações, especialmente quando nos deparamos com produções escritas mais espontâneas.

Com base nessas ponderações, os sinais de pontuação seriam considerados os marcadores de ritmo da escrita. Mas é importante observar o quanto sua associação com outros fatores da constituição do enunciado é forte. Se tomássemos a pontuação apenas como um instrumento rítmico, estaríamos deixando de lado também sua natureza linguística. Como observa Chacon (1998), a pontuação também engloba em sua existência os fatores semânticos das estruturas que compõem um enunciado. O uso de determinada pontuação num enunciado pode delinear, além das propriedades fonológicas que nós citamos aqui, como os limites dos contornos entoacionais, também as propriedades sintáticas ou as propriedades semânticas de porções textuais ou de um enunciado como um todo. O uso de vírgulas para expressar um sentido em detrimento de outro, por exemplo, ou para clarificar ambiguidades serve como parâmetro para que passemos a considerar, também, o caráter semântico relacionado aos sinais de pontuação. A partir disso, podemos começar a entender a complexidade por trás dos sinais de pontuação que são, portanto, “marcas privilegiadas de observação do ritmo da escrita: são, por natureza, marcas gráficas (...),” mas, também “são marcas linguísticas, já que cumprem papel delimitativo de unidades estruturais da modalidade escrita da linguagem” (CHACON, 1998, p. 89). É de grande importância ressaltar o papel da pontuação dentro dessa cadeia linguística que existe em um enunciado, com vistas a compreender a estruturação das partes que o compõem por meio do uso desses sinais gráficos que as marcam, ressaltam e, até mesmo, evidenciam sua função linguística dentro do discurso.

Corrêa (1994), ao tratar da pontuação como o marcador rítmico que evidencia uma estrutura dentro do enunciado e ressalta o movimento do texto, aponta para a noção de unidades incluídas, as quais seriam partes textuais que se incluem no texto como enxertos. Essas unidades incluídas viriam marcadas por vírgulas na escrita. A inclusão dessas porções de textos separadas por marcadores formaria pontos de referência, cujas ideias podem ser retomadas e que mostram o movimento textual por conta da marcação rítmica que as envolve (como as vírgulas, nesses casos). Com efeito, essa função da pontuação – de evidenciar a segmentalidade e o movimento textual – demonstra o ritmo que é parte da escrita e, por exibir um caráter de articulador textual, esses sinais de pontuação farão parte do processo de formação da coesão textual, tal como propõe Abaurre (1996). Em outras palavras, é

perceptível que o ritmo da escrita, marcado principalmente pela pontuação, pode ser observado na alternância das porções textuais que são inseridas no enunciado, pois esses elementos formam domínios que, além de serem constituintes dotados de significados inerentes, possuem seus próprios contornos rítmicos dentro da cadeia prosódica, por meio da articulação e da remissão entre si. Levando isso em consideração, não podemos deixar de “pensar os sinais de pontuação como índices gráfico-visuais do ritmo da escrita, já que (...) pelo menos um dos papéis desses sinais é o de destacar elementos textuais que, articulados entre si, produzem um efeito de movimento para o texto” (CHACON, 1998, p. 82), o que nos leva a crer na pontuação que pode ocorrer como divisor de limites dos domínios prosódicos que tratam da percepção rítmica, como a frase entoacional, já que o movimento do texto, que ocorre por meio da articulação entre as porções textuais, como citado aqui, é parte do ritmo da escrita.

2.3.1 A pontuação como marcador prosódico

Afirmamos, nas seções anteriores, que a pontuação, desde o seu surgimento, tem sido relacionada ao ritmo. Alguns dos gramáticos citados aqui, assim como outros presentes em diversos trabalhos que fundamentam nossa pesquisa³¹, admitem a pontuação como reflexo da fala na escrita, ou seja, como o que pode ser interpretado como uma transposição do ritmo da oralidade para o texto escrito. Porém, essa abordagem se torna imprecisa pois nela as regras criadas e repassadas ao falante em processo (mais avançado ou não) de aquisição da escrita formal são basicamente fundamentadas em fatores semânticos, fazendo com que o conhecimento adquirido pelo escrevente não forneça segurança para a realização da escrita. A proposta de Corrêa (1994) de tratar a pontuação como um fator inerente ao texto escrito, responsável pelo movimento do texto, pela articulação entre as partes textuais e que responde a fatores específicos do ritmo da escrita faz uma relação maior entre os sinais de pontuação com a prosódia da língua, mostrando que ela está presente também no texto escrito, representada por sinais gráficos. Porém, como o tratamento atual ainda se perpetua no ensino básico (cf. os manuais e gramáticas aqui citados), casos de erros no uso da pontuação são facilmente encontrados em diversas amostras de textos escritos. E, ainda, como pontua Corrêa (*op. cit.*), “mesmo a confusão entre sinais de pontuação tem na vírgula o sinal tomado como principal referência” (p. 54). O uso da pontuação ainda é fator confuso para muitos

³¹ Cf Olímpio, 1991, p. 17.

escreventes e tal percepção pode ser confirmada, entre tanto outros exemplos, em decorrência da democratização da escrita trazida com o advento da internet. Nas redes sociais, espaço onde a comunicação é realizada principalmente por intermédio da forma escrita da língua, podemos observar inúmeros casos de desvios das regras normativas de pontuação, muitas vezes verificados na escrita de usuários individuais, mas também há casos de erros observados em páginas oficiais de veículos de comunicação em massa. Tudo isso serve como exemplo de que as regras de pontuação, especialmente as que dizem respeito à vírgula, que deviam ser consideradas como plenamente adquiridas ao fim do ensino básico, não são tratadas de forma que tal objetivo seja alcançado.

Corrêa (1997) usa texto de vestibulandos da Unicamp para formular hipóteses acerca do caráter heterogêneo da escrita e, em determinado ponto, analisa o uso da pontuação como um aspecto importante dessa complexa natureza constitutiva. No item em que faz a análise sobre a presença de marcas prosódicas na representação que o falante faz da língua escrita, o autor, baseado em Scarpa (1995), afirma que a prosódia pode ser entendida como um agrupamento de parâmetros como duração, intensidade, altura, velocidade da fala, pausa e outros subsistemas suprasegmentais que possuem qualidades significativas e distintivas. Esses fatores formam, ainda, o ritmo e a entoação de uma língua. Destaca, ainda, que a prosódia tem como característica básica a não-linearidade, fato constatado pela relação de hierarquia entre os domínios sobrepostos que não podem ser reduzidos a unidades segmentais devido à relação de dominância entre eles e que os constituintes prosódicos, apesar de obedecerem a essa hierarquia estrita, não possuem relação de isomorfia com os constituintes gramaticais ou certos aspectos semânticos da língua. Essa noção é muito importante para que a análise proposta pelo autor seja compreensível, visto que ele parte do fato de que os aspectos rítmicos percebidos pelo escrevente em determinada língua não serão sempre considerados corretos quando observados a partir de uma perspectiva gramatical, a qual rege as regras de pontuação.

Tratando especificamente da escrita, Corrêa (1997) aponta que a prosódia está imbricada no texto escrito, mas se manifesta apenas por meio da articulação entre outros planos da língua, como a sintaxe, no caso do uso da pontuação como mecanismo da coesão textual, ou com o próprio léxico, como no caso do acento das palavras. Em verdade, para que a leitura de um texto escrito seja realizada, seja em voz alta ou individualmente, em silêncio, é preciso que haja a imposição de uma prosódia, imposição que seria feita pelo próprio falante. Por isso, é possível encontrar divergência quanto aos aspectos prosódicos presentes na escrita, pois ocorrerá a partir de princípios que, por vezes, levam em consideração razões individuais

da percepção rítmica da língua, as quais são sugeridas pelo autor a partir da análise do *corpus* por ele selecionado. Com esses aspectos ressaltados, compreende-se a prosódia como um elemento que não pode ser associado apenas à fala e ao enunciado oral, mas que também faz parte da constituição do texto escrito e é possível recuperar seus traços na produção do escrevente. Em outras palavras, “(...) a prosódia não é exclusiva dos enunciados falados: por um lado ela é, em geral, uma exigência da leitura e vem, em parte, assinalada pela pontuação; por outro lado, ela é recuperável (...) em diferentes pistas linguísticas que os escreventes deixam em seus enunciados escritos (CORRÊA, 1997, p. 217)”. O fato de a prosódia ser assinalada pela pontuação não é consensual, pois, como já foi apontado nesse mesmo capítulo, é possível que as pausas de um enunciado nem sempre coincidam com o uso de uma pontuação e vice-versa. Porém, um conhecimento difuso sobre as regras que controlam o uso da pontuação (especialmente sobre a vírgula) pode fazer com que o escrevente, movido por uma intuição rítmica particular, deixe marcas prosódicas no seu texto escrito, que serão, também, indicadas pela pontuação. No exemplo³² a seguir, é possível observar a tentativa do escrevente em registrar graficamente a prosódia por meio da pontuação:

1) A violência é uma forma negativa de expressar frustrações, traumas, revoltas contra a sociedade e o sistema capitalista, ou seja, uma maneira de canalizar, todos os nossos impulsos negativos (...).

2) Eles produzem um tipo de som barulhento e rebelde que levam as pessoas a se manifestarem, das mais variadas e violentas formas possíveis.

3) E, o mais interessante de tudo isso é que...

Corrêa (1997), a partir desses trechos retirados de redações realizadas pelos concorrentes ao vestibular da Unicamp do ano de 1992, discute as pausas que o escrevente acredita existirem quando se sobrepõe uma prosódia ao enunciado. Porém, a ocorrência dessas pausas marcadas por vírgula não acontece a partir das regras que deveriam estar intrincadas ao seu conhecimento da norma padrão da língua portuguesa, mas sim de uma projeção da prosódia baseada em fatores individuais. No primeiro enunciado, vemos a vírgula quebrando a relação forte que existe entre o verbo e seu complemento sintático. Essa quebra, que ocorre apesar da forte relação sintática entre essas partes do enunciado, mostra que o escrevente sofre a influência de fatores que não decorrem apenas da escrita, mas também da

³² Retirado de Corrêa, 1997, p. 221. Texto 04-200.

prosódia. Nesse primeiro trecho, o autor acredita que a vírgula utilizada marca uma pausa que, para o escrevente, indica uma unidade de comunicação, na qual insere-se a sua voz junto ao posicionamento que está assumindo no texto. Na parte anterior do enunciado, o escrevente enumera itens sobre a violência, porém, como aponta Corrêa (1997), “até este momento, temos uma escrita muito próxima (...) de (...) uma ‘*anulação da estrutura dialógica*’ pela ‘*instanciação de um bizarro monólogo em que a voz que fala é a do Outro*’” (p. 221) (grifo do autor). No momento em que o escrevente passa a incluir sua voz nas ponderações que faz sobre a violência, faz uso de um gesto articulatório, que seria a pausa marcada pela vírgula, para fazer parte das generalizações que usa como argumento. A vírgula utilizada de forma errônea, nesse exemplo, delimita a “‘*unidade de comunicação*’ que localiza a posição do escrevente em sua representação da gênese da escrita³³” (CORRÊA, 1997, p. 222) (grifo do autor).

No segundo trecho há a mesma ocorrência, sendo que os discursos que compõem a voz do outro são parte dos textos motivadores presentes na proposta de redação. A inserção de sua voz na voz do outro se dá a partir do momento em que se criou a unidade de comunicação a partir do uso da vírgula separando, novamente o verbo de seu complemento, nesse caso, um complemento de circunstância. O caso da vírgula entre o verbo e seu complemento é um dos principais erros de pontuação observados nos textos escritos, juntamente da vírgula posicionada entre o sujeito e o predicado. Apesar da estrita relação sintática entre esses componentes, que é a principal justificativa para a não separação dessas partes, a pausa que ocorre por influência da prosódia é tão evidente para o escrevente, que o leva à marcação da mesma com o uso da vírgula.

Já o terceiro trecho traz uma vírgula após a preposição 'e' que inicia um período no qual o escrevente começaria sua delimitação acerca da temática desenvolvida no texto. Corrêa observa que nesse momento da produção escrita o escrevente marca o gesto articulatório – a pausa – mais uma vez, por meio da pontuação, pois aqui ele faz uma ressalva para mostrar seu posicionamento dentro do texto e faz uso de um mecanismo rítmico para enfatizar isso. Todos os exemplos mostrados pelo autor mostram que a prosódia da fala pode ser retomada no texto escrito quando percebemos que o escrevente deixa marcas prosódicas em suas produções e ao analisarmos essas pistas encontramos evidências de como a percepção rítmica pode influenciar a produção escrita, manifestando-se principalmente por meio dos sinais de

³³ Corrêa (1997) utiliza o termo "gênese da escrita" para nomear o momento do surgimento, no imaginário do falante, da constituição do texto escrito.

pontuação. Os enunciados mostrados aqui “evidenciam a presença da prosódia na pontuação considerada excessiva. (...) os casos comentados (indevidamente classificados como 'erros') podem ser melhor interpretados como boas pistas da expressividade do escrevente” (CORRÊA, 1997, p. 224). Com isso, a reflexão sobre o que é, de fato, um erro no uso da vírgula pode ser levantada, a partir das amostras que apontam o uso dessa pontuação para além da sintaxe, mas, ainda assim, mostrando sua função de trazer o movimento ao texto escrito tendo por base a percepção prosódica do escrevente.

2.3.2 A não utilização da pontuação e a percepção prosódica

Também a supressão dos sinais de pontuação quando, gramaticalmente, seriam necessários, bem como a confusão das regras quanto ao seu uso traz indícios de reflexos da prosódia no texto escrito. Corrêa (1997) analisa ambos os casos em conjunto, pois o acontecimento de um está atrelado ao outro. Os seguintes enunciados³⁴ mostram tanto a confusão em relação ao uso da vírgula quanto a falta delas quando necessárias:

- 1) Sabe aqueles lugares, grandes Δ onde pessoas famosas vão cantar...
- 2) Em vez de violência porque não à paz!
- 3) Porque fazem guerra, se violentam, entram nesse mundo das drogas, se é bom viver sem nada disso.

No primeiro enunciado temos o sinal Δ indicando a supressão do sinal de pontuação. Esse trecho, retirado de uma narração, mostra uma interlocução com um possível leitor, aspecto que é frequente nesse tipo textual, assim como o uso da primeira pessoa também é comum. A narração é um tipo textual que, muitas vezes, é utilizado como aporte aos textos escritos que reproduzem, em partes ou completamente, o ato de contar histórias. Corrêa (1997) observa a pontuação empregada da seguinte forma:

“Na tentativa de reproduzir o grafismo típico do contorno rítmico-entoacional da atividade de contar histórias, o escrevente inicia essa sequência procurando reproduzir passo a passo essa marcação. No momento seguinte, porém, provavelmente por reproduzir também a prosódia ensaiada mentalmente, o escrevente deixa de empregar a pontuação convencionalmente prevista (p. 224-225).”

³⁴ Retirados de Corrêa, 1997, p. 224.

O esquecimento de pontuações – e o uso errôneo também – mostra que esses sinais sendo utilizados ou não criam blocos prosódicos no texto escrito. A primeira vírgula do exemplo inicial não é utilizada naquela posição, porém, foi inserida pelo escrevente para criar um contorno rítmico que, em sua percepção, existe ali quando no momento de interlocução, no momento da fala com terceiros. A segunda vírgula, que, normativamente, viria para “fechar” o bloco inserido com a vírgula (pensando no uso opcional da vírgula para enfatizar partes textuais, termos ou expressões), não é utilizada porque, mesmo na fala, essa pausa não é realizada, por isso a justificativa de que, mesmo no esquecimento do sinal de pontuação há motivações prosódicas para tal.

No que diz respeito aos outros dois exemplos mencionados aqui, em ambos os casos o erro não está na supressão ou uso excedente da vírgula, mas na confusão com o emprego do sinal de interrogação. Esses dois trechos compõem o mesmo texto, sendo um título e o outro, parte do corpo do texto. Parece que a argumentação desse texto faz uso, principalmente, das perguntas para se construir. No primeiro desses casos, o sinal de interrogação foi substituído pelo sinal exclamativo. No segundo, foi trocado pelo ponto final. No exemplo 2), por ser um título, é possível que o escrevente tenha preferido o ponto exclamativo para dar uma ênfase enunciativa ao leitor, a fim de se mostrar engajado quanto ao tema da redação, mas o teor interrogativo do enunciado permaneceu. Já no exemplo 3) a pergunta fica evidente pela presença de um pronome interrogativo no início da frase, mas o sinal não é utilizado ao final, talvez pelo tamanho do enunciado, o que pode fazer com que o sinal seja esquecido. Nos dois exemplos, apesar de haver uma marcação lexical das perguntas pela presença do pronome interrogativo, o escrevente não marca com a pontuação aquilo que está marcado pelo léxico. Portanto, na confusão quanto ao uso da pontuação interrogativa, exclamativa ou da vírgula, Corrêa (1997) acredita que a marcação do tom nos enunciados é a introdução de um gesto articulatório ao texto, assim como o uso da pontuação errônea, como nos exemplos do tópico anterior.

2.3.3 Algumas reflexões sobre a vírgula como o marcador de ritmo na escrita

O sinal de pontuação selecionado por nós para este estudo é a vírgula. Buscaremos evidência em nosso *corpus* para sustentar a premissa de que a vírgula pode ser considerada, em alguns casos de desvio quanto ao seu uso, como um elemento marcador da prosódia. É importante deixar claro que não buscamos fundamentar o uso dessa pontuação específica em

aspectos rítmicos apenas. Não pretendemos associar o uso dos sinais de pontuação apenas à transposição de um ritmo da fala para o texto escrito. Acreditamos que cada sistema possui características rítmicas próprias, mas estas podem estar relacionadas à percepção rítmica que o escrevente possui que, quando somada à confusão com as regras de pontuação, pode influenciar a produção escrita e a pontuação, mecanismo que é utilizado para a produção rítmica da escrita.

A vírgula, por muito tempo, foi tratada como um sinal que é utilizado quando é necessário marcar a pausa que se faz para respirar na leitura de um texto escrito. Em verdade, ainda hoje professores iniciam aulas sobre pontuações dando tal explicação para a existência da vírgula, principalmente em decorrência de uma interpretação equivocada dos manuais e gramáticas da língua portuguesa. Como vimos neste capítulo, esses manuais usam frequentemente como ponto de partida o sinal de pontuação como representação gráfica do ritmo da fala, mas fundamentam as regras do uso em questões sintáticas, sem estabelecer uma relação mais coerente entre esses dois aspectos da língua e a maneira como eles estão intimamente relacionados ao processo de pontuar. Essa abordagem, porém, deixa espaço para muitos casos em que o uso da vírgula não está de acordo com as regras estabelecidas pela norma padrão da língua. Propor que a vírgula esteja associada à respiração é uma abordagem que pode criar interpretações muito pessoais pelo usuário da escrita.

Chacon (1998) faz várias considerações sobre como o uso da vírgula ainda é influenciado por essa abordagem fisiológica, relacionada à respiração. Segundo o autor, há muitos estudiosos que acreditam que cada falante, ao escrever um texto, teria sua própria pontuação, na qual seria possível observar o funcionamento de seu sistema respiratório, o que faria com que a vírgula e respiração fossem tão imbricadas que cada caso de pontuação individual poderia variar de acordo com a vitalidade do escrevente e de acordo com o modo como essa vitalidade influencia a frequência e hábitos respiratórios e até mesmo o tamanho dos pulmões. Todas essas causas estariam influenciando diretamente o uso da vírgula, dando a impressão de que o sistema desse sinal de pontuação seria individual e não pautado por regras e fundamentos gerais. Segundo o autor, nessa perspectiva,

destacar a respiração é, em última instância, destacar os movimentos do fluxo respiratório na atividade de fala e a indicação das pausas necessárias para a retomada de ar nesse fluxo. Eis o ritmo na linguagem (e o registro do ritmo na escrita pela pontuação) a partir de uma sua dimensão mais significativa: a fisiológica (CHACON, 1998, p. 96).

Em outras palavras, essa percepção da pontuação – especificamente, da vírgula – como fruto de uma atividade fisiológica que é a respiração está, de fato, relacionada à marcação do

movimento rítmico do texto escrito a partir das noções que o escrevente recebe de sua percepção prosódica da língua. No entanto, essa não pode ser a única ponderação feita quanto a essa ocorrência. Como abordamos neste capítulo, entre todos os questionamentos acerca da pontuação, é possível chegar ao local comum de que a pontuação serve ao texto como um mecanismo para evidenciar seu movimento natural, que, além de ser baseado em aspectos da fala, possui também aspectos próprios do sistema escrito e, por isso, o uso da pontuação está também relacionado aos aspectos sintáticos. A vírgula, principalmente, é o sinal que mais leva a contradições quando confrontados os aspectos rítmicos e sintáticos que regem seu uso, o que se deve especialmente a sua gama de realizações como o sinal com maior número de casos em que ocorre.

Outra evidência de que a vírgula é um mecanismo de marcação rítmica da escrita é sua característica função na alternância de estruturas no interior do enunciado escrito. Por meio dessa função, a vírgula evidencia o movimento do texto ao ser utilizada para mostrar os contornos entoacionais dos constituintes. Há casos em que a vírgula opcional é utilizada como elemento enfático para certas partes do texto, os quais dizem respeito a uma percepção prosódica da alternância de algumas estruturas. Nesses casos, em que a marcação por meio de vírgulas não é obrigatória por nenhuma regra, mas sim determinada pela percepção individual do usuário e sua vontade em destacar ou não, por meio das pausas enfáticas, certo trecho do enunciado, há a predominância da percepção prosódica que leva à pontuação. Como diz Chacon (1998) a respeito dessas ocorrências, o que perceberíamos seria,

na base de recomendações para o emprego de pontuação em estruturas enfatizadas, aparentemente uma alternância percebida como basicamente prosódica, que tradicionalmente é justificada pela necessidade de se quebrar a monotonia supostamente característica da disposição linear de um enunciado em que as palavras não fossem destacadas por meio de pontuação (CHACON, 1998, p. 97).

Portanto, o texto com palavras e estruturas colocadas em uma cadeia direta, sem espaços onde se evidenciem as pausas e outros contornos rítmicos, pode parecer um texto enfadonho, de leitura cansativa, visto que não há momentos para a respiração. Além disso, caso considerássemos o uso da vírgula em pontos cujo uso é opcional como impressões pessoais do próprio escrevente em seu texto escrito, teríamos, naquele texto, algo menos impessoal, como marcas de estilo do autor, abrindo margem para uma interpretação discursiva quanto ao uso da vírgula. Desse modo, podemos considerar a alternância de estruturas como uma função das vírgulas que é, além de prosódica, também semântica, por influenciar significativamente a compreensão de sentido do texto escrito.

A questão que diz respeito ao tamanho do enunciado, que sem o uso de pontuações em seu interior pode vir a se apresentar de forma cansativa quando submetido a uma leitura, é também pertinente à discussão sobre a prosódia do texto escrito. Segundo Chacon (1998), “a alternância rítmica que se pode depreender da proposta (...) de delimitação de unidades linguísticas por meio de pontuação vincula-se, de modo inequívoco, à extensão e, logo, à complexidade sintática do enunciado (ou do período) a ser dividido” (p. 101). Ou seja, o enunciado muito extenso, quando marcado pela pontuação, possui uma marcação rítmica mais evidente, a qual acaba sendo facultada ao escrevente. Porém, o uso desses sinais para a criação desse ritmo no enunciado estará relacionado às relações sintáticas que os termos possuem entre si. A vírgula, quando usada nesses casos, busca trazer alguma simetria ao enunciado, pois, assim como qualquer outro sinal de pontuação, é um elemento que dá um ritmo regular ao texto, fazendo com que a movimentação das partes textuais fique evidente e seja ressaltada pelos sinais gráficos. Corrêa (1994) discute o uso da vírgula como um influenciador dessa simetria e mostra que é o sinal para separar as unidades do texto que podem ser movimentadas por não possuírem estrita relação sintática com os constituintes com os quais fazem fronteira e por possuírem contornos rítmicos que lhes permitem ser movimentadas no texto e ainda assim fazer sentido. O uso da vírgula pelo escrevente em partes do texto que não são justificadas por nenhuma das regras deixa evidente os seus traços prosódicos, advindos de sua própria percepção rítmica. Com isso, novos blocos prosódicos são criados quando do uso desse sinal de pontuação, os quais muitas vezes alteram a estrutura do enunciado longo e complexo que seria considerado monótono. Esses blocos, como podemos observar, nem sempre corresponderão ao uso correto ou justificado (quando se trata de casos em que o uso é opcional) da vírgula.

Nesse ponto, é importante ressaltarmos que as principais regras sobre o uso da vírgula que os alunos autores dos textos que foram analisados por nós tendem a ignorar dizem respeito ao não uso da vírgula entre o sujeito e seu predicado, o verbo e seu complemento e antes da conjunção “e” que conecta orações que possuem mesmo sujeito. Apesar de serem as regras mais discutidas, pois sua violação leva ao uso inapropriado da vírgula, ainda são as responsáveis pelo maior número de ocorrências de erros, como podemos observar nos seguintes exemplos:

1) “Eu sabia que algo havia acontecido, e não iria conseguir dormir naquela aflição, eu tinha que verificar”.³⁵

2) “As redes sociais e as demais tecnologias, facilitaram as relações à distância e também, servem como espaço para exacerbação do sentimento”.³⁶

Mesmo que haja uma intensa relação sintática entre essas partes – que, em verdade, é o principal fato para se justificar por que a vírgula não é utilizada nesses casos –, o aluno tem uma percepção tão forte de questões como a ênfase ou a necessidade de criar certa simetria nos enunciados mais longos, que tende a marcar a pausa pela vírgula mesmo que não seja correto. De fato, a ocorrência de uma pausa nesse ponto depende de uma incidência da prosódia do autor que leve a esse objetivo, pois, na verdade, não há uma pausa incontestável naquele ponto, mas sim algo que pode variar entre quem lê e quem escreve. Segundo Olímpio (1991),

as unidades que se inter-relacionam sintagmaticamente na organização frasal (uma como determinado, e a outra como determinante) não podem ser separadas por nenhum sinal de pontuação. Por isso não se usa vírgula entre sujeito e predicado; entre verbo e complemento ou adjunto de valor restritivo; entre substantivos e complemento ou adjunto de valor restritivo (p.33).

Isso mostra que, gramaticalmente, é categórica a avaliação de que a vírgula, nos casos citados pela autora, não está correta por estar quebrando uma forte relação sintática entre constituintes. Porém, o uso constante desse sinal nessas posições leva-nos a refletir que, por algum motivo, essa regra não é plenamente adquirida pelos estudantes quando se observa a quantidade desses usos inadequados em seus textos escritos. É a própria autora que traz uma possível resposta para essa questão, ao dizer que “o autor da frase (levado pela pausa – maior ou menor – dependendo da extensão do sujeito) cometeu um engano e separou indevidamente os dois constituintes” (*op. cit.*, p.36). Observa-se que a problemática se torna ainda mais complexa quando Olímpio aponta que não há nenhuma comprovação, por parte das gramáticas, em relação às regras supracitadas, portanto, essa norma estabelecida pelos manuais de pontuação e gramática “não tem nenhum valor empírico” (*id.*, *ibid.*).

A vírgula é um sinal muito complexo. O seu uso é fundamentado principalmente pelas relações sintáticas entre as partes do enunciado, tornando-se um sinal separador de estruturas. No entanto, partindo das discussões apresentadas nesta seção, o escrevente que não possui

³⁵ Texto 01_013

³⁶ Texto 02_019

pleno conhecimento sobre as regras e uso da vírgula, que são diversos, pode vir a confundir as aplicações, levando aos erros encontrados por nós nesta pesquisa. Acreditamos que esses erros, além de decorrerem do desconhecimento de alguns aspectos do sistema de pontuação, podem estar também relacionados à percepção rítmica do falante, que usa a vírgula como um marcador prosódico em seus textos escritos.

2.4 Palavras finais sobre o capítulo

Este capítulo objetivou apresentar o problema central de nosso trabalho, que seria a pontuação como elemento da marcação rítmica em casos de desvios das regras de pontuação que são repassadas nas escolas com aporte teórico das gramáticas e manuais que regulamentam a norma culta do português brasileiro. Para isso, fizemos uma breve abordagem sobre o surgimento dos sinais de pontuação, os quais foram criados e sistematizados para trazer mais coerência aos textos escritos que já existiam, mas eram confusos por não possuírem um sistema que regulamentasse a prosódia na escrita. A partir dessa perspectiva, indicamos alguns dos principais gramáticos e estudiosos que elaboraram materiais sobre o uso da pontuação que são, normalmente, utilizados como suporte para a preparação de aulas que abordam as regras de pontuação em escolas do ensino básico, preparatórios para vestibular e outros. Com isso, percebemos que as regras que regulam a pontuação são fundamentadas principalmente no viés sintático, apesar de os autores ressaltarem também que a pontuação tende a marcar o ritmo do texto escrito. Porém, o que fica evidente é que não existe uma abordagem mais clara acerca de quanto o papel da pontuação como marcador rítmico está associado à estrutura sintática da língua, abrindo, dessa forma, espaço para o erro por parte do aluno que, por desconhecimento das regras gramaticais do uso da pontuação e, então, movido por sua percepção rítmica ao invés do domínio das regras, tende a marcar graficamente a sua impressão prosódica no texto escrito. Partindo dessa questão, apresentamos reflexões de estudiosos que já tematizaram o uso da pontuação como um marcador rítmico no texto escrito. A partir dessas reflexões, concluímos que o argumento de que a pontuação é um traço prosódico da percepção rítmica do usuário do sistema linguístico não é desconhecido dos estudos na área da linguística, evidenciando que a questão proposta por nossa pesquisa faz eco a uma discussão já existente. Por fim, delimitamos nossas ponderações para tratarmos especificamente da vírgula, por ser o sinal que escolhemos como objeto de nossa análise. Dentro dos sinais de pontuação, a vírgula possui o maior número de funções, o que faz com

que seja, também, o sinal com o qual o escrevente possui menor afinidade em termos das regras de uso. A partir das considerações de estudiosos que debateram o uso da vírgula e sua complexidade, pudemos perceber que esse sinal específico pode trazer muitas pistas sobre a intuição do falante acerca do ritmo de sua língua e sobre o modo como ele registra tal percepção nos seus textos escritos, especialmente os mais espontâneos, como é o caso dos textos que compõem nosso *corpus*.

A VÍRGULA COMO INSTRUMENTO DA MARCAÇÃO DO RITMO DA FALA NOS ENUNCIADOS ESCRITOS: UMA INTERFACE ENTRE SINTAXE E PROSÓDIA

Neste momento do trabalho, deter-nos-emos na análise dos dados retirados de nosso *corpus*. Direcionaremos nosso olhar aos usos da vírgula em redações escolares que não estão de acordo com as normas postuladas por Azeredo (2011), Bechara (1999), Cegalla (2008), Rocha Lima (1998) e Sarmiento (2005) em suas gramáticas da língua portuguesa e por Camargo (2005) e Piacentini (2009) nos seus manuais que tratam do uso da vírgula. Portanto, trataremos dos usos da vírgula que podem ser considerados como não convencionais por não serem justificados ou aceitos pelas normas de pontuação da língua portuguesa que são elencadas nos manuais e gramáticas usadas como referência para o tratamento da norma padrão da língua nas escolas de ensino básico. Não é nosso objetivo analisar normativamente os desvios relacionados aos usos da vírgula, mas sim apontar as evidências prosódicas de que esses casos não convencionais quanto ao uso da pontuação, especificamente a vírgula, podem mostrar relativamente à questão do quanto a percepção rítmica do falante influencia no ato de escrever e como o mesmo falante pode expressá-la no texto escrito por meio da pontuação, o que pode acarretar desvios quanto ao uso normatizado.

Faremos uma análise prosódica dos enunciados a partir da teoria proposta por Nespor e Vogel (1986) e Bisol (2014). Acreditamos que o uso da vírgula não associado às normas gramaticais pode estar relacionado a eventos tonais que podem ocorrer nas fronteiras prosódicas dos constituintes. Julgamos essas ocorrências como possibilidades observadas dentro dos enunciados criados pelo escrevente e não afirmamos que esses usos não-convencionais de vírgulas são realizações obrigatórias espelhadas nos eventos tonais percebidos pelo autor dos textos, mas acreditamos que uma ocorrência constante desses desvios no texto escrito pode suscitar reflexões sobre a intuição prosódica do sujeito. Além disso, propusemos, no último tópico deste capítulo, que as vírgulas não-convencionais que são classificadas como desvios pois ocorrem entre sujeito e predicado sejam indícios da tendência do português de ser uma língua topicalizada. Fizemos tais reflexões a partir de gravações que foram realizadas com falantes de língua portuguesa de alguns dos enunciados retirados do *corpus* com desvio de uso das vírgulas após o sujeito. Porém, vale ressaltar aqui que nosso objetivo primordial era perceber o fenômeno da relação do ritmo da natureza oral que deixa marcas prosódicas nos textos escritos, então, para não perder os indícios da

pontuação escolhida por esses falantes que mostram sua impressão do ritmo da língua, visto que, muitas vezes, a vírgula no texto nem sempre coincide com uma pausa evidente no momento de leitura – transposição do texto escrito para o oral –, neste trabalho, procederemos principalmente à interpretação dos dados escritos retirados dos textos escolares e de que forma eles nos levam a refletir sobre a percepção rítmica do falante pautada, muitas vezes, na oralidade, o que nos traz a interface entre a sintaxe e a prosódia no Português Brasileiro.

3.1 O *corpus*

A princípio, é importante detalhar algumas informações a respeito dos textos que compõem o *corpus* dessa pesquisa. Partimos de duzentos textos produzidos – entre eles narrações e dissertações – em formato de rascunhos escritos por alunos do ensino médio de uma escola privada na cidade de Manaus/AM no ano de 2015. A escola, como citado anteriormente, é da rede privada de ensino, está localizada na zona centro-sul da capital amazonense, em uma área residencial nobre e tem como alunos, de forma geral, crianças e adolescentes advindos de famílias que pertencem às classes média e alta da população manauara. Todos os textos partiram de propostas de redações que compunham o material didático ou eram elaboradas pelo professor responsável pela disciplina de Redação.

Do total de 200 redações, 100 foram produzidas por alunos do 1º ano do ensino médio e 100 por alunos do 2º ano do ensino médio. No que diz respeito às redações do 1º ano, temos os seguintes dados:

REDAÇÕES DO 1º ANO	
Total de textos escritos	100
Número de redações com desvios no uso da vírgula	47
Número de orações dentro das redações com desvios no uso da vírgula	55
Total de desvios no uso da vírgula dentro das orações	69

Do total de cem textos produzidos pelos estudantes dessa série, 47% são produções que contêm algum tipo de desvio quanto ao uso da vírgula. Em relação aos textos do 2º ano do ensino médio, temos:

REDAÇÕES DO 2º ANO

Total de textos escritos	100
Número de redações com desvios no uso da vírgula	40
Número de orações dentro das redações com desvios no uso da vírgula	50
Total de desvios no uso da vírgula dentro das orações	69

Entre os 100 textos produzidos pelos alunos do 2º ano, 40% possuem desvios em relação ao uso da vírgula.

Percebe-se que os textos com desvios quanto ao uso da vírgula são mais numerosos dentro do conjunto de produções do 1º ano do ensino médio do que nas produções do 2º ano. É possível que isso ocorra devido ao gênero textual das produções coletadas. Enquanto os textos do 2º ano são compostos apenas por dissertações, as redações do 1º ano são compostas por narrações e dissertações. O texto do gênero narrativo trata de contar sobre um fato, um acontecimento – real ou não – e, para tal fim, faz uso de recursos como descrições e produções de discursos diretos para reproduzir a fala dos participantes da narrativa. No que concerne à modalidade da narração, Corrêa (1997) afirma que, por conta disso, é possível que o escrevente veja maior espaço para deixar suas impressões pessoais no texto escrito e com isso seja levado a incluir vírgulas que não estão de acordo com as regras propostas pela gramática e outros manuais da língua. E essas vírgulas marcam justamente possíveis pausas que passam pela percepção do ritmo da língua do escrevente, à parte das regras de sintaxe que permeiam seu uso.

Separamos as ocorrências encontradas nos textos por tipo de desvio em relação às regras de uso da vírgula. As 69 ocorrências encontradas nas 55 orações retiradas dos textos de 1º ano podem ser divididas entre:

DESVIOS QUANTO AO USO NÃO-CONVENCIONAL DA VÍRGULA	
Vírgula entre verbo e seus complementos	3
Vírgula entre sujeito e predicado	15
Vírgula entre nome e seus complementos	5
Vírgula depois de conjunções subordinativas, coordenativas ou integrantes	3
Vírgula antes de “ou”	1
Vírgula entre uma enumeração	3
Vírgula antes da conjunção “e”	23

Vírgula entre “tanto...quanto” e “mais...que”	2
Vírgula entre oração adjetiva restritiva	1
DESVIOS QUANTO À FALTA DO USO DA VÍRGULA	
Separando o adjunto adverbial deslocado	11
Separando as orações intercaladas no interior de orações	1

As 69 ocorrências encontradas nas 50 orações com desvios quanto ao uso e à falta da vírgula retiradas do total de textos do 2º ano mostram os seguintes dados:

DESVIOS QUANTO AO USO NÃO-CONVENCIONAL DA VÍRGULA	
Vírgula entre verbo e complemento	2
Vírgula entre sujeito e predicado	19
Vírgula entre nome e complemento	4
Vírgula depois de conjunções subordinativas, coordenativas ou integrantes	3
Vírgula antes de “ou”	4
Vírgula entre uma enumeração	2
Vírgula antes da conjunção “e”	12
Vírgula entre “tanto...quanto” e “mais...que”	1
Vírgula entre oração adjetiva restritiva	2
DESVIOS QUANTO À FALTA DO USO DA VÍRGULA	
Separando o adjunto adverbial deslocado	11
Separando as orações intercaladas no interior de orações	9

Os desvios quanto ao uso da vírgula são, basicamente, casos que interferem na ordem direta da oração. Segundo Piacentini (2009), quando os termos da oração estão dispostos de acordo com a ordem direta, não se faz uso da vírgula. Relacionados a este critério, estão os principais desvios que os alunos cometem, de acordo com os dados acima. Nos textos dos estudantes do 1º ano, o uso da vírgula antes da conjunção “e” em oração com o mesmo sujeito que a precede é o mais recorrente (33,3% das ocorrências), seguido da vírgula entre sujeito e predicado (21,7%) e da vírgula entre nomes e seus complementos (7,25%). Nos textos dos escreventes do 2º ano, diferentemente das redações do 1º ano, o desvio mais recorrente é a vírgula entre sujeito e predicado (27,1% das ocorrências). Na sequência, vem a vírgula antes

da conjunção “e” em oração com o mesmo sujeito (17,4%), seguida da vírgula entre nomes e seus complementos (5,7%).

Em relação aos desvios quanto à falta do uso da vírgula, observamos que esses desvios se mostram, também, bastante expressivos nos textos de ambos os grupos. Esses casos, que estão incluídos na regra maior de que é necessário o uso da vírgula quando os termos integrantes da oração estiverem na ordem indireta³⁷, como afirma Piacentini (2009), mostram que o desvio mais recorrente nos textos das duas séries é a falta de vírgula separando o adjunto adverbial deslocado, fato observado em 15,9% dos desvios nos textos de 1º ano e em 15,7% dos desvios presentes nos textos do 2º ano.

A partir dessas informações, fica evidente para nós que os desvios quanto ao uso da vírgula são relevantes tanto no que diz respeito ao uso que não concorda com as regras gramaticais que regulamentam o uso desse sinal, quanto à supressão da vírgula quando a regra pede que seja utilizada. Os desvios mais recorrentes são, basicamente, os mesmos nos textos de ambas as séries. A vírgula entre sujeito e predicado e entre nomes e seus complementos, além da vírgula colocada antes da conjunção “e” que liga uma coordenada de mesmo sujeito, são os desvios que mais figuraram entre os encontrados nas redações, mudando apenas a frequência de ocorrência entre eles, pois a vírgula antes da conjunção “e” aparece como desvio mais frequente nas redações de 1º ano e a vírgula entre sujeito e predicado é o desvio mais recorrente nos textos de 2º ano.

3.2 Análise do *corpus*: a vírgula como o marcador de ritmo da escrita

Direcionamos nosso olhar para o uso da vírgula, em específico, por ser a pontuação mais recorrente dentro do texto escrito, sobretudo nos textos menos monitorados, como é o caso dos rascunhos que utilizamos aqui. Portanto, por ser a pontuação com maior número de ocorrências, torna-se também o evento que pode permitir encontrar evidências da nossa hipótese de que a vírgula em não-conformidade com as regras sintáticas pode estar sendo utilizada como um marcador da percepção rítmica que o falante tem de sua própria língua, deixando, a partir do sinal de pontuação, tal impressão registrada no texto escrito. Somadas as ocorrências encontradas nos textos que compuseram nosso *corpus*, encontramos um total de

³⁷ Apesar da regra de que na ordem indireta é obrigatório o uso de vírgula, alguns autores apontam que no caso do sujeito e seu complemento, mesmo que na ordem indireta, não se usa a vírgula. Cf: Olímpio, 1991.

139 desvios, entre eles casos de uso da vírgula não-convencional e falta do uso da vírgula quando previsto pelas regras de pontuação.

Analisamos esses 139 desvios encontrados sob a ótica da hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986), a fim de justificar que tais ocorrências podem estar relacionadas a reflexos da oralidade no texto escrito. É importante ressaltar que as análises a partir da teoria que propomos aqui não são categóricas, mas sim possibilidades de organização dos constituintes prosódicos nesses enunciados, sempre passíveis de nova reestruturação, a depender de novos contornos entoacionais que podem ocorrer no ato da enunciação. Essas possibilidades podem ser corroboradas pelo modelo teórico da Fonologia Prosódica. Com as análises sugeridas por nós, pretendemos mostrar que a teoria do ritmo pode ser um possível meio de interpretação para os supostos erros cometidos pelos alunos em suas produções textuais. Nessa análise, partimos da hipótese inicial de que o uso das vírgulas considerados como desvios das normas padrões de pontuação pode estar relacionado aos limites dos constituintes prosódicos – deixando evidente a influência do ritmo da oralidade no texto escrito, mesmo em situações mais formais, como é o caso da redação escolar.

3.2.1 A vírgula como marcador dos limites das unidades da hierarquia prosódica

A principal observação feita por nós a partir do nosso *corpus* é de que a vírgula, entre os sinais de pontuação, é o sinal mais recorrente na associação da pausa e dos contornos entoacionais da oralidade ao texto escrito e de que essas vírgulas ocorrem de acordo com os limites dos níveis prosódicos. Percebemos, nos textos recolhidos, que, muitas vezes, o uso da vírgula é preferido com relação ao uso do ponto final, por exemplo, o que resulta em períodos de grande extensão, formados por uma sequência de oração postostas umas às outras. O fato de os enunciados serem tão extensos não permite que façamos representações arbóreas dos resultados, porém, isso não interfere diretamente na análise de nossos dados, pois nosso foco é mostrar os acontecimentos acima do nível da frase fonológica, visto que os desvios encontrados em nosso *corpus* estão relacionados principalmente com o domínio da frase entoacional (I), como podemos observar nos exemplos a seguir:

1) [Logo,] I [podemos concluir,] I [que a humanidade se tornou completamente dependente de sua própria invenção para manter a ordem mundial.] I³⁸

2) [Somando-se a isso,] I [o desemprego é um dos problemas que mais afeta a sociedade brasileira,] I [e infelizmente ainda é um dos grandes fatores que induzem o alto nível de assassinatos e furtos no Brasil.] I³⁹

3)[Essa afirmativa mesmo não estando correta,] I [pode ser considerada uma verdade já que a população mais carente possui uma tendência maior a adentrar o mundo da criminalidade,] I [já que esses não possuem uma melhor opção como forma de vida.] I⁴⁰

Como podemos observar nos períodos em 1 e 2, as vírgulas utilizadas de forma não convencional estão relacionadas às fronteiras de I. No caso do período no primeiro exemplo, o desvio quanto ao uso da vírgula diz respeito à interrupção da ordem direta, especificamente com a vírgula utilizada de forma errônea entre o verbo e o seu complemento. Camargo (2005) afirma que a vírgula não deve ser utilizada entre o verbo e nenhum de seus complementos, o que inclui quaisquer objetos ou termos relacionados ao verbo. Porém, no trecho exibido acima, o escrevente pontua o texto com a vírgula logo após o verbo, antes do objeto que completa o verbo. No caso, o objeto é uma oração subordinada iniciada pela conjunção “que” que foi isolada do verbo que complementa. O isolamento do objeto com o uso da vírgula nos parece ser justificado pela percepção do falante da produção de um contorno entoacional identificável nesse ponto e, a partir disso, utilize a vírgula para marcar essa percepção, a qual leva ao entendimento de que [que a humanidade se tornou completamente dependente de sua própria invenção para manter a ordem mundial] se torna um domínio de I. Isso ocorre porque o uso da vírgula que isola esses objetos acarreta a reestruturação de I, como proposto por Nespor e Vogel (1986, p. 190).

O segundo exemplo traz um período em que a vírgula está sendo utilizada antes da conjunção “e” que conecta a oração coordenada a qual possui o mesmo sujeito da oração anterior. O uso dessa vírgula está em desacordo com outra regra de utilização das vírgulas, qual seja, de não se utilizar o sinal antes da conjunção “e” se a oração que é incluída possuir o mesmo sujeito da oração principal. No período exposto em 2, vemos que o sinal de

³⁸ Texto 01_040.

³⁹ Texto 02_054.

⁴⁰ Texto 02_023.

pontuação, a vírgula, está em desacordo com as regras previstas para seu uso, porém, ela coincide com o limite do domínio da frase entoacional (I).

Outro ponto importante a ser citado é o caso da falta de vírgulas. No período presente em 3 é possível observar que há uma ocorrência em que a vírgula não é utilizada corretamente quando deveria ter sido. Segundo Rocha Lima (1998), quando utilizamos adjuntos adverbiais deslocados que não sejam formados por apenas uma palavra ou orações coordenadas e subordinadas intercaladas no interior da sentença – o que podemos entender como qualquer parentética na ordem indireta – é necessário o uso da vírgula. No caso apresentado em 3, há um desvio quanto a essa regra. Temos a oração adverbial subordinada “mesmo não estando correta” sendo separada por apenas uma vírgula ao invés de duas vírgulas, que seriam necessárias já que a oração foi inserida no interior de uma oração e não em suas extremidades, única forma que justificaria o uso de somente uma das vírgulas.

De acordo com Nespor e Vogel (1986), certas estruturas constituem um domínio de I, e elementos movidos, deslocados da ordem direta, como a oração subordinada intercalada do exemplo acima, podem ser considerados como propõem as autoras e, portanto, formariam um único domínio de I. Porém, o que observamos, pela construção dos alunos autores dos textos supracitados, é que o constituinte I nessa oração pode ser interpretado como: [essa afirmativa mesmo não estando correta]. Isso ocorre devido à falta da primeira vírgula que isolaria o constituinte sintático formado pela oração adverbial subordinada intercalada. É possível que o aluno deixe de usar a vírgula porque, quando falamos, a pausa que poderia estar relacionada com o uso da primeira das duas vírgulas necessárias para isolar o adjunto nem sempre é produzida, pois, como afirma Corrêa (1997, p. 225), o escrevente tende a buscar reproduzir a prosódia da língua, o que o leva, em um momento de menor monitoramento da escrita, – caso dos textos que compõem o nosso *corpus*, que são rascunhos de redações narrativas e dissertativas – a não utilizar o sinal gráfico corretamente.

Com base nas observações feitas a partir desses exemplos, o uso não convencional da vírgula e, ainda, a falta de vírgula quando o sinal é necessário, pode estar relacionado com a fronteira dos domínios prosódicos da hierarquia. A vírgula presente nesses locais pode nos dar indícios da percepção rítmica dos falantes e de como eles reproduzem tal percepção em seus textos mais espontâneos. Em nossas considerações, parece-nos que o sinal da vírgula discordante das regras que regulam seu uso mostra-se relacionado principalmente com as fronteiras de I devido à reestruturação desse domínio que é motivada pelo uso de vírgulas em dissonância.

3.2.1.1 A vírgula nos limites da frase entoacional (I)

O uso não convencional da vírgula que coincide com os limites do domínio de I ocorre, na maior parte das vezes, em contextos específicos no conjunto dos dados selecionado para esta análise. Interpretamos que, ao utilizar a vírgula em desconformidade com os padrões estabelecidos pela norma culta da língua portuguesa brasileira, o falante percebe, a partir de sua consciência fonológica da língua, a presença de uma pausa ou contorno entoacional que deve ser marcado de alguma forma no texto escrito. Então, isso cria um domínio de I por meio da reestruturação desse domínio, visto que é o local onde se percebem os contornos entoacionais e pausas em sua maioria.

Os desvios do uso da vírgula que coincidem com a fronteira de I estão relacionados, primeiramente, ao fato de que há uma ligação sintática muito forte entre os constituintes da oração, fazendo com que o uso indevido da vírgula interrompendo essa ligação seja considerado errado. Em segunda instância, quando esses desvios dizem respeito à falta das vírgulas quando necessárias – especialmente em usos de termos ou expressões na ordem indireta ou da inserção de orações intercaladas –, casos que, como apontado acima, criam um constituinte de I no enunciado. Tendo isso em vista, as vírgulas utilizadas entre sujeito e predicado, antes de conjunções “e” que ligam orações de mesmo sujeito e entre verbos e seus complementos, alguns dos principais erros cometidos pelos alunos, são as que mais possuem relação com a fronteira no nível de I. Quanto à falta da vírgula, os casos de ausência do sinal separando o adjunto adverbial deslocado constituem a ocorrência mais frequente nos textos analisados, porém, casos da falta de vírgula separando as orações intercaladas no interior do enunciado também foram encontrados no conjunto de períodos analisados. Outros desvios, não muito recorrentes, mas também encontrados no conjunto de orações retirados dos textos de nosso *corpus* – como as vírgulas entre os nomes e seus complementos, orações adjetivas restritivas, enumerações, entre construções com os termos “tanto...quanto” e “mais...que”, antes ou depois de conjunções integrantes e coordenativas e antes de termos como “ou” e “nem” – mostram também a presença da vírgula em coincidência com o os limites do domínio de I. É o que podemos observar nos exemplos a seguir:

1) [Nos últimos anos,] I [o ser humano,] I [vem desenvolvendo,] I [com ajuda das indústrias e da tecnologia,] I [inventos que a cada dia melhoram nossas vidas] I⁴¹

2) [A criação e reprodução das enciclopédias só foi possível,] I [graças à prensa de Gutemberg.] I⁴²

3) [Na medida que indivíduos expostos a um meio insalúbril,] I [tanto social,] I [quanto economicamente,] I [tenderá a refletir em sua personalidade] I [o meio em que vive.] I⁴³

4) [Nos últimos 150 anos,] I [armas começaram uma evolução descontrolada,] I [se tornando melhores e muito mais destrutivas,] I [causando mais destruição,] I [do que pacificação,] I [se tornando um problema para a sociedade,] I [e principalmente para alguns países emergentes,] I [que utilizam da força para manter a ordem.] I⁴⁴

5) [Então resolvo acabar logo com isso e vou até o edifício mais alto da cidade,] I [e me sinto um egoísta por querer cometer suicídio,] I [mas volto a pensar que todos da minha vida são ruins,] I [e grito bem alto para o céu.] I⁴⁵

Em 1), o desvio da vírgula ocorreu entre o sujeito e o predicado; em 2), o caso é da vírgula entre um nome e seu complemento; já em 3), temos a vírgula sendo utilizada no interior da oração construída com “tanto...quanto”; em 4), o sinal também viola as regras no interior da oração com “mais...que”; por fim, em 5), há duas ocorrências de uso da vírgula antes da conjunção “e” que relaciona orações de mesmo sujeito.

Antes de tudo, cabe mencionar que algumas das vírgulas que ocorrem nos exemplos citados anteriormente coincidem com os limites de I pois, o uso do sinal nos respectivos locais pelos alunos leva-nos a interpretar que ali aquele falante identifica um contorno entoacional que, em sua percepção rítmica da língua, deve ser assinalado por um sinal de pontuação que marque o ritmo do enunciado e esse sinal coincide com o local onde pode se identificar um domínio de I. Porém, sem a existência dessas ocorrências não-convencionais de pontuação, nem todos esses domínios seriam a frase entoacional, mas, possivelmente, a frase fonológica. Apesar de o domínio de φ não ser o local na hierarquia onde ocorre a grande maioria dos eventos tonais, de acordo com Soncin (2012, p. 395), nem o local no qual deteremos nossa análise, é possível que vírgulas na fronteira desse constituinte – ou, até

⁴¹ Texto 01_058.

⁴² Texto 01_004.

⁴³ Texto 02_036.

⁴⁴ Texto 01_039

⁴⁵ Texto 01_060

mesmo, no interior dele – estejam relacionadas à organização prosódica que é intrínseca a esse constituinte, a qual é capaz de evidenciar os eventos tonais que ocorrem em palavras cabeça ou não da frase fonológica. Além disso, ainda é possível que as vírgulas que não obedecem às regras gramaticais e que coincidem com as fronteiras de φ sejam relativas à focalização de certos elementos do período. No caso dessa última possibilidade, a marcação da fronteira de φ por meio de vírgulas vai ter em vista as informações semânticas dos elementos que constituem o período. Soncin (*id.*, *ibid.*) afirma que a coincidência da vírgula não-usual com as fronteiras de φ pode estar relacionada com acentos tonais nas palavras cabeça da frase fonológica. Tais casos não serão o foco de nossa análise, mas é importante, a partir disso, evidenciar que os casos tratados aqui tratam-se de uma percepção da organização prosódica desses enunciados por parte dos alunos produtores do texto, mostrando possibilidades de uma reestruturação rítmica.

As vírgulas encontradas nas fronteiras de I estão relacionadas a erros específicos das regras de pontuação postuladas pela gramática. De acordo com Nespor e Vogel (1986), o nível da frase entoacional (I) é o local em que os contornos entoacionais da língua podem ser identificados, por isso, normalmente é onde as pausas e alguns contornos entoacionais podem ser inseridos. Tendo essa afirmação em mente, percebemos, a partir dos dados retirados das redações de nosso *corpus*, que a utilização de vírgulas consideradas não convencionais pelas regras de pontuação nos limites do domínio de I pode estar sendo condicionada pela percepção rítmica do aluno autor desse texto. A possibilidade de, na representação oral, ocorrer alguma pausa, realce ou modulação da voz nessas fronteiras como representação dos contornos entoacionais da língua leva o escrevente a marcar com um dos sinais gráficos que representa a pausa – a vírgula – aquilo que ele compreende como uma pausa possível na fala, ocasionando a reestruturação do constituinte. Além dessa questão, segundo afirma Soncin (2012, p. 394), os desvios quanto ao uso da vírgula se mostram, de certa forma, mais estáveis quando se relacionam aos níveis mais altos da hierarquia prosódica, pois a estabilidade dos domínios está condicionada aos tipos de informações que, segundo a organização prosódica, são necessárias para que sejam feitas as definições desses domínios. O nível de I necessita de informações de base semântica para alterar as constituições desse domínio no que diz respeito a contornos entoacionais ou pausas, informações essas que são menos específicas que as necessárias para a constituição do nível da frase fonológica (φ), por exemplo, que precisam de informações de base morfossintática relativas aos elementos que o constituem. Ou seja, os desvios cometidos pelos alunos e que coincidem com os limites do nível da frase entoacional

se tornam, de alguma maneira, previsíveis quando vistos por esse ângulo, visto que, por ser o lugar onde naturalmente ocorrem as pausas e os contornos entoacionais e, por precisar de menos especificidades das informações gramaticais dos elementos que o formam, tal domínio torna-se o lugar onde as vírgulas em discordância com as regras sintáticas de pontuação encontram lugar e justificativa para sua realização.

3.2.1.2 A vírgula entre sujeito e predicado: uma evidência da topicalização na escrita?

Nesse tópico do trabalho, acrescentaremos à nossa análise uma possibilidade de interpretação dos casos de vírgula entre sujeito e predicado encontrados aqui em nosso *corpus*, de que o uso da vírgula entre sujeito e predicado seja uma evidência gráfica da topicalização presente na língua falada. De acordo com Pontes (1981),

em Português e muitas outras línguas, o tópico é marcado pela posição na sentença, que é a primeira; pela ocorrência, muitas vezes, do pronome anafórico ao tópico; e pela entonação, que ainda não foi descrita, sendo frequente (embora não obrigatória) uma quebra entonacional depois de tópico (p. 53).

O sujeito também pode ser reconhecido na sentença pela sua posição ou por algum morfema que o identifique como o sujeito do enunciado, além de sua função sintática na frase como um todo. A partir dessas considerações, percebe-se que o sujeito e o tópico possuem certas similaridades, especialmente quando, pensando pelo aspecto de que o tópico pode ser marcado pela presença de contornos entoacionais assim como o sujeito, abordamos essa questão por uma perspectiva prosódica, não apenas sintática.

Apesar do fenômeno da topicalização ser considerado, por muitos autores, como um evento mais recorrente na linguagem falada, é possível que se identifiquem as ocorrências tópico-comentário também na escrita. E uma das formas de ser identificar essa estrutura é observando que elas são marcadas por um realce prosódico, o que nós entendemos pela pausa ou pelo contorno entoacional ascendente frequente que segue o sujeito. Segundo Silva (2012), “o foco (que seria o comentário)⁴⁶ tende a ocorrer na posição de: predicativo do sujeito (predicado nominal); objetos (complementos verbais); ou na posição de sujeito em oração intransitiva” (p. 4, parênteses nossos), o que corrobora o pressuposto de que a estrutura tópico-comentário não se diferencia largamente da estrutura sujeito-predicado, visto que o

⁴⁶ O autor considera o par tópico-comentário como equivalente a “tópico-foco”, “dado-novo” e “tema-rema”. No decorrer desse tópico, trataremos desses termos como propõe o autor, considerando-os como sinônimos.

próprio comentário ocupa a posição de predicado e o tópico é, justamente, o sujeito da sentença, e sua posição no enunciado pode coincidir ou não com a posição de sujeito.

3.2.1.2.1 Algumas informações sobre o teste aplicado

A partir dos dados coletados no conjunto de textos que compõem o nosso *corpus*, retiramos 10 enunciados cujos desvios sejam especificamente o uso errado da vírgula entre sujeito e predicado e pedimos que falantes da língua portuguesa gravassem a enunciação dos períodos. É importante ressaltar aqui que nossa intenção com esse teste foi testar a viabilidade de nossa hipótese sobre a vírgula utilizada entre o sujeito e o predicado poder ser associada a contornos prosódicos.

Entregamos os 10 enunciados impressos a quatro indivíduos⁴⁷, sendo que dois conjuntos de enunciados tiveram os erros de pontuação corrigidos e dois conjuntos foram mantidos com os devidos desvios registrados nos textos escritos produzidos pelos alunos. Pedimos que fosse realizada, primeiramente, a leitura individual e em silêncio até que o indivíduo estivesse familiarizado com os períodos, a fim de evitar muitos erros durante as gravações. Em seguida, pedimos que os falantes prosseguissem com a leitura em voz alta, a qual foi gravada com auxílio do gravador de áudio de um aparelho celular Samsung ao sinal de positivo de casa indivíduo.

Os falantes 1 e 3 fizeram a leitura dos enunciados corrigidos, ou seja, sem a vírgula sendo utilizada entre o sujeito e o predicado; já os falantes 2 e 4 leram os enunciados originais, com os erros quanto ao uso da vírgula mantidos. Cada enunciado foi lido individualmente. Obtivemos, então, um total de 40 gravações, sendo que 20 vieram de enunciados com erros de vírgulas e 20 vieram de enunciados corrigidos.

3.2.1.2 Análise das gravações

A partir dos dados obtidos com as gravações, produzimos a tabela a seguir, na qual organizamos as marcações realizadas após o sujeito por cada falante nos áudios das gravações dos enunciados. Consideramos marcações qualquer pausa ou modulação de voz, ênfase, entoação diferente, hesitação breve *etc.* que pudesse ter alguma semelhança com uma pausa ao falante e gerasse algum contorno associado ao foco. A partir dos dados, obtivemos as seguintes informações:

⁴⁷ Os enunciados entregues para a leitura no teste com os informantes estão nos anexos desse trabalho.

	FALANTE 1	FALANTE 2	FALANTE 3	FALANTE 4
ENUNCIADO 1	SIM	SIM	SIM	SIM
ENUNCIADO 2	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ENUNCIADO 3	NÃO	SIM	SIM	SIM
ENUNCIADO 4 ⁴⁸	NÃO	NÃO	NÃO	SIM*
ENUNCIADO 5	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
ENUNCIADO 6 ⁴⁹	SIM*	SIM*	SIM*	SIM*
ENUNCIADO 7	SIM	SIM	SIM	SIM
ENUNCIADO 8	NÃO	SIM	SIM	SIM
ENUNCIADO 9	SIM	SIM	NÃO	SIM
ENUNCIADO 10	SIM	SIM	SIM	SIM

Tendo em vista os dados exibidos acima, percebemos, em números absolutos, que em 4 dos 10 enunciados tivemos a ocorrência de uma pausa ou hesitação após o sujeito nos dados de fala dos quatro informantes referentes ao mesmo enunciado. Em outros 4 enunciados, tivemos uma ocorrência diferindo da maioria. E apenas em 2 enunciados todos os falantes deixaram de realizar alguma marcação após o sujeito. Dentro do total das 40 gravações que obtivemos, 65% correspondem a ocorrências em que houve uma pausa ou hesitação após o sujeito e em 35% não houve pausas, hesitações, ênfases ou modulações da voz.

Em tempo, ressaltamos aqui que pausas, segundo Silva (2002), destacam grupos tonais e atuam como sinalizadores de como deve ser a interpretação de um interlocutor sobre determinado enunciado. Segundo esse autor, as pausas podem ocorrer em três posições: em fronteiras de constituintes extensos, principalmente entre orações justapostas e entre sujeito e predicado; antes de palavras com conteúdo lexical forte que estejam contidas em sintagmas nominais, verbais ou adverbiais; e depois da primeira palavra de um grupo entoacional. No primeiro caso, tratam-se de pausas que indicam fronteiras de grupos entoacionais, já o segundo e o terceiro caso seriam pausas que indicam apenas fenômenos de hesitação⁵⁰. Os dados que coletamos por meio das gravações se encaixam no primeiro caso. Doravante,

⁴⁸ Percebemos, nas gravações do informante 4, uma leitura mais marcada e pausada em relação aos dados obtidos com os outros informantes.

⁴⁹ Identificamos a pausa após o sujeito do enunciado 6, porém, achamos importante destacar que, no caso desse enunciado, temos uma oração que funciona como sujeito e é ao final dela que consideramos o ponto em que se encerra o sujeito e se inicia o predicado.

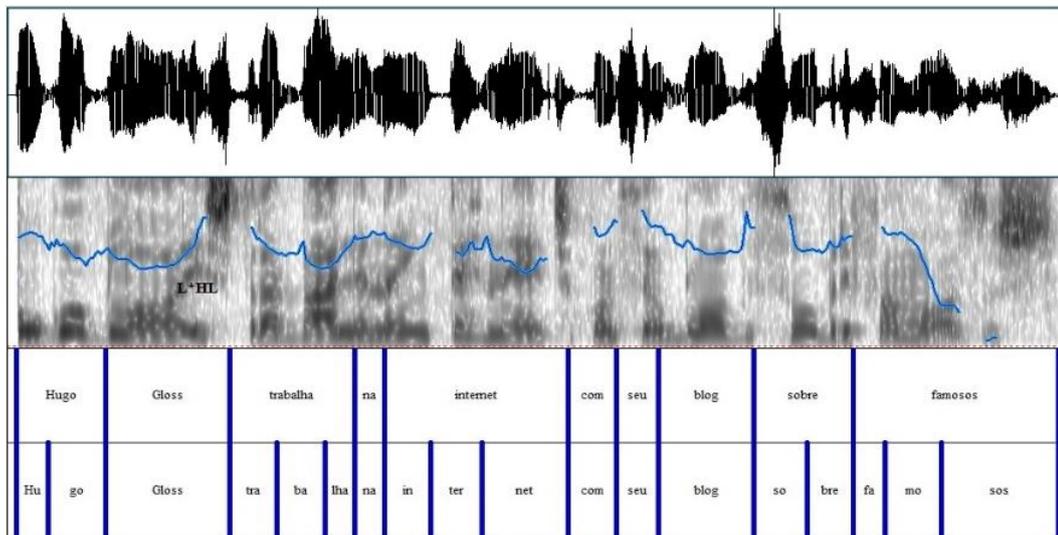
⁵⁰ Adaptado de Silva (2002, p. 113-114).

chamaremos *pausa* as marcas de silêncios que ocorrem após um grupo tonal, no caso dos enunciados analisados nesse tópico, após o sujeito e antes do predicado.

Segundo Fernandes (2007, p. 105), os contornos entoacionais que caracterizam os sujeitos focalizados podem ser diferentes quando se relacionam a φ ramificados ou não ramificados. Percebemos que os enunciados observados por nós se enquadram no que diz a autora quando indica que “nos casos em que o sujeito focalizado é constituído por um φ ramificado há um acento de altura associado à cabeça de φ que contém o sujeito focalizado e um acento frasal é opcionalmente associado à fronteira direita desse mesmo φ ” (p. 105)⁵¹.

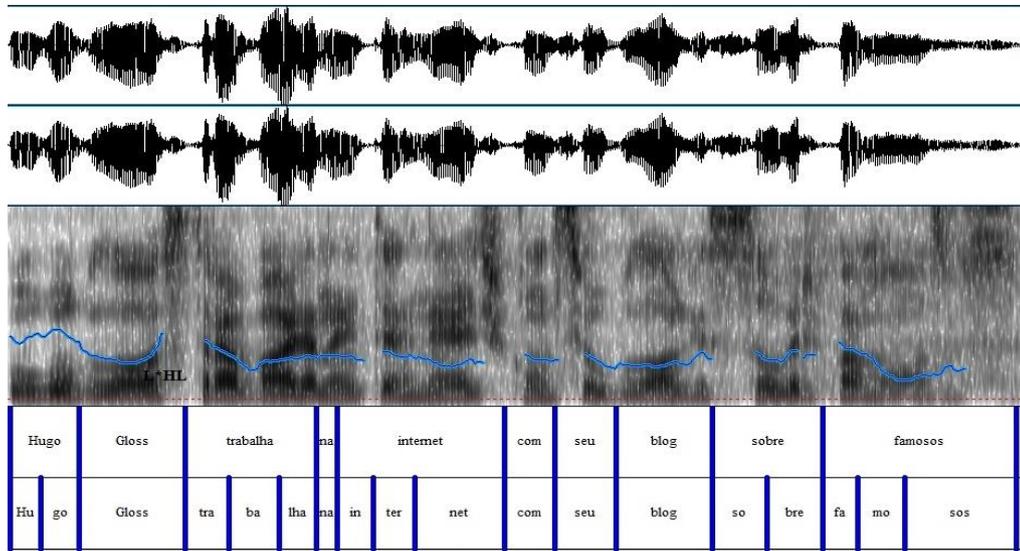
A partir dessa generalização proposta por Fernandes (2007) e a observação dos áudios coletados com a leitura dos enunciados no *Praat*, no período [Hugo Gloss trabalha na internet com seu blog sobre famosos], lido pelos quatro falantes participantes deste teste, obtivemos os seguintes espectrogramas:

Falante 1

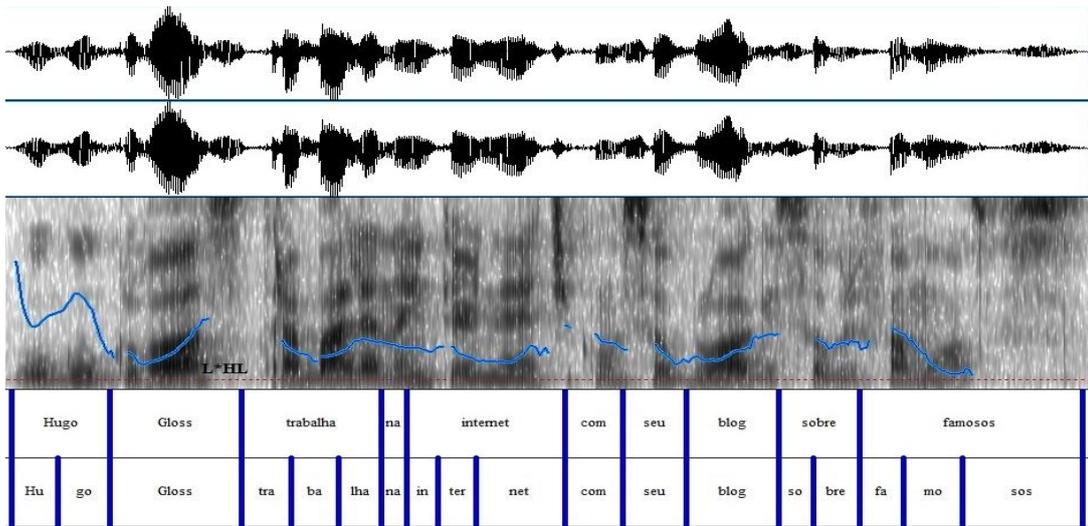


⁵¹ “(ii) In the cases where the focused subject is constituted by a branching φ : b. there is a pitch accent associated with the head of the φ that contains the focused subject, and a phrasal accent is optionally associated with the right boundary of this same φ ” (FERNANDES, 2007, p. 105).

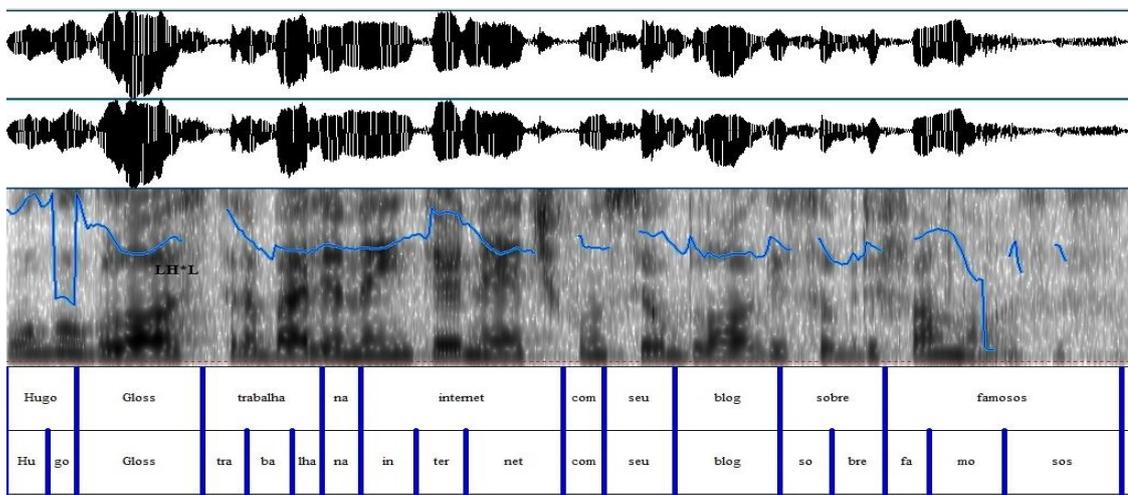
Falante 2



Falante 3



Falante 4



Podemos observar nesse período que há um contorno entoacional do tipo L*HL entre o sujeito e o predicado associado à cabeça de ϕ na enunciação de todos os quatro falantes, ainda que em alguns de forma mais evidente e em outros de maneira mais breve. O sujeito nessa frase parece-nos topicalizado. A evidência que corrobora a afirmação de que o sujeito “Hugo Gloss” está topicalizado é a direção do tom que é mostrado na imagem. A curva em ascendência após o sujeito e antes do predicado nos quatro enunciados mostra que o elemento anterior, [Hugo Gloss], está topicalizado, portanto, podemos considerar o sujeito como tópico nesse exemplo. O contorno do tipo LHL observado nesses enunciados corresponde, segundo Truckenbrodt, Sandalo e Abaurre (2007, p. 77), ao contorno associado a foco sob o sujeito. Isso já evidencia que a recorrência no erro quanto ao uso da vírgula entre sujeito e predicado está relacionada à existência desse contorno que pode ser compreendido, pelo falante, como algo similar a uma pausa, a qual é percebida de forma significativa pelos falantes do português e tal fato, atrelado à escrita de textos menos monitorados e ao desconhecimento das regras de pontuação, leva ao erro na escrita. Isso nos leva a acreditar que o sujeito nessa frase parece estar recebendo um foco sob ele. O contorno entoacional está associado à cabeça de ϕ , [Gloss], nos quatro enunciados e isso nos mostra que o sujeito, [Hugo Gloss], está, de fato, em uma estrutura do tipo tópico-comentário, portanto, está topicalizado nesse exemplo.

Ao estruturarmos essas orações nos moldes de testes utilizados para identificar tópicos e comentários⁵², temos o seguinte:

⁵² Molde do teste proposto por Reinhart (1981) e adaptado por Silva (2012, p. 3): Arnaldo é médico.

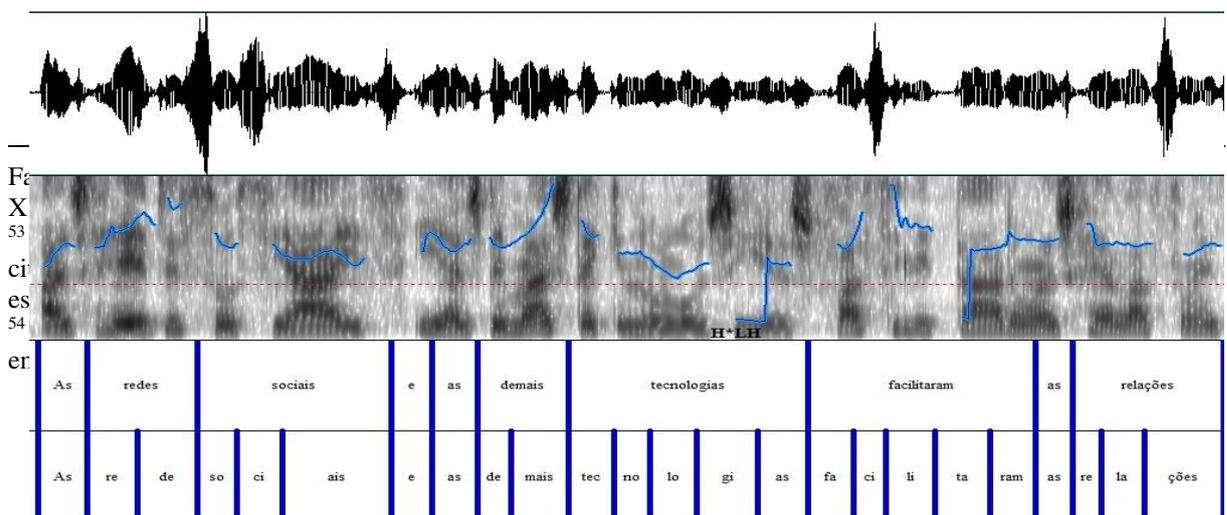
- 1) Fale-me de Hugo Gloss.
- 2) Hugo Gloss trabalha na internet com seu blog sobre famosos.

O tópic, segundo Silva (2012, p. 2), seria a coisa da qual falamos enquanto o comentário seriam as partes importantes das coisas que dizemos a respeito do tópic⁵³. Como afirma Silva (*id.*, p. 3), “a atualização desse enunciado ocorre em duas fases: na primeira, é selecionada a informação partilhada pelos participantes do ato comunicativo; na segunda fase, é introduzida no contexto uma informação nova, ou seja, a especificação relativa à informação anteriormente selecionada”. Portanto, ao passar o enunciado pelo teste proposto pelos autores, o enunciado acima mostra que [Hugo Gloss] é o tópic e [trabalha na internet com seu blog sobre famosos] seria o comentário. E o contorno realizado após o sujeito serve como o elemento prosódico que visa focalizar o elemento topicalizado, nesse caso. [Hugo Gloss].

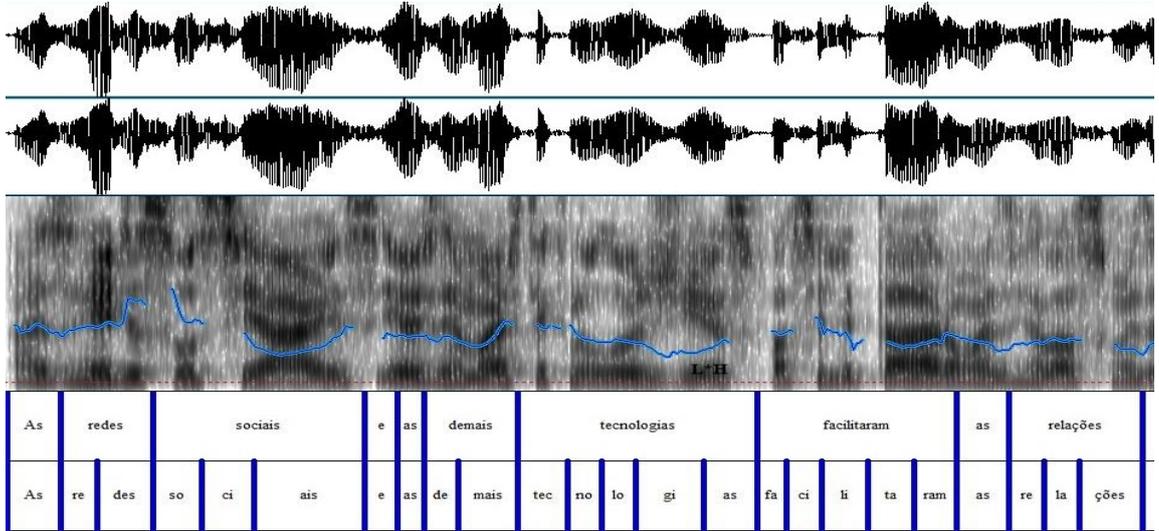
Isso faz-nos pensar que a recorrência no erro quanto ao uso da vírgula entre sujeito e predicado está relacionada à existência desse contorno do sujeito focalizado que pode ser compreendido, pelo falante, de forma significativa que é preciso que seja assinalado graficamente. Tal fato, atrelado à escrita de textos menos monitorados e ao desconhecimento das regras de pontuação, leva ao erro na escrita.

Outro período testado por nós é [As redes sociais e as demais tecnologias, facilitaram as relações à distância e também, servem como espaço para exacerbação do sentimento]. Esse enunciado mostra, novamente, uma coincidência entre os contornos entoacionais que ocorrem no mesmo local onde os alunos autores dos textos que compõem nosso *corpus* utilizaram a vírgula. Com as gravações, podemos observar os seguintes espectrogramas:

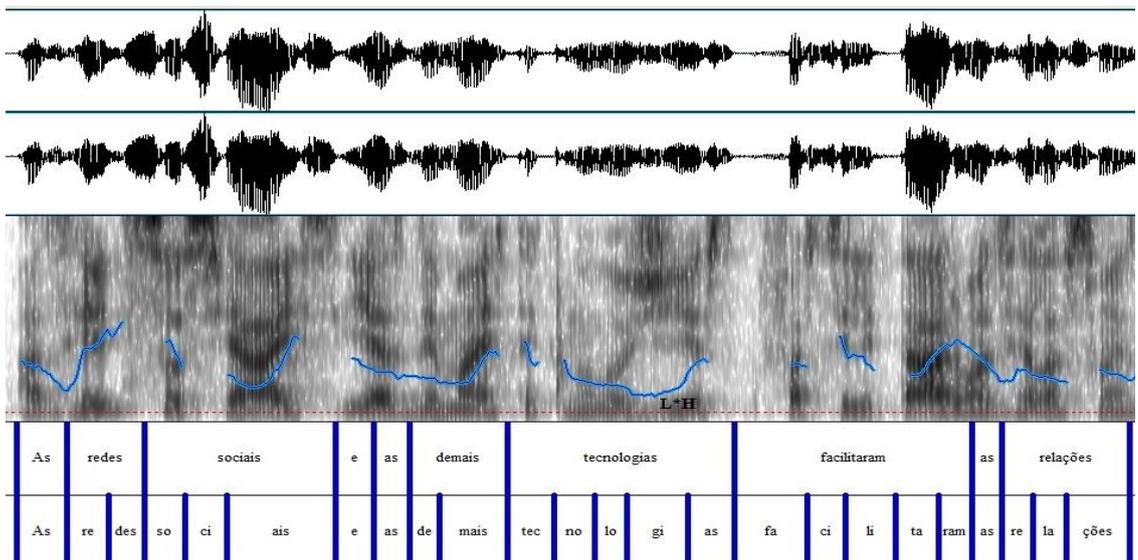
Falante 1 ⁵⁴



Falante 2 ⁵⁵



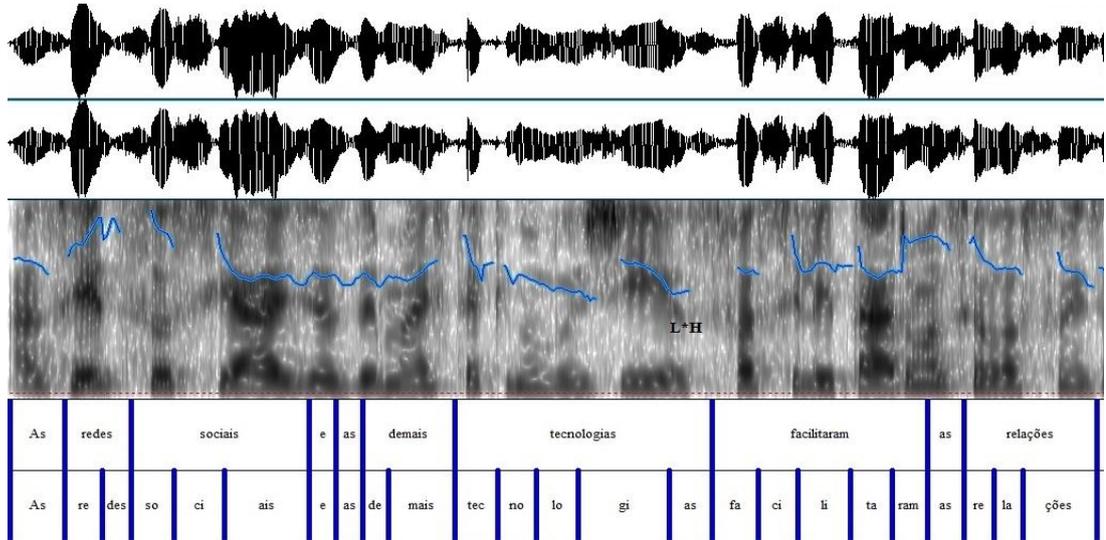
Falante 3 ⁵⁶



⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Idem.

Falante 4



Nos espectrogramas das imagens acima, é possível observar, novamente, que existe uma coincidência entre contornos entoacionais marcados na fala e a utilização da vírgula nos enunciados escritos. O enunciado original, retirado da redação⁵⁷, é [As redes sociais e as demais tecnologias, facilitaram as relações à distância e também, servem como espaço para exacerbação do sentimento]. Selecionamos esse enunciado para compor nosso *corpus* também devido à presença da vírgula entre o sujeito e o predicado.

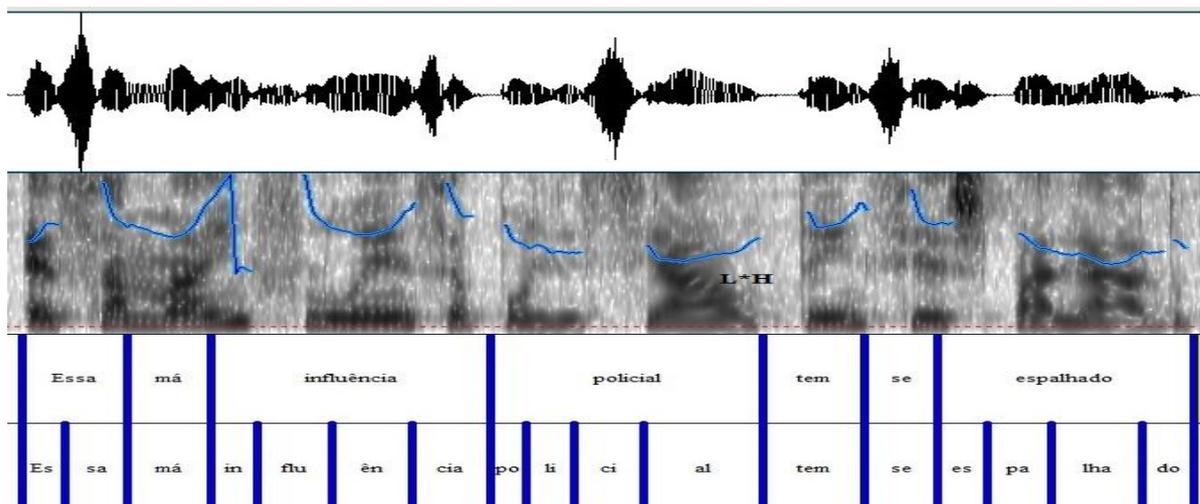
Antes de mais nada, é preciso ressaltar que, enquanto os falantes 2, 3 e 4 realizam um contorno de foco dado ao sujeito após [e as demais tecnologias], o falante 1 realiza tal ênfase tanto após [e as demais tecnologias] quanto após [as redes sociais]. Em nosso entendimento, é possível que isso esteja ocorrendo devido ao fato de que o sujeito composto permite que o foco seja dado ao sujeito como um todo ou após um de seus núcleos, nesse caso, [redes sociais]. No caso da enunciação do falante 1, portanto, o foco não corresponde apenas à posição do sujeito composto, porém, mostra que esse falante reconhece que é possível topicalizar uma parte central do sujeito, dando ênfase ao que ele pode considerar o tópico. Nesse conjunto de enunciados, percebemos, mais uma vez, que existe um acento de tom

⁵⁷ Texto 02_019.

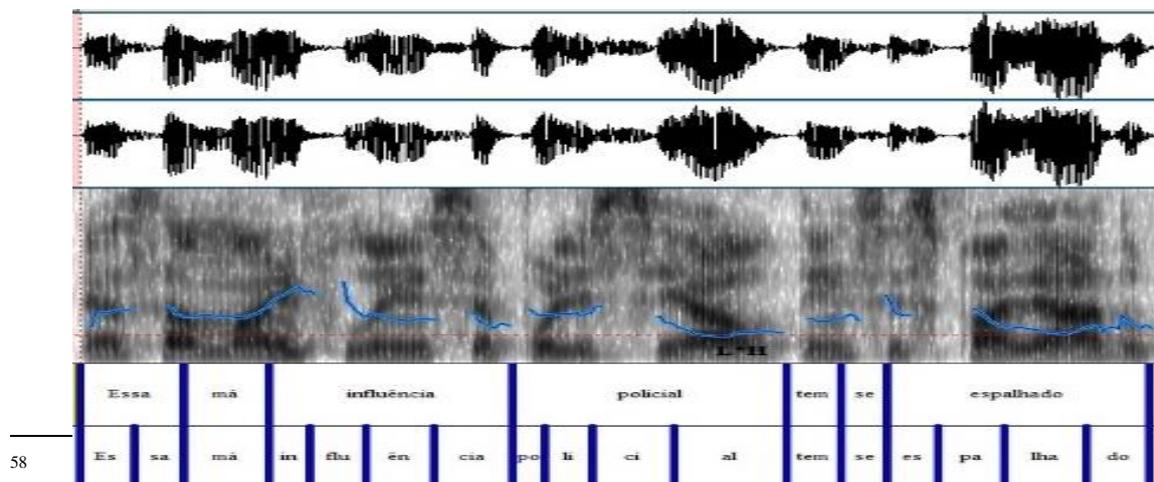
associado à cabeça do último φ . Esse acento forma um contorno entoacional do tipo L*H na enunciação dos falantes 2, 3 e 4 mas, no caso do falante 1, há um contorno do tipo H*LH. É importante ressaltar aqui que, como nossa intenção é apenas apontar os indícios de uma topicalização sintática, não objetivamos descrever as razões para essas variações. Pretendemos apenas observar de que forma as generalizações propostas nas referências sobre a entoação do português brasileiro corroboram para justificar tais indícios.

Outro enunciado no qual observamos, nos dados de voz dos quatro falantes, a presença do contorno entoacional que coincide com o local da vírgula no trecho escrito foi o enunciado de número 10, como podemos ver nas imagens a seguir:

Falante 1 ⁵⁸



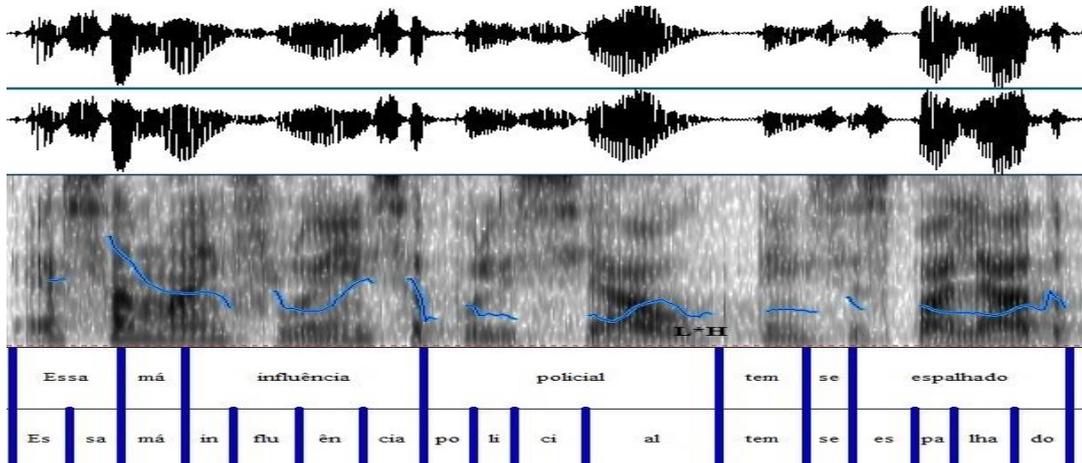
Falante 2 ⁵⁹



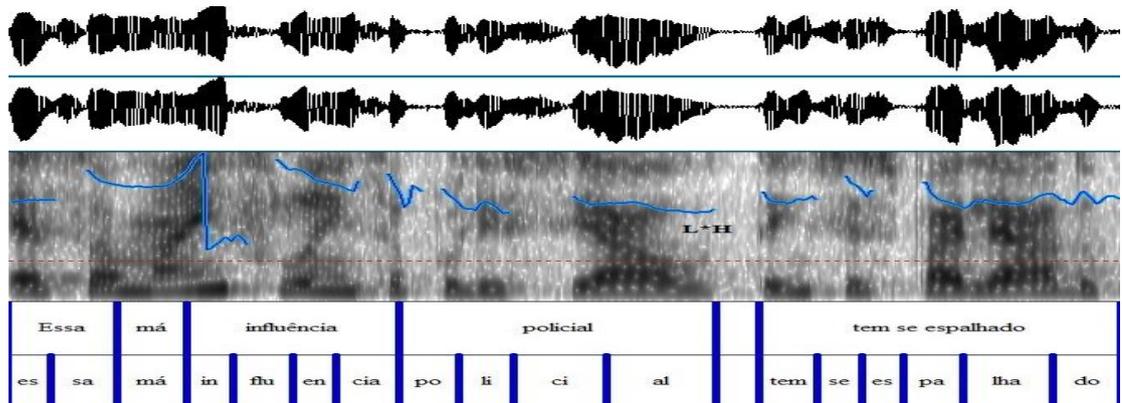
58 A gravação desse período ficou muito longa, portanto, a representação da segunda parte do enunciado ficou em uma segunda imagem, a qual não foi exibida aqui por não conter os dados aos quais nos detemos.

59 Idem.

Falante 3⁶⁰



Falante 4



Nesse enunciado, mais uma vez, observamos o contorno associado ao foco do sujeito, indicando a topicalização desse segmento. Nesse enunciado, que, originalmente⁶¹, é [Essa má influência policial, tem se espalhado para os mais diversos estados e a principal alegação dos policiais corruptos são os baixos salários], a vírgula é utilizada logo após o sujeito [Essa má influência policial]. Aqui também é possível notarmos a ocorrência do contorno coincidindo com o local onde a vírgula é utilizada pelo autor do enunciado. No caso desse enunciado, temos um contorno do tipo L*H associado à cabeça do último φ na enunciação dos falantes 1,

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Texto 02_071.

2 e 3. O falante 4, por outro lado, realiza um contorno H*L associado à cabeça de ϕ . Novamente, reiteramos que não pretendemos dar conta das variações nesse momento, mas de aplicar as generalizações de Fernandes (2007) de modo que possamos justificar as evidências da topicalização sintática nos textos escritos.

Portanto, parece-nos que, para o falante, a percepção desse segmento frasal – no caso, o sujeito/tópico – sendo enfatizado por algum fator prosódico deve ser marcada graficamente e o recurso utilizado seria justamente a vírgula. Partindo dos dados obtidos com as gravações desses enunciados, observamos que o falante aparenta traduzir para a escrita, a partir da vírgula, alguns processos subjacentes que ocorrem por conta de sua percepção de ritmo da língua e, no caso dos exemplos com vírgula entre sujeito e predicado, isso evidencia a tendência do português brasileiro de língua topicalizada.

Com esses dados, podemos ver evidências de que existem pausas – de acordo com o critério estabelecido aqui – que se caracterizam, na fala, como acentos de tom, os quais podem se assemelhar a modulações de voz ou hesitações (daí considerarmos como pausas), que funcionam com o objetivo de destacar de alguma forma o sujeito do período, dando a ele ênfase por meio de algum fator prosódico. E esse realce do sujeito se manifesta na escrita por meio de uma vírgula, sustentando nossa premissa de que em certos casos de desvios ortográficos quanto ao uso desse sinal caracterizam seu uso como um marcador prosódico. A vírgula, nesses casos, parece funcionar como elemento gráfico que indica a posição do sujeito que, para o falante, deve ser focalizado. Portanto, o falante distingue operações prosódicas e sintáticas atuando no mesmo segmento frasal, o sujeito.

Pautados nos postulados de Fernandes (2007) e Truckenbrodt, Sandalo e Abaurre (2009), além dos trabalhos de Pontes (1981; 1987) e estudos subsequentes, como o de Silva (2012), percebemos que é possível que o uso constante da vírgula entre o sujeito e o predicado seja um indício de que o português é uma língua topicalizada. Os contornos entoacionais aqui observados, que ocorrem ao final do segmento que do sujeito e, conseqüentemente, antes do predicado, pelo que notamos nas gravações realizadas com os quatro falantes que contribuíram com nosso teste, é realmente frequente, presente de forma expressiva nos dados obtidos com a gravação dos enunciados. Em 40% dos enunciados percebemos a mesma ocorrência de algum contorno entoacional que pode indicar um foco sob o sujeito nas falas dos quatro informantes para o mesmo enunciado, três dos quais tiveram os espectrogramas mostrados aqui, e essa realização é significativa para as nossas considerações sobre como a

percepção rítmica do falante está atrelada à construção das relações prosódicas e sintáticas dos enunciados produzidos pelo falante do português.

3.3. Palavras finais sobre o capítulo

Neste capítulo, pensamos como interpretar os dados que coletamos durante esta pesquisa. Observamos que os desvios de vírgula de fato tendem a marcar pausas ou contornos entoacionais que são evidentes para os falantes e que parecem precisar, para esse falante, de algum tipo de marcação no texto escrito, o que nos leva a entender que a vírgula, quando utilizada de forma que não está de acordo com as normas padrões de pontuação, pode estar funcionando como marcador prosódico das noções rítmicas dos sujeitos que produziram esses textos. No caso dos desvios do uso da vírgula entre sujeito e predicado, que, pelo que observamos nos dados obtidos, é um dos desvios mais frequentes nos textos dos alunos, interpretamos que a constância nesse erro se dá pelo fato de que tais estruturas evidenciem a topicalização do sujeito, algo que parece ser tendência na língua portuguesa. Marcar essa ocorrência com a vírgula é a forma encontrada pelo falante de ressaltar esse caráter prosódico do enunciado topicalizado. Com essas observações, nosso trabalho busca se encaminhar para uma interpretação da prosódia da língua portuguesa e como essa percepção do ritmo da língua traz influências para o texto escrito além de, com tais reflexões, corroborar com as análises acerca da organização sintática na língua portuguesa.

**SOBRE A NECESSIDADE DE UMA NOVA ABORDAGEM ACERCA DA
AQUISIÇÃO DA ESCRITA NO ÂMBITO ESCOLAR: UMA REFLEXÃO A
PROPÓSITO DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, buscamos analisar como alguns fatores prosódicos da oralidade podem influenciar na construção do ritmo da escrita a partir do uso da vírgula. Pretendemos, a partir da Fonologia Prosódica, analisar a influência dos eventos tonais relacionados aos domínios da hierarquia prosódica na produção escrita e entender como o uso da pontuação de forma considerada incorreta pelos manuais e gramáticas do português brasileiros pode estar atrelado à noção de ritmo na oralidade do falante, o qual transpõe sua percepção para seus textos escritos. Além disso, olhamos especificamente para os desvios de uso da vírgula entre sujeito e predicado para discutirmos sobre a tendência à topicalização no português brasileiro.

A partir da análise do nosso *corpus*, que consistiu em enunciados retirados de redações escolares, inferimos que os autores do texto, ao cometerem erros quanto ao uso da pontuação, parecem estar sendo influenciados por fatores de natureza prosódica. O uso de vírgulas em locais em que podem ser limites de constituintes da hierarquia prosódica leva-nos a acreditar que esses sujeitos reconhecem as fronteiras dos domínios e, levados por sua interpretação pessoal sobre as pausas e contornos que ali podem ocorrer, acabam por marcar graficamente, com a vírgula, locais que, em sua percepção rítmica, devem ser destacados.

A vírgula entre sujeito e predicado, para a qual olhamos mais atentamente, nos deu indícios de que podemos considerar as evidências que apontam o português brasileiro como uma língua com tendência à topicalização. Argumentamos que a constante ocorrência da vírgula sendo utilizada entre essas duas partes do segmento frasal – que, de acordo com a maioria das regras de uso de vírgulas, não deve ser utilizada – pode estar relacionada ao fato de que há a percepção do foco que se costuma atribuir ao sujeito em posição de tópico. Com os dados que obtivemos no *Praat*, observamos que, de fato, o número de falantes que topicalizam o sujeito é bastante relevante. Esse foco é realizado por meio de acentos de tom que constituem contornos específicos de foco sob o sujeito, fato que confirmamos ao compararmos com outros estudos que tratam da topicalização em português brasileiro. Esses contornos possuem padrões de tom que indicam a ênfase dada ao sujeito.

É importante ressaltar que nossos dados não são suficientes para analisar profundamente a questão tópico-comentário em oposição ao sujeito-predicado tampouco as questões sobre a entoação no português brasileiro. Como frisamos acima, nossa intenção com tais dados foi mostrar as evidências sobre a tendência de topicalização no português brasileiro e contribuir com essa discussão que vem sendo realizada dentro dos estudos linguísticos recentes.

Além desses fatores, a partir das considerações feitas por nós nesse trabalho, mostrou-se relevante pensarmos sobre a forma como o ensino da pontuação é realizado nas salas de aula. Os manuais e gramáticas que guiam os professores de língua portuguesa e servem como principal referência para o ensino, alguns mostrados por nós nesta dissertação, trazem, em sua maioria, uma abordagem sobre o uso da pontuação que pode ser considerada, em algum nível, ineficiente. Tal perspectiva se confirma quando observamos que até mesmo alunos dos últimos anos escolares do ensino básico, estágio em que a aquisição da escrita já está em um estágio mais avançado, cometem erros quanto ao uso da vírgula com bastante frequência.

A reincidência nesses erros pode estar associada, portanto, ao tratamento dado a essa parte do ensino da norma padrão para a língua escrita, a pontuação. Observamos que ao tratar a pontuação de forma pouco clara e sem a associação aos eventos tonais, além de não fazer uma explicação devida sobre a necessidade da pontuação no texto escrito e sua realização, os professores, pautados nos manuais e gramáticas da língua portuguesa brasileira, não elucidam completamente essa questão, fazendo com que o erro quanto ao uso correto dos sinais de pontuação seja recorrente na escrita dos alunos. Portanto, parece-nos evidente que se faz necessária uma nova abordagem a respeito dessa questão.

Segundo Oliveira e Quarezemin (2016), “pode-se, de fato, ensinar gramática tradicional, mas que isso seja feito dentro de uma perspectiva que entende o que é uma gramática e para que ela serve” (p. 29). O ensino da gramática, portanto, deve estar pautado principalmente no entendimento do que é e para que serve esse sistema, então, o professor, como mediador do ensino dessa parte do estudo da língua materna e seu aspecto formal, precisa mostrar de que forma o aluno utiliza esse conhecimento e qual a necessidade dele, não apenas expor alguns aspectos e esperar que o aluno decore uma série de regras e exceções.

Dentro dessa perspectiva, o ensino acerca das regras de pontuação não passa por nenhuma mudança nesse aspecto, uma vez que mantém essa característica de ser um tópico a ser decorado. A partir do que vimos nos diversos manuais e gramáticas aos quais tivemos acesso, a questão da pontuação parece ser um tema que, a partir de uma sistematização, visa ser decorado e aplicado pelos alunos, sem uma discussão do motivo para a existência desses

sinais e a justificativa do seu uso, especialmente nos casos em que, segundo a gramática, a vírgula não pode ser utilizada, mas o falante continua realizando essa marcação que é considerada errônea, como é o caso da vírgula entre sujeito e predicado.

Nosso trabalho mostrou, a partir dos dados coletados, que a vírgula entre sujeito e predicado é um dos desvios mais recorrentes nas produções dos alunos, mesmo sendo uma das principais regras de uso de vírgula mostrada nas gramáticas tradicionais. Oliveira e Quarezemin (2016) propõem que o professor trate essa questão como uma oportunidade de mostrar ao aluno porque ele tende a usar essa vírgula mesmo que a regra gramatical diga que isso não é o correto, para que ele entenda essa estrutura que mostra-se comum no português brasileiro, qual seja, o tópico-comentário. Ou seja, intuitivamente o falante percebe a pausa que ocorre por conta desse padrão e tende a marcá-lo por meio da vírgula. Dessa forma, o professor pode inserir na sala de aula uma discussão sobre o funcionamento da língua nesse aspecto para, então, mostrar que os preceitos da gramática normativa servem como parâmetro para algumas questões que, algumas vezes, não correspondem à percepção do falante pois esses manuais buscam, de alguma forma, sistematizar a língua para padronizar diversas situações de comunicação que pedem o uso da norma padrão da língua.

Em vista disso, percebemos que é necessária uma reflexão sobre como pode ser feita a abordagem acerca do uso da vírgula e demais sinais de pontuação na sala de aula. Acreditamos que essa reflexão deve partir da consideração de estudos baseados principalmente em teorias prosódicas que levem em conta as características do português brasileiro no que diz respeito ao seu ritmo. Esse trabalho, em alguma medida, busca se inserir nessa gama de discussões acerca da aquisição da linguagem escrita e sua relação com os aspectos rítmicos da língua e contribuir para a problematização desses fatores em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. *Ritmo e linguagem*. In: *Saudades da língua: a Linguística e os 25 anos do Instituto da Linguagem da Unicamp*. Campinas, SP: Mercado de letras, 2003.
- _____. *The rhythms of speech and writing*. In: *Children's early text construction*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1996.
- _____. *Oral and written texts: beyond the descriptive illusion of similarities and differences*. [S.l.: s.n.], 1989.
- _____. *O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?* In: KATO, Mary Aizawa (org.) *A concepção da escrita pela criança*. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1992.
- ABERCROMBIE, David. *Studies in phonetics and linguistics*. Londres: Oxford University Press, 1965.
- _____. *Elements of general phonetics*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1967.
- ALLEN, George D. *The place of rhythm in a theory of language*. In: *Working Papers in Phonetics*. Califórnia, n. 10, 1968, pp. 60-84.
- ARAÚJO, Gabriel Antunes de. *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, Plínio Almeida. *Ritmo da escrita e ritmo da fala: congruências e não congruências*. In: *Domínios de lingu@gem*. Uberlândia, n. 2, 2013, pp 47-70.
- _____. *Incursões em torno do ritmo da fala*. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BARBOSA, Maria do Pilar Pereira. Null Subjects. 1990. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Linguística e Filosofia, MIT.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. rev e ampl. Rio de Janeiro: Lucena, 1999.
- BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5ªed., rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- _____. *O acento e o pé métrico binário*. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 22, 1992. pp. 69-80.

- _____. *Sândi vocálico externo*. In: ABAURRE, Maria Bernadete M (org.). *A construção fonológica da palavra: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise Fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- _____. *Elementos de fonética do Português Brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.
- _____.; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. *Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no português brasileiro*. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 10, 1986, pp. 39-57.
- CAMARGO, Thaís Nicoleti de. *Uso da vírgula*. 1ª ed. Barueri, SP: Manole, 2005.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48ª ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CHACON, Lourenço. *Ritmo da escrita: uma organização de heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.
- CLEMENTS, George N.; HUME, Elizabeth. *The internal organization of speech sounds*. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.
- CORRÊA, Manuel Luiz Gonçalves. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- _____. *Pontuação: sobre seu ensino e concepção*. In: *Leitura: teoria e prática*. Campinas, n. 24, 1994, pp. 52-65.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FERNANDES, Flaviane. *Tonal association in neutral and subject-narrow-focus sentences in Brazilian Portuguese: a comparison with European Portuguese*. In: *Journal of Portuguese Linguistics: prosody in Ibero-Romance and related languages*. Lisboa, n. 1, v. 5/6, 2007, pp. 91-115.

- GARCIA, Carlos Eduardo Nunes. *As construções de topicalização e de deslocamento à esquerda na fala de brasileiros e portugueses*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas*. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, n. 1, v. 7, 1998, pp. 31-50.
- HAYES, Bruce. *A metrical theory of stress rules*. New York/London. Garland Publishing, 1985.
- _____. *The Prosodic Hierarchy in Meter*. In: KIPARSKY, Paul; YOUMANS, Gilbert. *Phonetics and Phonology: Rhythm and meter*. San Diego, California: Academic Press, 1989.
- JESUS, Carlos Renato R. de. *O ritmo na prosa: estudo e interpretação prosódica do período oratório latino*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- JUNKES, Terezinha Kuhn. *Pontuação: uma abordagem para a prática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- LURIA, Alexandre R. *O desenvolvimento da escrita na criança*. In: Vigostki, Lev; LURIA, Alexandre R.; LEONTIEV, Alex N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo, SP: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *A pontuação em manuscritos medievais portugueses*. Salvador, BA: EDUFBA, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2008a.
- _____. *Gêneros textuais no ensino de língua*. In: *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.
- _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.
- NESPOR, Marina. *Fonologia: le strutture del linguaggio*. Bologna: Il Mulino, 1993.
- _____; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Studies in generative Grammar. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- NUNBERG, Geoffrey. *The linguistics of punctuation*. Califórnia, EUA: CSLI, 1990.

- OLÍMPIO, Hilda de Oliveira. *O sistema de pontuação: da sintaxe ao discurso*. Vitória, ES: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1991.
- OLIVEIRA, Roberta Pires de; QUARESMIN, Sandra. *Gramáticas na escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- PACHECO, Vera. *Investigação fonético-acústico-perceptual dos sinais de pontuação enquanto marcadores prosódicos*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. *Só Vírgula: método fácil em 20 lições*. 3ª ed. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- PONTES, Eunice de Souza Lima. *Construções de tópico em língua escrita*. In: *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura: Ensaios de Linguística*. Belo Horizonte, n. 5, 1981, pp. 51-73.
- _____. *O tópico no Português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- SARMENTO, Leila Lauer. *Gramática em textos*. 2ª ed. rev. São Paulo: Moderna, 2005.
- SCARPA, Ester M. *Estudos de prosódia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- SCHWINDT, Luiz Carlos. *Manual de Linguística: fonologia, morfologia e sintaxe*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTO-VOLCÃO, Cristiane. *Para conhecer Fonética e Fonologia do Português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.
- SELKIRK, Elisabeth. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Massachusetts: MIT Press Classic, 1984.
- SILVA, Fernando Moreno da. *A topicalização na escrita*. In: *Revista Ícone*. São Luís de Montes Belos, GO, n. 2, v. 10, 2012, pp. 1-10.
- SILVA, Maria da Conceição Fonseca. *Pausa em textos orais espontâneos e em textos falados*. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 3, n. 1, p. 109-133, jul./dez. 2002
- SIMÕES, Darcília. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- SONCIN, Geovana Carina Neri. *As vírgulas não-convencionais em textos dissertativos produzidos em ambiente escolar: indícios de organização prosódica, evidências dos imaginários sobre a escrita*. In: *Estudos linguísticos*. São Paulo, n. 42, vol. 2, 2012, pp. 389-402.

- TONELI, Priscila Marques. *A palavra prosódica no português brasileiro: o estatuto prosódico das palavras funcionais*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- TRUCKENBRODT, Hubert; SÂNDALO, Filomena; ABAURRE, Maria Bernadete. *Elements of Brazilian Portuguese intonation*. In: *Journal of Portuguese Linguistics*, n. 1, vol. 8, 2009, pp. 75-114.
- VOGEL, Irene. *The status of the Clitic Group*. In: GRIJZENHOUT, Janet; KABAK, Bariş. *Phonological Domains: universals and deviations*. Berlim: Walter de Gruyter, 2009.
- WEIL, Henri. *Da ordem das palavras nas línguas antigas comparadas às línguas modernas: questão de gramática geral*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.
- YANO, Cynthia Tomoe. *Um estudo sobre o emprego de vírgula antes de oração completiva no português europeu clássico: sintaxe, discurso e gramática normativa*. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

ANEXOS

REDAÇÕES 1º ANO

Total: 100

Total de redações com desvios no uso da pontuação: 47

Total de orações com desvios nos 58 textos: 55

Total de desvios nas 63 orações: 69

Vírgula entre verbo e complemento

Texto 01_040

"Logo, podemos concluir, que a humanidade se tornou completamente dependente de sua própria invenção para manter a ordem mundial."

Texto 01_066

"Acordo novamente andando ao elevador e faço, as mesmas ações com o mesmo resultado."

Texto 01_092

"Sexta-feira, ao entrar no elevador, deparou-se com a imagem mais fascinante e incrível de sua vida, dava para ver, praticamente o bairro inteiro e o mar."

Vírgula entre sujeito e predicado

Texto 01_002

"Hugo Gloss, trabalha na internet com seu blog sobre famosos (...)."

Texto 01_004

"Outro fator, é que através da criação das enciclopédias, as áreas do conhecimento podiam ser encontradas em um só compêndio (...)"

Texto 01_010

"Era manhã de domingo, um garoto aparentando seus 22 anos, estava lendo o jornal na seção de relacionamentos."

Texto 01_012

"Eu, não me importo com a aparência física de homem, me importo com sentimento que vem do coração."

Texto 01_015

"O ato de mentir, deve ser julgado a partir de suas consequências e circunstâncias."

"Já a mentira maldosa, é o ato habitual e vicioso de mentir."

Texto 01_036

"Independentemente em como a sua mentira beneficie alguém, continua sendo uma mentira, continua indo contra o que a moral em si, prega."

Texto 01_041

"Independentemente da situação, mentir é errado, não existe 'mentiras boas', você omitir a verdade de alguém para não magoa-la (sic) ou por um bem maior, não é algo certo, pois você apenas estará criando uma falsa realidade para aquela situação (...)."

Texto 01_042

"Um exemplo disso, são os militantes durante a ditadura que, muitas vezes, mentiam para proteção da vida de um colega ou de sua família."

Texto 01_043

"Seja uma grande mentira para esconder um grande segredo ou uma inocente resposta para um 'como vai?' em um dia ruim, é uma mentira (...)."

Texto 01_057

"A mentira, é sim, algo ruim, porém, em certas ocasiões é expressamente necessário (...)."

Texto 01_058

"Nos últimos anos, o ser humano, vem desenvolvendo, com ajuda das indústrias e da tecnologia, inventos que a cada dia melhoram nossas vidas."

Texto 01_063

"João, estava deitado no meu colo, ele gostava de quando eu acariciava seus cabelos pretos e lisos."

Texto 01_064

"(...) os cabelos castanhos, estavam caindo pelos ombros com cachos nas pontas, seus olhos verdes fitavam intensamente a porta do elevador."

Texto 01_074

"Amante da natureza e com apenas catorze anos de idade, Alice, adorava observar o mar secando de acordo com o tempo ao anoitecer."

Vírgula entre nome e complemento

Texto 01_002

"Hugo Gloss, trabalha na internet com seu blog sobre famosos, mas, de dois milhões de seguidores no Instagram e Twitter e recém contratado da rede Globo."

Texto 01_004

"(...) (a criação e reprodução das enciclopédias só foi possível, graças à prensa de Gutemberg)."

Texto 01_024

"Nesta sexta-feira, Maria estava muito feliz, pois irá ter o primeiro encontro com o Roberto, um rapaz, quem estava começando um relacionamento."

Texto 01_059

"A mulher respondeu que não, e a maneira como a garota se dirigiu a ela, me provocou certo espanto."

Texto 01_071

"Fiquei bestificada, pelo fato da imagem não se passar de uma simples borboleta colorida."

Vírgula depois de conjunções subordinativas (que, visto que), aditivas (e, assim como) ou integrantes (que)

Texto 01_003

"Não menos importante, porém, é a influência da sociedade, assim como, a censura da família é fundamental para conduzir a criança ao bom caminho da verdade, a forma como a sociedade pune a mentira também é."

Texto 01_005

"Analisada por outro ponto de vista, a mentira pode ser involuntária, visto que, é tão natural mentir que, muitas vezes, as pessoas mentem sem saber."

Texto 01_055

"Voltamos a se falar e, acabei convidando-a para jantar em um restaurante."

Vírgula antes de “ou”

Texto 01_006

"Há também situações em que queremos nos livrar de fazer algo, e mentimos, ou quando os pais justificam mentiras como a existência do papai noel, fada dos dentes, e coelhinho da páscoa como meios de manter a imaginação de seus filhos viva e fértil."

Vírgula entre uma enumeração

Texto 01_006

"(...) ou quando os pais justificam mentiras como a existência do papai noel, fada dos dentes, e coelhinho da páscoa como meios de manter a imaginação de seus filhos viva e fértil."

Texto 01_007

"Sou uma pessoa extrema, gosto de viver a vida intensamente, e sinceridade é tudo numa vida digna, então, se você gostou de mim, mande uma carta, beijos."

Texto 01_056

"Muito além do sensacionalismo, a Internet é um eficiente meio de comunicação, conhecimento, entretenimento e, trabalho."

Vírgula antes da conjunção “e”

Texto 01_006

"Há também situações em que queremos nos livrar de fazer algo, e mentimos (...)."

Texto 01_013

"Eu sabia que algo havia acontecido, e não iria conseguir dormir naquela aflição, eu tinha que verificar."

Texto 01_014

"Roberta foi a primeira a levantar depois da onda, e viu que Juliano se situava a dois metros de distância."

"Na manhã seguinte, o noticiário local informa sobre a onda gigante, e suas vítimas não encontradas."

Texto 01_019

"Bruno me olhou nos olhos, e disse a verdade sobre os dois, estavam apenas se passando pela dupla."

Texto 01_022

"Pensei, e então decidi, falarei da vida dos nova iorquinos, corrida e apressada."

Texto 01_039

"(...) armas começaram uma evolução descontrolada (...) se tornando um problema para a sociedade, e principalmente para alguns países emergentes, que utilizam da força para manter a ordem."

Texto 01_043

"Seja uma grande mentira para esconder um grande segredo ou uma inocente resposta para um 'como vai?' em um dia ruim, é uma mentira, e a curto prazo parece a melhor saída."

Texto 01_054

"Por sorte, o policial que fica no prédio estava por perto, e ouviu."

Texto 01_057

"(...) um grupo de amigos está realizando uma festa surpresa, e terão que mentir sobre o que estão fazendo para que não sejam descobertos, e essa 'mentira' trará um momento de felicidade."

Texto 01_060

"Então resolvo acabar logo com isso e vou até o edifício mais alto da cidade, e me sinto um egoísta por querer cometer suicídio, mas volto a pensar que todos da minha vida são ruins, e grito bem alto para o céu."

Texto 01_067

"Saí do prédio rapidamente, e quando atravessei a rua, a torre caiu."

Texto 01_070

"No outro dia, de manhã cedo, como não iria trabalhar, aproveitei para fazer cartazes, e espalhar pela cidade (...)."

Texto 01_076

"Sou agraciado com um lindo e tímido sorriso, e nesse instante, pelo olhar, pelo sorriso, posso ver que um igual entende o outro, e se pode descomplicar um coração agoniado."

Texto 01_081

"Confesso que sou egoísta com o que é meu, e me apego rápido, então, se você estiver interessado em uma aventura passageira, nem entre em contato."

Texto 01_084

"(...) até que viu a mulher de olhos cor de mel se aproximar, e nesse momento, seu pensamento foi de que faria aqueles olhos voltarem a ter o tal brilho."

Texto 01_087

"Um vento mais forte que soprou derrubou o chapéu de pescador do menininho que ao buscalo se aproximou da grade do barco, e ficou ali, olhando o mar."

Texto 01_090

"Estou cansado de quem me julga pela aparência, e procurando alguém que goste de mim pelo que sou, e não outras coisas."

"Sou uma pessoa que também já foi muito 'julgada' pela aparência, e tenho experiência com pessoas que se relacionavam comigo por interesse, imagino que você também."

Texto 01_091

"De repente o elevador para por uma queda de energia, e ascende (sic) as suas luzes de emergência."

Texto 01_094

"Dois médicos entraram no elevador, e me pediram para sair (...)."

Texto 01_095

"Ao sair do elevador, fui direto para a praia da Barra fazer parte da vista maravilhosa que havia visto, e por lá fiquei até amanhecer."

Vírgula entre “tanto...quanto” e “mais...que”

Texto 01_039

"Com o passar do tempo o homem viu a necessidade de aperfeiçoar seus instrumentos de guerra, tanto para proteção, quanto para conquistar terras e riquezas (sic)."

"Nos últimos 150 anos, armas começaram uma evolução descontrolada, se tornando melhores e muito mais destrutivas, causando mais destruição, do que pacificação (...)."

Vírgula entre oração adjetiva restritiva

Texto 01_051

"Fernanda era uma jovem, estudante de medicina, que fazia residência na clínica."

Separando o adjunto adverbial deslocado

Texto 01_001

"Quando estávamos perto de chegar, no cassino do navio, pessoas começaram a cantar e dançar em nossa direção, e de repente Matheus se juntou a elas."

"Mas de repente, comecei a prestar atenção na letra da música, e era 'Marry you', case comigo em inglês, e quando percebi do que se tratava, ele já estava se ajoelhando."

Texto 01_011

"Não sou uma pessoa fútil e sou muito sincera, me considero honesta, e pelo meu ver, a honestidade é julgada essencial na sociedade hoje em dia."

Texto 01_030

"Lá estava ele, e depois de tanto tempo, eu poderia abraçá-lo."

Texto 01_041

"(...) você omitir a verdade de alguém para não magoa-la ou por um bem maior, não é algo certo, pois você apenas estará criando uma falsa realidade para aquela situação, o que no futuro, uma pequena mentira pode causar um grande problema para aqueles que confiaram na sua palavra (...)."

Texto 01_052

"Na saída, vejo do outro lado da rua, uma moça abraçando sua filha de aproximadamente uns 6 anos."

Texto 01_057

"A mentira, é sim, algo ruim (...)."

Texto 01_076

"Sou agraciado com um lindo e tímido sorriso, e nesse instante, pelo olhar, pelo sorriso, posso ver que um igual entende o outro, e se pode descomplicar um coração agoniado."

Texto 01_084

"(...) até que viu a mulher de olhos cor de mel se aproximar, e nesse momento, seu pensamento foi de que faria aqueles olhos voltarem a ter o tal brilho."

Texto 01_097

"O homem possui, em suas mãos, um buquê de rosas vermelhas, lembrança de que hoje é o dia dos namorados."

Texto 01_100

"Lá, na minha frente, estava a única mulher que um dia eu amei."

Separando as orações intercaladas no interior de orações

Texto 01_004

"Outro fator, é que, através da criação das enciclopédias, as áreas do conhecimento podiam ser encontradas em um só compêndio (...)."

REDAÇÕES 2º ANO

Total: 100

Total de redações com desvios no uso da pontuação: 40

Total de orações com desvios nos 40 textos: 50

Total de desvios nas 50 orações: 69

Vírgula entre verbo e complemento

Texto 02_015

"Um dos meios mais rápidos de obter informação é a televisão, onde passam, noticiários, documentários, sobre animais, sobrevivência na floresta, o mundo marinho e muitos mais."

Texto 02_064

"Essas pessoas argumentam, a tevê pode ser mais, os canais deveriam transmitir através dos programas um pouco mais de cultura (...)."

Vírgula entre sujeito e predicado

Texto 02_006

"Logo, o indivíduo que não é bem favorecido, é influenciado pela criminalidade e acaba por aumentar a má influência no país."

Texto 02_007

Os motivos que levam a população, principalmente os jovens, à entrarem no mundo da criminalidade, são vários, mas o que realmente motiva boa parte, é a necessidade."

Texto 02_014

No Brasil, esses índices são uns dos mais elevados e, uma das suas principais causas, são as péssimas condições de vida da maioria dos brasileiros."

Texto 02_016

"(...) muitos dos donos desses programas, sabem que quem dá audiência e dinheiro a eles, na maioria das vezes, não é o público a que o programa foi destinado, e mesmo assim continuam produzindo programas assim."

Texto 02_019

"Segundo M. Fisher, as relações sexuais que antes tinham função exclusiva de reprodução, deu (sic) início a uma das trocas mais fundamentais da raça humana: o sentimento amoroso."

"As redes sociais e as demais tecnologias, facilitaram as relações à distância e também, servem como espaço para exacerbação do sentimento."

Texto 02_021

"E como solução encontrada, o país, cria novas leis para que mais pessoas sejam presas por seus crimes (...)."

Texto 02_051

"Outro fator que 'causa' a criminalidade, é a precariedade no sistema educacional."

Texto 02_053

"A variedade de assuntos transmitidos é um benefício, pois permite a liberdade de escolha e reforça que o conceito do que é interessante, é relativo."

Texto 02_058

"A miséria presente em uma extensa parcela da população e a dificuldade que os órgãos governamentais tem (sic) em conter tal problema, são os causadores dos altos índices de latrocínios e outros tipos de agressão."

Texto 02_059

"Associado ao aumento da criminalidade no Brasil, está a redução da escolaridade da população."

"Muitos indivíduos sem instrução escolar e emprego fixo, veem o futuro como fuga à vida necessitada e pobre."

Texto 02_060

"Porém, não é à toa que grande parte desses críticos são de maior idade: eles veem cultura como a vigente no auge da vida desses, e não, acolhem os modos deste século."

Texto 02_061

"Segundo uma pesquisa dinamarquesa, feita em 2007, o Brasil, mesmo sendo um país emergente, possui um índice de criminalidade vergonhosamente alto (...)."

Texto 02_063

"Com tudo isso e todo esse tempo passado dessa situação, mesmo com as melhoras, a Igreja Católica ainda, é um palco de muitas deturpações quanto à base religiosa (...)."

Texto 02_067

"Muitas vezes, judeus, muçulmanos, entre outras religiões, sofrem preconceitos por conta de sua religião, sendo vistos como pessoas que irão para o Inferno, o que, é possível observar a volta do pensamento aos tempos da colonização do Brazil (sic), onde os jesuítas (sic) catequizavam os nativos, considerados errantes, se tendo um verdadeiro retrocesso."

Texto 02_070

"Os valores espirituais passados por esta, servem de base para um número grandioso de cristãos e regem a visão de sociedade, vida e família até de pessoas desligadas ao cristianismo."

"A maior instituição e a que prevalece há mais tempos, não mudou seus princípios básicos e continua visando a evangelização (...)."

Texto 02_071

"Essa má influência policial, tem se espalhado para os mais diversos estados e a principal alegação dos policiais corruptos são os baixos salários."

Vírgula entre nome e complemento

Texto 02_002

"Na obra de, Aluísio de Azevedo, em o 'cortiço' (sic) vemos o meio influenciar o ser (...)."

Texto 02_015

"Um dos meios mais rápidos de obter informação é a televisão, onde passam, noticiários, documentários, sobre animais, sobrevivência na floresta, o mundo marinho e muitos mais."

Texto 02_021

"A saída encontrada, para essa situação, muitas vezes é a criminalidade."

Texto 02_065

"(...) todas as igrejas acabam pregando contra, eles."

Vírgula depois de conjunções subordinativas (que, visto que), aditivas (e, assim como) ou integrantes (que)

Texto 002_008

"Sem contar que, algumas emissoras de televisão possuem programas como se fossem videoaulas, no entanto passam de madrugada."

"Com isso, conclui-se que, a televisão tem sim um papel educativo, porém mínimo."

Texto 02_014

No Brasil, esses índices são uns dos mais elevados e, uma das suas principais causas, são as péssimas condições de vida da maioria dos brasileiros."

Vírgula antes de “ou”

Texto 02_028

"Assim como ele deve avaliar e respeitar o que seu opositor quer colocar no governo, ou vida social."

Texto 02_064

"Essas pessoas argumentam, a tevê pode ser mais, os canais deveriam transmitir através dos programas um pouco mais de cultura, ou história de certos locais.

Texto 02_099

"No entanto, tais programas ao invés de mostrar o lado bom e honesto da sociedade para eventualmente estimular as pessoas a seguirem tal caminho, é mostrado a parte ruim das cidades, como traficantes fugindo da polícia, ou usuários de drogas, ou a vida de ladrões e assassinos, entre outros."

Vírgula entre uma enumeração

Texto 02_052

"A Igreja Católica tem grande espaço, importância, e influência na história que hoje estudamos."

Texto 02_057

"Dentre essas características clássicas temos a abominação ao casamento de pessoas do mesmo sexo, a permissão (sic) do aborto, e a utilização de métodos anticoncepcionais, tais como a camisinha e o DIU."

Vírgula antes da conjunção “e”

Texto 02_016

"(...) muitos dos donos desses programas, sabem que quem dá audiência e dinheiro a eles, na maioria das vezes, não é o público a que o programa foi destinado, e mesmo assim continuam produzindo programas assim."

Texto 02_017

"Há muito, o amor se mantém o mesmo, e há muito, cria grandes obras, e abre portas para grandes feitos, os exemplos supracitados são apenas alguns eventos dentre inúmeros."

Texto 02_030

"Devido aos fatores mencionados, a população inteira sofre com a crise, e a camada mais baixa dela recorre a meios ilegais para conseguir sobreviver, e adquirir os bens necessários (...)."

Texto 02_054

"Somando-se a isso, o desemprego é um dos problemas que mais afeta a sociedade brasileira, e infelizmente ainda é um dos grandes fatores que induzem o alto nível de assassinatos e furtos no Brasil."

Texto 02_056

"A atuação da Igreja Católica é algo que ocorre, e deve continuar ocorrendo de forma abrangente na sociedade (...)."

Texto 02_057

"A religião está presente em todos os cantos do mundo, e seus seguidores procurem paz e ensinamentos em seus dogmas."

"A Igreja Católica é a que mais possui seguidores ao redor do mundo, e mesmo assim é uma das mais criticadas."

"A comunidade católica retruca afirmando que ser um verdadeiro cristão é aplicar todos esses dogmas cristãos no seu dia-a-dia (sic), e seguir quase que ao pé da letra o que o Senhor impôs (...)."

Texto 02_060

"Porém, não é à toa que grande parte desses críticos são de maior idade: eles veem cultura como a vigente no auge da vida desses, e não, acolhem os modos deste século."

Texto 02_065

"(...) a Igreja Católica não é excessão (sic) nessa questão, pois ela atua como uma das que mais se impõe sobre as outras crenças, e sobre as pessoas sem crença (...)."

Texto 02_074

"É notável que a televisão é um meio de comunicação com múltiplas funções, contribuindo para formação cultural e educacional da população, e também para seu entretenimento."

Vírgula entre “tanto...quanto” e “mais...que”

Texto 02_036

"(...) na medida que indivíduos expostos a um meio insalúbril (sic), tanto social, quanto economicamente, tenderá a refletir, em sua personalidade, o meio em que vive."

Vírgula entre oração adjetiva restritiva

Texto 02_022

"Sendo sustentado por pequenos grupos, que realmente se importam com o que a população irá assistir (...)."

Texto 02_083

"A violência é um grande problema social, que somente aumenta com o passar dos tempos."

Separando o adjunto adverbial deslocado

Texto 02_002

"Na obra de, Aluizio de Azevedo, em o 'cortiço' (sic) vemos o meio influenciar o ser(...)."

Texto 02_003

"Rousseau teorizou que, ao nascer, o ser humano é comparado à uma folha de papel em branco e com o passar do tempo o próprio ser é corrompido pela sociedade em que vive."

Texto 002_008

"Sem contar que, algumas emissoras de televisão possuem programas como se fossem videoaulas, no entanto, passam de madrugada."

Texto 02_010

"Então, para o Brasil poder ser um país mais seguro, tem de haver a construção de presídios autossuficientes, onde os presos trabalhem, pois neles, os presos podem sair da cadeia sabendo fazer alguma coisa a não ser o mal, e também, devemos mudar as leis para pôr o cidadão de bem impune desse criminoso."

Texto 02_013

Portanto, o que é exposto na televisão não deixa de ser considerado arte (...)."

Texto 02_017

"Há muito, o amor se mantém o mesmo, e há muito, cria grandes obras, e abre portas para grandes feitos, os exemplos supracitados são apenas alguns eventos dentre inúmeros."

Texto 02_018

"Ninguém nasce sabendo amar, a gente tenta porque é preciso para não se matar, e no final, todo mundo ama entre essa de não saber, tentar e não se matar.' - Já dizia Clarice."

Texto 02_019

"As redes sociais e as demais tecnologias, facilitaram as relações à distância e também, servem como espaço para exacerbação do sentimento."

Texto 02_021

"A saída encontrada, para essa situação, muitas vezes é a criminalidade."

Texto 02_028

"Sendo assim, a Igreja representa os interesses do povo, logo tem o direito para se manifestar no governo e na sociedade mundial."

Separando as orações intercaladas no interior de orações

Texto 02_004

"Um exemplo são pessoas que mesmo nascendo e crescendo em locais dominados pela marginalidade, são honestas e batalham todos os dias para conseguirem o que querem."

Texto 02_012

"Outros acreditam que as mídias sociais como a TV aproxima (sic) as pessoas da cultura e arte, além de mostrar a realidade, nos faz conhecer outras populações, por meio de noticiários e até novelas onde a vida de uma comunidade é retratada."

Texto 02_023

"Essa afirmativa, mesmo não estando correta, pode ser considerada uma verdade (...)."

Texto 02_057

"Dentre essas características clássicas, temos a abominação ao casamento de pessoas do mesmo sexo, a permissão (sic) do aborto, e a utilização de métodos anticoncepcionais, tais como a camisinha e o DIU."

Texto 02_061

"(...) o Brasil, mesmo sendo um país emergente, possui um índice de criminalidade vergonhosamente alto, se igualando até mesmo a países como Iraque, o que se deve por muitas razões, e muitos botam a culpa nas condições de vida precária (sic) da maioria dos brasileiros."

Texto 02_063

"(...) muitas vezes ainda podemos ver que, ao invés de ajudar aos fiéis à (sic) encontrar os valores espirituais da fé cristã, ela faz ações que apenas vizam (sic) o interesse monetário e o que irá ganhar fazendo o que faz."

Texto 02_065

"O preconceito religioso, algo muito presente na realidade atual, tem como um de seus alvos principais os ateus, pois, por não fazerem parte de nenhuma religião, todas as igrejas acabam pregando contra, eles."

Texto 02_099

"No entanto, tais programas, ao invés de mostrar o lado bom e honesto da sociedade para eventualmente estimular as pessoas a seguirem tal caminho, é mostrado a parte ruim das cidades (...)."

PERÍODOS UTILIZADOS NO TESTE – CORRIGIDOS

"Hugo Gloss trabalha na internet com seu blog sobre famosos."

"Eu não me importo com aparência física de homem, me importo com sentimento que vem do coração."

"O ato de mentir deve ser julgado a partir de suas consequências e circunstâncias."

"João estava deitado no meu colo, ele gostava de quando eu acariciava seus cabelos pretos e lisos."

"Os cabelos castanhos estavam caindo pelos ombros com cachos nas pontas, seus olhos verdes fitavam intensamente a porta do elevador."

"Logo, o indivíduo que não é bem favorecido é influenciado pela criminalidade e acaba por aumentar a má influência no país."

"As redes sociais e as demais tecnologias facilitaram as relações à distância e também, servem como espaço para exacerbação do sentimento."

"E como solução encontrada, o país cria novas leis para que mais pessoas sejam presas por seus crimes."

"Muitos indivíduos sem instrução escolar e emprego fixo veem o futuro como fuga à vida necessitada e pobre."

"Essa má influência policial tem se espalhado para os mais diversos estados e a principal alegação dos policiais corruptos são os baixos salários."

PERÍODOS UTILIZADOS NO TESTE – ORIGINAIS

"Hugo Gloss, trabalha na internet com seu blog sobre famosos."

"Eu, não me importo com aparência física de homem, me importo com sentimento que vem do coração."

"O ato de mentir, deve ser julgado a partir de suas consequências e circunstâncias."

"João, estava deitado no meu colo, ele gostava de quando eu acariciava seus cabelos pretos e lisos."

"Os cabelos castanhos, estavam caindo pelos ombros com cachos nas pontas, seus olhos verdes fitavam intensamente a porta do elevador."

"Logo, o indivíduo que não é bem favorecido, é influenciado pela criminalidade e acaba por aumentar a má influência no país."

"As redes sociais e as demais tecnologias, facilitaram as relações à distância e também, servem como espaço para exacerbação do sentimento."

"E como solução encontrada, o país, cria novas leis para que mais pessoas sejam presas por seus crimes."

"Muitos indivíduos sem instrução escolar e emprego fixo, veem o futuro como fuga à vida necessitada e pobre."

"Essa má influência policial, tem se espalhado para os mais diversos estados e a principal alegação dos policiais corruptos são os baixos salários."